

Ano X

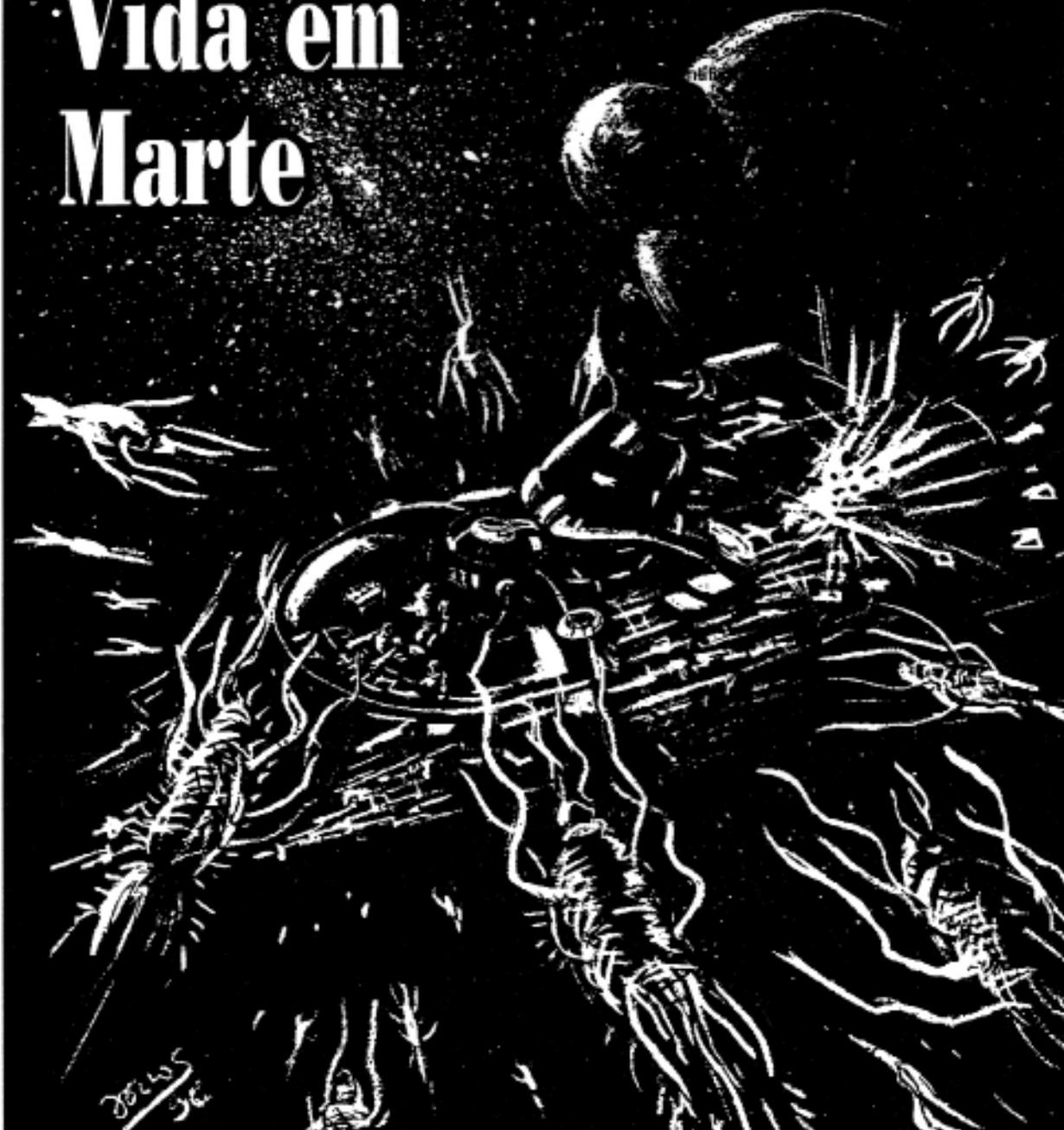
Nº 65

SOMNIUM

Publicação Oficial do
Clube de Leitores
de Ficção Científica



Especial: Vida em Marte



Nesta edição: Camarões do Espaço, de Miguel Carqueija

Índice

EDITORIAL

MARTE, A VIDA IMITANDO A FICÇÃO CIENTÍFICA 03

ESPECIAL VIDA EM MARTE

Artigos:

A POSSÍVEL DESCOBERTA DE VIDA EM MARTE
DEPOIMENTOS 08

DEPOIMENTO ESPECIAL: ALÉM DO CÉU AZUL
por Arthur C. Clarke 16

MARTE NA FICÇÃO CIENTÍFICA - A NOVA GERAÇÃO
por Fábio Fernandes 18

EVIDÊNCIAS DE VIDA EM MARTE
por Gerson Lodi-Ribeiro 22

O QUE ROLA PELO FANDOM

MÊS DE FILMES RAROS, DESACERTOS
E UM EVENTO HISTÓRICO
por Marcello Simão Branco 04

CONVENÇÃO DO CAPITÃO SULU
por Marcos Akio Katsutani 05

RESULTADOS DOS PRÊMIOS INTERNACIONAIS
NOVIDADES DO PRÊMIO NOVA 1996 06

FICÇÃO

CAMARÕES DO ESPAÇO
por Miguel Carqueija 26

FOLHA IMPERIAL
por Ataíde Tartari 32

HISTÓRIA NATURAL
por Bráulio Tavares 37

ABARATA AZUL
por Bráulio Tavares 37

RESENHAS

ZONA DE FRONTEIRA
por Fábio Fernandes: 39

Neverness 39
I, Asimov: A Memoir 41

FC Br
por Jeremias Moranu: 43

Dr. Benignus 43
Viagem à Aurora do Mundo 44

Espada da Galáxia 44
Medo, Mistério e Morte 45

ILUSTRAÇÕES

José Carlos Neves 26
Roberto Schima 08, 11, 12, 40

Serjo Robert 12
Cesar R. T. Silva 13, 14

Maurício Tavares 15
Fernando Moretti 17

KIL 24
Alexandre Mastrella 36

Anônimo 38
R. S. Causo 42

Steven Fox (USA) 48

SOMNIUM

número 65

dezembro de 1996

Editor:

Marcello Simão Branco

Arte e Diagramação:

Cesar R. T. Silva

Gerente Comercial:

Humberto Fimiani

Gerente de Produção:

Gumercindo Rocha Dorea

Digitação:

Humberto Fimiani,

Marcello Simão Branco e

Daniela de Almeida

Bittencourt Moraes

Revisão:

Cesar R. T. Silva e

Marcello Simão Branco

Tiragem: 300 exemplares

Somnium é a publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC) e tem por objetivos divulgar e desenvolver a ficção científica produzida no Brasil. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas à apreciação da editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração prévia e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião da editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob número 79.416/86. Sua diretoria para o biênio 1995/96 está composta pelos sócios Gumercindo Rocha Dória (Presidente), Ivan Carlos Regina (Secretário Executivo) e Sérgio Roberto Lins da Costa (Tesoureiro).

Correspondência:

Endereço do Clube de Leitores de Ficção Científica: Caixa Postal 2105 - São Paulo-SP - 01060-970 - Brasil.

e-mail clfc@dks.com.br. Toda colaboração relativa ao *Somnium* deve ser enviada para Av. Clara Mantelli, 110 - São Paulo/SP - 04771-180 - Brasil. Observação: Enviar as colaborações em disquete IBM PC no programa Word 6.0 ou menor.

Marte: a vida imitando a ficção científica

Fomos surpreendidos no início de agosto com uma notícia absolutamente arrebatadora: cientistas da NASA afirmam ter encontrado evidências de vida bacteriológica de uma rocha proveniente de Marte, e encontrada na Antártica. Apesar de não ser a revelação de vida inteligente, nem da confirmação oficial da existência dos discos voadores, bastou para que uma enorme polêmica se formasse em nível planetário: “Ora é só uma bactéria”, diziam alguns; “Finalmente não estamos sós”; “Nem se sabe se essa pedra é mesmo de Marte”; “Isso é só o começo de outras revelações surpreendentes que podem vir de Titã e Europa”; “Que importa? Isso foi bilhões de anos atrás”; “Isso revela que a vida não é uma excessão no universo, e pode muito bem ser a norma”; “Isso é uma jogada de marketing para levantar verbas para a Nasa”; “É a maior descoberta científica de todos os tempos”.

Todas estas frases eloqüentes, apaixonadas, e um pouco impensadas mostram o quanto a humanidade está ávida para sair de sua angustiante solidão cósmica, de tentar compreender mais cabalmente o que é o universo e qual papel (por ínfimo que seja) lhe cabe. Não vou entrar aqui no mérito de se a rocha é verdadeira, se a bactéria é mesmo alienígena, se isso é apenas o começo, um prenúncio para o terceiro milênio. O fato em si diz mais do que qualquer análise contra ou a favor.

Para nós, amantes da ficção científica, a descoberta de vida extraterrena é o mais sagrado dos temas. Boa parte do que já foi escrito neste jovem gênero literário versa sobre os mais diferentes meios com os quais a humanidade lidou com a descoberta, o contato, a invasão, a comunhão, a guerra. Para cada um de nós, sempre há uma história para contar, de alienígenas para lembrar — como se fossem nossos velhos conhecidos. Um assunto tão fascinante e ao mesmo tempo dos mais comuns para o fã de ficção científica. E no entanto, sentimo-nos quase que pegos de calças-curtas com a mais breve alusão à possibilidade de que nossos desvairados e incontados sonhos se torne realidade.

O fã de ficção científica tem uma suposta (mas real) possibilidade de ter uma postura mais aberta, atemporal e a-espacial da condição humana na Terra e no Universo. Pensar e refletir sobre a História, e os

grandes desejos consubstanciados no drama da vida fazem parte da Arte, da Literatura e dentro desta, mais do que nunca, o gênero literário nomeado impropriamente de ficção científica. Mas nem é preciso ir tão longe, basta olharmos ao nosso redor e refletirmos um pouco do momento especialmente crítico que atravessamos: de um lado, avanços tecnológicos, de outro ignorância e fome; superpopulação e poluição x globalização econômica e radicalismos nacionalistas; democracia e direitos humanos x autoritarismo e teocracias obscurantistas. O mundo não é dual, começa pela própria ambigüidade contraditória e multifacetada do próprio ser humano. E cabe também a nós amantes da ficção científica, um pouco do discernimento, da capacidade de ter o sonho presente mesmo nas mais duras situações da vida e do mundo em que vivemos. Por isso só podemos nos entusiasmar e pedir mais! Mais descobertas! Mais histórias com aliens! Mais possibilidades de nos entendermos como seres humanos unidos habitando um pálido e ínfimo ponto azul na infinitude cósmica.

Esta edição do *Somnium* faz um painel dos sentimentos dos fãs brasileiros de ficção científica: lá surge a mesma polêmica das páginas dos jornais, mas enriquecida com a erudição e o sonho que só quem ama e urge pelo maravilhoso e o desconhecido pode mostrar. Também um artigo que mostra como a produção literária americana de ficção científica destes últimos anos evoluiu em seus cenários de uma futura colonização humana em Marte — mas mesmo ela, foi pega de saia justa com a tal miraculosa ALH84001. Pois nenhum dos romances colocou a possibilidade de vida marciana em questão. E a estréia de uma coluna de divulgação científica há muito pedida pelos leitores que acerta em cheio e vem na hora exata, com o conhecimento e o didatismo de Gerson Lodi-Ribeiro em explicar em pormenores o que ocorreu de fato com este fenômeno novo e sempre surpreendente.

Mesmo para nós tão acostumados com Spock, ET, Klaatu, Heechee, Senhores Supremos, Rama, Kal El, Cthulhu, Galactus, Yoda, Klingons e muitos e muitos outros do universo da ficção científica. E por que não? Pode ser também este em que vivemos.

— O Editor

Meses de Filmes Raros, Desacertos e um Evento Histórico

por Marcello Simão Branco

As atividades da chamada comunidade brasileira de ficção científica neste segundo semestre desacelebraram um pouco em relação ao primeiro. E isto já era esperado, pois seria muita presunção termos algo próximo à II HorrorCon realizada no último fim de semana de março. Mais uma vez a Sociedade Brasileira de Arte Fantástica (SBAF) manteve a bola em movimento, seja para pará-la no meio campo em busca de uma melhor alternativa de ataque, seja para ousar um dribble em uma marcação cerrada.

Trocando as metáforas futebolísticas: Parou a bola do Prêmio Nova, não encomendando troféus dos vencedores, nem realizando uma cerimônia pública de premiação. Foram entregues bonitos certificados na casa de cada ganhador. Uma medida radical para ensaiar o retorno com toda à força e brilho para os dez anos do prêmio no ano que vem (leia as novidades ao final desta seção).

Já o dribble ousado, foi a iniciativa do “Cine HorrorCon”. Mais precisamente a exibição de vídeos raros de ficção científica e horror (não disponíveis no mercado de vídeo e há anos sem exibição nas madrugadas das TVs). Uma idéia antiga de Renato Rosatti, que Cesar R.T. Silva e Marcello Simão Branco tomaram para si em conjunto com a Gibiteca Municipal Henfil (em São Paulo) e seu incansável batalhador Klink, de tantos apoios e projetos comuns.

Os vídeos começaram a ser exibidos no mês de julho, quinzenalmente desde então. No programa, um

curta metragem de alguma série antiga, e depois um filme de ficção científica ou horror. Esta atividade tem em vista manter os fãs presentes da HorrorCon não desgarrados, tendo periodicamente algum atrativo e meio de interação mais efetiva junto à comunidade. A exibição prossegue, infelizmente até o momento, com presença de público diminuto (a tal marcação cerrada — da preguiça e da apatia). Cesar, Marcello e Renato prometem não desanimar e prosseguir com dribbles atrevidos até vencer a retranca do desânimo dos fãs em geral.

Mas e o CLFC? Ah, o CLFC... Falar das reuniões mensais é chover no molhado (embora elas estejam bem animadas, amigáveis, sem o clima de hostilidade deprimente de algum tempo atrás), o que o Clube apresentou de novo e relevante nestes meses resume-se a um fiasco. Refiro-me à participação do CLFC na Bienal Internacional do Livro realizada em São Paulo, no mês de agosto.

O combinado nas reuniões de retórica foi conseguir um espaço junto a alguma editora: Gumerindo Rocha Dorea tinha esperança de ter um estande de sua quaternária GRD, mas não deu certo. De qualquer forma, a Ibrex cedeu uma mesa para o CLFC expor e vender exemplares do *Somnium*. Mas tudo foi muito mal aproveitado.

A idéia era que alguns sócios se revezassem por lá diariamente, vestindo uma camisa estampada com uma ilustração do Clube (que foi confeccionada e distribuída a alguns

sócios), divulgando a entidade, vendendo edições de nossa publicação, camisas, entregando questionários para admissão de novos sócios, talvez um cartaz chamativo, e a venda do número 64 que no final das contas, só foi para a gráfica uma semana depois de encerrada a Bienal — e isso porque o *Somnium* estava pronto desde o início de julho...

O Clube precisa ter uma postura mais pragmática, fazer o que é possível, mas *fazer!!!* Não adianta projetos mirabolantes, deliberações, e no fim das contas, perdemos a passagem da próxima viagem a Alfa Centauri, ou que parada lhe for mais convidativa. Para o fim do ano está programado um evento dos mais interessantes: a VI Mostra de Ficção Científica: debates e exposições, com a presença de fãs e personalidades ligadas ao mundo cultural do ambiente acadêmico e jornalístico de São Paulo. Se der tudo certo (rezemos pra isso!), conto em detalhes na próxima edição.

No entanto, saindo um pouco do meteorito errante chamado fandom brasileiro *literário* de ficção científica, tivemos uma data das mais auspiciosas dia 8 de setembro: *30 anos de Star Trek*. E a Frota Estelar Brasil marcou um ponto histórico dentro do movimento trekker tupiniquim. Prometeu e cumpriu o que muitos desafetos achavam impossível: trouxe um ator da série clássica (aquela, que saudade...) para o Brasil. Então, nada melhor do que conferir o que rolou por lá, com alguém que esteve lá! Com vocês, a...

Convenção do Capitão Sulu

por Marcos Akio Katsutani

Sábado, 28 de Setembro de 1996, um dia especial para os trekkers do Brasil. Acordo cedo e me preparo para a convenção. Será mesmo hoje o grande dia? Será que vou ver e ouvir o ator George Takei? Lembrando disso me vêm a mente as emoções que sentia uns vinte e poucos anos atrás, quando me maravilhava em frente a televisão assistindo as peripécias da Enterprise e de sua incomparável tripulação. Foram momentos deliciosos de minha infância que passei ao lado de Kirk, McCoy, Spock, Sulu, Chekov, Uhura, Scotty, etc..., momentos mágicos que não voltam mais. Vivemos numa outra época; cresci e as preocupações do dia a dia me fizeram perder grande parte da capacidade de me maravilhar frente ao insondável, ao infinito e ao desconhecido.

Chego ao Palácio das Convenções do Anhembi as 9 horas da manhã e me encontro com o Celso, um amigo do Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC) e com o Wellington, um rapaz que trabalha comigo. Percorremos a mini feira de produtos relacionados a *Star Trek*, como cards, livros, naves, camisetas, bottons, etc.. Me contengo para não sair comprando tudo, pois é muito fácil gastar uma pequena fortuna lá. Compramos uma revista *Diário de Bordo*, com o ator George Takei na capa, para o caso de conseguir pegar um autógrafo.

A convenção começa atrasada, depois das 10:00. Após as palavras de abertura proferidas pelo Alto Comando da Frota Estelar, Luiz Navarro, Aldo Novak e Amaury Simoni, é exibida a entrevista do ator no programa “Jô Soares Onze e Meia”, que foi ao ar na sexta feira, um dia antes, no SBT, e o filme *Memórias* de William Shatner. Para quem leu o livro, este filme não traz novidades, mas é interessante ver as situações narradas

no livro contada pelos próprios protagonistas, como por exemplo, como a atriz Nichelle Nichols saiu e voltou à série após um casual encontro com Martin Luther King.

A parte da tarde começa com o episódio “Flashback” da série *Star Trek - Voyager*. Este filme conta com a participação do Capitão Hikaru Sulu, numa atuação muito convincente, comandando a nave Excelsior e da tenente Rand (Grace Lee Whitney). Aliás quem não se lembra da ordenança Janice Rand? Os homens com certeza sim.

A seguir foi o momento mais esperado desta convenção. Quando entrou no palco, o ator George Takei foi ovacionado com uma calorosa salva de palmas. Aliás, não poderia ser recepcionado de outro modo.

Foram uma hora e vinte minutos incluindo a palestra e a sessão de perguntas e respostas. O ator impôs sua presença com muito carisma e divertiu a platéia. Tive que me esforçar para entender a palestra em inglês, pois muitas vezes não conseguia entender a tradução. As pessoas que entendiam inglês estavam aplaudindo ou rindo durante a tradução. Takei fez um resumo dos 30 anos do fenômeno *Star Trek*; elogiou Gene Roddenberry por fazer uma ponte de comando multirracial, e aproveitando o gancho, elogiou o Brasil pela diversidade de raças vivendo em harmonia. Falou sobre os filmes para cinema, sobre o projeto de uma série com as aventuras do capitão Sulu, falou de sua satisfação ao deixar sua assinatura e a marca da sua mão na calçada da fama, etc. Aliás com relação a este episódio ele contou que os atores de *Star Trek* só deviam assinar, mas Takei não quis nem saber e tacou a mão no cimento para seguir a tradição; a seguir, após segundos de espanto,

William Shatner veio correndo e deixou sua marca também, no que foi seguido pelos outros atores.

Segundo Takei, os executivos não acreditavam que o primeiro filme no cinema seria um grande sucesso e ficaram muito surpresos. Logo surgiu a idéia de um segundo filme, mas existia um problema, os atores só aceitariam fazer um novo filme se mudassem o uniforme, pois aquele utilizado no primeiro filme era feito com uma só peça muito apertada, desajeitada e difícil de vestir. Os atores precisavam de um ajudante até quando iam atender um chamado da mãe natureza. O uniforme foi alterado e o segundo filme foi feito, assim como o terceiro, o quarto, o quinto, etc..

A palestra de Takei, de tão boa que foi, passou muito rápida. Restou a satisfação de ter realizado um sonho, de ter participado de algo muito especial. Após a sessão de perguntas e respostas, a Frota Estelar presenteou o ator com uma espada, e as poses do ator fizeram a festa dos fotógrafos. A seguir, veio na minha opinião a parte mais falha da convenção, em meio a entrega de presentes o ator acabou a apresentação e saiu do palco sem que recebesse a merecida salva de palmas final.

Mas a convenção continuou, e a seguir tivemos o episódio “Relics” da série *Star Trek - The Next Generation*, que conta com a participação do engenheiro Montgomery Scott. Durante este filme algumas pessoas das primeiras fileiras (eu, por exemplo), que pagaram mais caro por isso, puderam pegar autógrafo e cumprimentar o ator George Takei. Foi como fechar o dia com chave de ouro.

Mas ainda teve mais um filme, “Q-Who” da série *Star Trek - The Next Generation*. Neste filme ocorre a primeira aparição dos Borgs e é impor-

tante para a compreensão do próximo filme do cinema *Star Trek VIII - First Contact*.

Durante a convenção tivemos o prazer de encontrar o editor Gumerindo Rocha Dórea, importante incentivador da ficção científica no Brasil e presidente do Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC).

Apesar dos bons filmes que passou, o que marcou mesmo foi a presença de George Takei. Após a sessão de autógrafos, foi como se a convenção tivesse acabado. Este é um exemplo onde o ator, a pessoa, é muito mais interessante que o personagem, Sulu, que teve uma participação limitada na série.

Por tudo que o ator disse ele adorou o Brasil e pretende voltar. Espero que ele volte e que outros atores venham também para enriquecer o movimento trekker no Brasil.

Enfim, quando esta convenção acabou, deixou uma imensa alegria e um vazio, uma sensação de “quero mais”!

Resultados de Prêmios Internacionais

Conforme combinado na edição passada temos a seguir os vencedores de dois dos principais prêmios literários da ficção científica americana e internacional. O mais tradicional, popular e representativo é o HUGO. Ele vem sendo concedido desde 1953 nas convenções mundiais de ficção científica. Os vencedores são escolhidos por votos diretos dos participantes do evento. Este ano a convenção realizou-se em Los Angeles, a chamada LaCon III. A novidade desta convenção foi a premiação de um HUGO retroativo a 1946. Uma homenagem à primeira convenção mundial realizada em Los Angeles naquele ano. O prêmio LOCUS também trouxe seus vencedores, escolhidos pelos leitores da influente revista de mesmo nome.

Prêmio Hugo 1996

- = Melhor Romance:
The Diamond Age,
Neal Stephenson (Bantam Spectra)
- = Melhor Novela:
“The Death of Captain Future”,
Allen Steele (*Asimov's* 10/95)
- = Melhor Noveleta:
“Think Like a Dinossaur”,
James Patrick Kelly (*Asimov's* 6/95)
- = Melhor Conto:
“The Lincoln Trains”,
Maureen F. McHugh
(*Fantasy & Science Fiction* 4/95)
- = Melhor Livro de Não-Ficção: *Sci-*

- ence Fiction: The Illustrated Encyclopedia*, John Clute
(Dorling Kindersley)
- = Melhor Filme (Cinema e TV): *Babylon 5: “The Coming of Shadows”*
(Warner Brothers)
- = Melhor Editor Profissional: Gardner Dozois
- = Melhor Artista Profissional:
Bob Eggleton
- = Melhor Trabalho de Arte Original:
Dinotopia: The World Beneath,
James Gurney (Turner)
- = Melhor Semi-Prozine:
Locus, Charles N. Brown, editor
- = Melhor Fanzine:
Ansible, Dave Langford, editor
- = Melhor Escritor-Fã:
Dave Langford
- = Melhor Artista-Fã:
William Rotsler

Prêmio John Campbell para Melhor Autor Novo: David Feintuch

Prêmio Hugo 1946 (Retroativo)

Por estranho que pareça temos mais afinidades com os vencedores de 1946. Isso porque são histórias hoje clássicas e também porque muito pouco conhecemos da ficção científica dos anos 90 publicada nos Estados Unidos. Esta espécie de reconhecimento tardio é uma esperta jogada de marke-

ting. Mas é ao mesmo tempo um resgate histórico interessante a obras e autores que não dispunham de um prêmio na época em que produziram seus trabalhos. A seguir os vencedores, nossos velhos conhecidos e suas histórias, revistas, ilustrações e filmes *sense of wonder*:

- = Melhor Romance:
“The Mule” (“O Mulo”),
Isaac Asimov
(*Astounding SF* 11-12/45;
também publicado como Parte II de *Foundation and Empire* — e no Brasil, na Parte II de *Fundação e Império*, editora Hemus)
- = Melhor Novela:
Animal Farm
(*A Revolução dos Bichos*),
George Orwell (Secker and Warburg)
- = Melhor Noveleta:
“First Contact”
 (“Primeiro Contato”),
Murray Leinster
(*Astounding SF* 5/45;
no Brasil pela *Antogia Cósmica*, edição de Fausto Cunha, editora Francisco Alves)
- = Melhor Conto:
“Uncommon Sense”,
Hal Clement (*Astounding* 9/45)
- = Melhor Filme:
The Picture of Dorian Gray
(*O Retrato de Dorian Gray*)
(Metro Goldwyn-Mayer)
- = Melhor Editor Profissional:
John Campbell, Jr.

= Melhor Artista Profissional:
Virgil Finlay
= Melhor Fanzine:
Voice of the Imagi-Nation,
Forrest J. Ackerman, editor
= Melhor Escritor-Fã:
Forrest J. Ackerman
= Melhor Artista-Fã:
William Rotsler*

* Isso mesmo. Ele também ganhou o HUGO deste ano na mesma categoria, 50 anos depois!!!

Prêmio Locus 1996

= Melhor Romance de Ficção Científica: *The Diamond Age*, Neal Stephenson (Bantam Spectra)
= Melhor Romance de Fantasia: *Alvin Journeyman*, Orson Scott Card (Tor)
= Melhor Romance de Horror/Dark Fantasy: *Expiration Date*, Tim Powers (HarperCollins, UK; Tor)
= Melhor Romance de Estréia:

The Bohr Maker, Linda Nagata
= Melhor Novela: *Remake*, Connie Willis (Ziesing; Bantam Spectra)
= Melhor Noveleta: “When the Old Gods Die”, Michael Resnick (*Asimov’s* 4/95)
= Melhor Conto: “The Lincoln Trains”, Maureen F. McHugh (*Fantasy & Science Fiction* 4/95)
= Melhor Livro de Não-Ficção: *Science Fiction: The Illustrated Encyclopedia*, John Clute (Dorling Kindersley)
= Melhor Livro de Arte: *Spectrum II: The Best in Contemporary Fantasy Art*, Cathy Burnett & Arnie Fenner, editores (Underwood Books)
= Melhor Coletânea: *Four Ways to Forgiveness*, Ursula K. Le Guin (HarperPrism)
= Melhor Antologia:

The Year’s Best Science Fiction: Twelfth Annual Collection, Gardner Dozois, editor (St. Martin’s)
= Melhor Artista: Michael Whelan
= Melhor Editor: Gardner Dozois
= Melhor Revista: *Asimov’s*
= Melhor Editora: Tor/St. Martin’s

Além de ser um dos quatro mais prestigiados prêmios da ficção científica americana, o Locus é uma espécie de prévia do HUGO, já que é anunciado dois meses antes. É o chamado prêmio dos fãs que lêem ficção científica. Já que o Hugo abrange os mais variados segmentos e preferências dentro do fandom. E este ano não foi diferente: das seis categorias coincidentes entre os dois prêmios, quatro tiveram os mesmos vencedores.

Novidades para o

Prêmio Nova 1996

A Sociedade Brasileira de Arte Fantástica, por meio de seu Comitê Organizador, apresenta as seguintes alterações para o NOVA em seu décimo ano: As categorias diminuem de 13 para quatro. Desaparece a divisão entre “Geral” (para trabalhos profissionais) e Fã (para trabalhos do fandom). As categorias estrangeiras também somem. As novas categorias fixas são:

- # Melhor Ficção Nacional (melhor trabalho do ano entre o fandom e o profissional)
- # Melhor Fanzine (permanece como está)
- # Melhor Ilustrador (melhor artista que publicou no fandom e/ou como profissional)
- # Melhor História em Quadrinhos (melhor trabalho do ano entre o fandom e o profissional).

O sistema de votação continua dividido em duas fases. Na primeira os fãs votam e os três melhores colocados em cada categoria levados ao Jurí que define o vencedor — à exceção da categoria de quadrinhos que continua do jeito que está, com os votos dos leitores definindo diretamente o vencedor. O número de jurados diminui de cinco para três. Eles ainda serão convidados.

A novidade neste ítem é que as cédulas serão numeradas (ou assinadas pelos organizadores) para evitar tentativas de lobbies e fraudes, freqüentes nestes últimos anos.

O prêmio ‘Gumercindo Rocha Dórea para Melhor Autor Novo’ continua em vigor. Ele é trienal e sua segunda edição acontecerá em 1997. Os trabalhos concorrentes são julgados apenas pelos jurados.

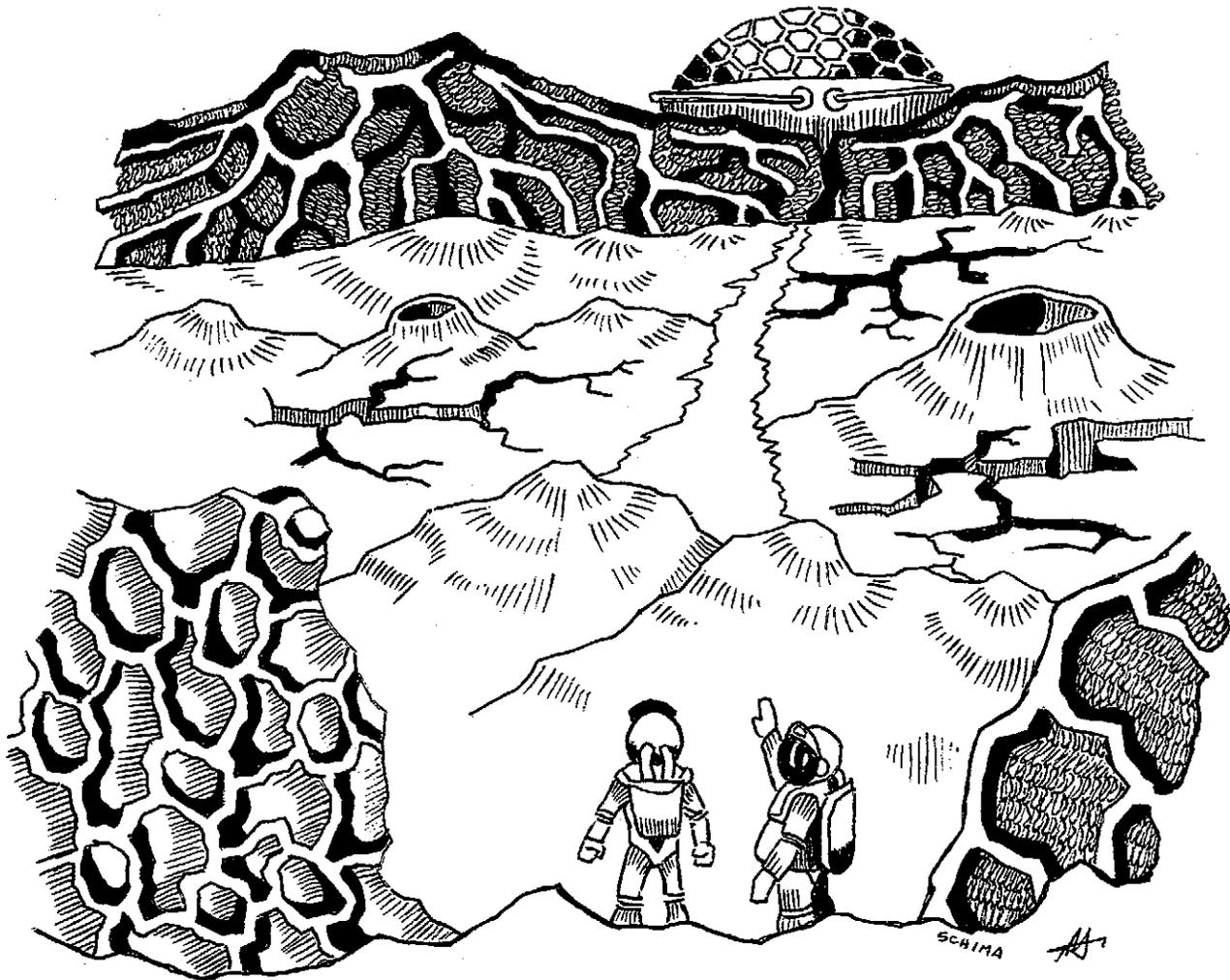
A partir do próximo ano está criado o Prêmio Contribuição Artística. Ele será outorgado pelo Comitê, e tem por objetivo reconhecer o trabalho de uma obra ou personalidade de destaque, mas que não se enquadra necessariamente nas categorias fixas. Ele não será obrigatoriamente concedido todos os anos. Apenas quando o Comitê julgar relevante.

O NOVA voltará a ter premiação pública em local e data a ser confirmado e anunciado. Voltam também os troféus para os vencedores — provavelmente com modificações em relação ao modelo tradicional.

Debate: A Possível Descoberta de Vida em Marte

Esta edição do *Somnium* não poderia ficar indiferente ao meteorito marciano ALH84001. Mas o que ele tem demais, além deste nome estranho e insofrito? De acordo com cientistas da Administração Nacional para a Aeronáutica e o Espaço (NASA) foi encontrado indícios de fósseis de bactérias alienígenas na pedra vermelha que se desgarrou de Marte e foi parar na Antártida há 13 mil anos. A vida extraterrestre é, talvez, o maior sonho do fã

de ficção científica. Os depoimentos que seguem são de fãs de ficção científica, uns mais poéticos, outros racionais, e até os polêmicos e desconfiados. Seja verdade ou não, o fato por si, é transcendente e histórico. E o *Somnium* como uma das principais vozes da ficção científica brasileira deixa em suas páginas a *visão brasileira* de um assunto tão ansiado e pela primeira vez admitido oficialmente.



Ivan Carlos Regina:

Agora, definitivamente não estamos mais sós. Cumprida a profecia mais esperada da ficção científica, *Nós*, da espécie humana, que desfilamos nossa tecnologia na Quinta Avenida, que compramos e vendemos na Paulista, que caminhamos com nossos pés desnudos, famintos no Burundi, passamos a compreender nossa missão no Cosmos, e abandonamos a teoria geocêntrica que até então embalava nossos egos desvalidos.

Uma lua tocada, guardiã da potencialidade humana, revela em segundo plano os bilhões de estrelas virgens, moldura de um universo desconhecido onde até ontem esta espécie tinha a pretensão de se dizer rainha.

Neste afã de poder e na ânsia de possuir coisas, devastamos nosso lar, matamos e mutilamos nossos irmãos, usamos nossa tecnologia emergente para aumentar a desigualdade entre os povos, arraigar preconceitos, cristalizar os ódios, e nos afastamos progressivamente de nossos primeiros objetivos.

Evidentemente no discurso panegírico da insensatez humana perguntarão alguns: — Mas há vida inteligente no planeta Marte?

E responderemos nós, por debaixo da colunata que ampara a história desta raça infeliz: — Mas há vida inteligente no planeta Terra?

Ainda é tempo de mudança: Ao invés da guerra e da fome, propaguemos a nossa pegada na amplidão destes astros radiosos. Que o fato de termos companheiros de viagem no navio universo que singra do agora rumo ao futuro infinito, traga compreensão e amor, e o medo do desconhecido seja superado pelo entendimento entre os homens neste planeta, pêra azul onde nossos destinos se entrelaçam.

E, da pequenez deste local, e da incerteza do momento e da oscilação

bruxuleante do tempo e da matéria, recebamos, em atitude de súbita humildade, esta mensagem decifrada que recebemos agora do universo: em forma de meteorito, a hóstia que consagra e redime a espécie humana.

Brindemos, com o vinho da paz, o périplo galáctico que juntos iniciamos em busca da compreensão universal.

Em nossas retinas, orgânicas ou em forma de chip, a luz das estrelas indique o destino final da raça humana.

— Ivan Carlos Regina, engenheiro, é Secretário Executivo do CLFC, autor do Manifesto Antropofágico da Ficção Científica Brasileira, publicou a coletânea *O Fruto Maduro da Civilização* (FC GRD 16, 1993).

Gerson Lodi-Ribeiro:

Uma equipe de cientistas norte-americanos anunciou no início de agosto ter encontrado fortes evidências da presença de bactérias fósseis num meteorito que teria vindo de Marte.

Bem, ainda não se trata nem de um resultado positivo do esforço em busca da inteligência extraterrestre, que a comunidade científica vem entendendo há décadas, e tampouco de um primeiro contato oficial da humanidade com uma civilização alienígena.

Mas então, se os E.T.s não pousaram no jardim da Casa Branca e nem o Carl Sagan apareceu em cadeia mundial para anunciar o contato com a Grande Rede da Galáxia de Andrômeda, que importam umas bacteriazinhas que muito provavelmente nem existem mais, mas teriam vivido em Marte há uns três ou quatro bilhões de anos?

Pera aí! Uma coisa de cada vez. Ou, como diria Jack, o Estripador, vamos por partes. Em primeiro lugar, você não estava mesmo esperando que a tal rede galáctica nos atendesse tão cedo, não é? Pelo menos, não nos próximos cinco mi-

lhões de anos... Esses figurões estão sempre ocupados, e um segundo do tempo deles vale mais do que pobres infra-sencientes podem conceber.

E quanto a um primeiro contato oficial, digam os ufólogos o que disserem, em termos de localização galáctica, o nosso sistema fica meio fora de mão... Entendam, não é nada pessoal. Mas é que não existe muita coisa de interesse para alienígenas de uma cultura estelar fazerem na Terra... Ou seja, os tais aliens por aqui só aparecem se estiverem perdidos, p'rá lá de Alpha-Centauri, muito, muito longe de casa.

Mesmo assim, uma vez confirmada, a descoberta dessas humildes formas microscópicas terá uma importância tremenda! A partir dessa confirmação, a origem da vida deixa de ser encarada como um milagre, e passa a ser vista como mero fenômeno estatístico. Mesmo nos seus melhores dias, Marte nunca foi tão hospitaleiro à vida quanto a Terra. E é justamente essa a questão: se até Marte pôde abrigar vida, este é um sinal claro de que a origem da vida é um fenômeno muito mais vulgar do que a ciência até hoje supunha. E, se a vida é como que uma consequência mais ou menos natural da evolução dos planetas, é bem provável que existam formas biológicas numa quantidade de mundos bem maior do que as nossas estimativas mais otimistas. Mas, vamos com calma! Uma galáxia fervilhando de vida não quer dizer, necessariamente, cinquenta milhões de civilizações técnicas... Estamos falando de vida microscópica. E, se a evolução da vida na Terra nos ensina algo é que a transição do unicelular para o pluricelular é muito mais difícil e demorada do que o mero aparecimento de formas bacterianas.

Contudo, independentemente de confirmação posterior, esses resíduos orgânicos no meteorito marciano

Especial Vida em Marte

parecem que vão ser de suma importância para o renascimento da exploração planetária em grande estilo em geral, e do programa espacial americano em particular. E, quem sabe, quantos avanços tecnológicos e sociais não advirão desse esforço que certamente veremos nos próximos anos? Se a corrida espacial das décadas de 1950 e 60 nos deram a microeletrônica, os computadores pessoais e o controle de qualidade moderno, o que devemos esperar dessa nova corrida científica para explorar o planeta vermelho?

— Gerson Lodi-Ribeiro diz que “não é uma bactéria fóssil marciana. Fóssil em termos de ficção científica brasileira até pode ser. Bactéria, é questão de opinião pessoal (opinião, aliás, que pode ter lá os seus defensores), mas *marciana*, não, pô!!! Brincadeiras à parte, Gerson Lodi-Ribeiro é pos-graduado em astrofísica, fã, pesquisador e escritor de ficção científica, seu último trabalho profissional foi o conto “Os Emissários de Nêmesis”, *Dinossauria Tropicália* (FC GRD 18, 1994).

Gilberto Schoereder:

Eu nunca deixo de me surpreender com a capacidade do ser humano em extasiar-se com o óbvio; com a capacidade dos meios de comunicação em transformar o simples em notícia de primeira página, e manter as coisas nesse estado de êxtase pelo maior tempo possível, a fim de venderem o quanto puderem de jornais, revistas ou programas de televisão; com a facilidade com que organismos internacionais conseguem mobilizar a opinião pública em torno de um determinado assunto, por mais imbecil que seja, a fim de obterem maior divulgação de suas atividades e, a partir disso, maiores verbas para seus programas.

No caso em questão, do meteorito provavelmente vindo de Marte, no

qual foram encontradas evidências de vida, todos esses aspectos são visíveis. Nos últimos 50 anos, milhões — de pessoas, em todo o planeta, já tiveram a oportunidade de ver ou entrar em contato direto com objetos voadores não identificados e/ou seus tripulantes e, ainda assim, o assunto jamais ganhou a consideração científica que merecia. Pelo contrário, sempre foi execrado. No entanto, basta um pronunciamento da NASA sobre um ridículo fragmento de rocha, e o mundo se mobiliza. E entra em êxtase. Mais que isso. Não faz muito tempo, a própria NASA divulgou ao mundo as filmagens de uma de suas expedições espaciais — Gemini ou Apollo, não me recorde bem qual — na qual a cápsula era seguida por OVNI. E, no entanto, não se viu qualquer manifestação científica sobre o assunto. Nada! E agora, o pedaço de rocha.

Realmente é fabuloso! Agora, não estamos mais sozinhos! Temos a companhia das interessantes e alienígenas bactérias, micróbios ou seja lá o que for.

Certamente, é uma companhia à altura da nossa inteligência espetacular.

— Gilberto Schoereder, fã de ficção científica, é jornalista, autor de *Ficção Científica* (Francisco Alves Editora, 1986).



Adriana Simon:

Já dizia A. Sternfeld antes de 1954: “Se é verdade que os escritores por vezes impulsionam as investigações científicas, a afirmação contrária é ainda mais fundamentada, pois as conquistas da ciência fornecem uma rica matéria literária”.

No final do século XIX a habitabilidade de Marte já era um assunto muito discutido entre astrônomos e apaixonou um público numeroso, devido às linhas assinaladas na superfície do planeta e que foram consideradas na época, como canais abertos por seres vivos. A discussão teve como reflexo na literatura, o romance *Em Dois Planetas* (1897), de Laswitz, que aliou uma rica fantasia a dados científicos. Na fronteira dos séculos XIX e XX, H. G. Wells celebrou-se com os marcianos de *A Guerra dos Mundos*.

Por coincidência estréia próximo a essa discussão sobre vida em Marte o filme *Mars Attacks!*, que é uma comédia ao que tudo indica não baseada em conceitos científicos. Mas, provavelmente surgirão agora outros grandes romances baseados nessa nova “descoberta”.

Praticamente todos os que gostam de ficção científica acreditam que haja vida fora da Terra. Por que? Não é porque somos imaginativos, ou porque temos a cabeça na Lua (ou em outro astro qualquer), mas devido ao fato de que a maioria de nós pensa com a lógica. Afinal de contas, é tudo uma questão de probabilidade. Em um universo tão grande (infinito?), com tantas galáxias, estrelas, planetas..., será que só existe *um* planeta com vida?

Vemos constantemente em filmes e livros teorias e especulações sobre o assunto. Talvez já se tenha provas concretas há muito tempo, sobre a existência de vida em outros planetas, mas só agora que está vindo à tona oficialmente (há controvérsias). Agora que estamos nesta onda de

ficção científica e ufologia (graças a Deus!), em que o assunto é tratado mais freqüentemente em jornais e revistas não especializadas, muitas especulações estão sendo feitas. Além da (suposta) vida em Marte, também está sendo veiculado pela Internet que encontraram na atmosfera de Júpiter presença de compostos orgânicos que indicam a possível existência de vida.

Como seres voltados à lógica, vamos esperar confirmações para então acreditar. Uma coisa temos certeza, pode não ser agora, porém mais cedo ou mais tarde eles aparecem.

— Adriana Simon, engenheira, é fã de ficção científica e co-editora do *Informativo CLFC*.

Fábio Fernandes:

Está lá, em algum canto da memória, embora eu não tenha provas concretas para apresentar: a primeira história que escrevi, aos nove anos, contava as histórias de um astronauta americano (sic) contra o Imperador de Marte (sic também). Hoje olho para trás e acho graça, mas isso não era incomum para uma criança que via *Star Trek*.

Claro que, naquela época, o grande barato era a Lua. Eu assisti ao pouso do homem lá, e lembro bem dos módulos lunares de papel e plástico que ganhei para montar. O entusiasmo pelos vôos espaciais estava no auge, e Marte era a próxima fronteira.

Aí, a Viking esteve lá em 1976, e não registrou nada além de rochas e solo árido. Desânimo para a maioria das pessoas, mas para o fã mais ardoroso já era um grande passo termos enviado uma nave não-tripulada até lá. O que viria a seguir?

Foram as Voyagers que nos anos 80 desbravaram o resto do sistema solar. E os ônibus espaciais, projeto antigo e que sofreu um atraso com a explosão da Challenger.

Mas de alguns anos para cá, o interesse por Marte foi voltando aos



poucos. Quem acompanha a literatura de ficção científica americana percebeu essa nova tendência a partir de 1992, com romances sobre Marte para todos os gostos. Mas, embora se pudesse observar uma dose imensa de pesquisas (só *Red Mars*, de Kim Stanley Robinson, levou cerca de dezessete anos até ficar pronto), tudo ainda era especulação.

No mês passado, contudo, a leitura casual de um jornal me chamou a atenção: haviam sido descobertas evidências que podem transformar toda essa ficção em realidade. Até o momento em que escrevo isto (início de setembro), não se sabe ao certo se as bactérias encontradas no meteorito da Antártida são mesmo de Marte, mas sem dúvida toda essa discussão trouxe um pouco mais de respeitabilidade à ficção científica (pelo menos lá nos EUA), e essa exposição à mídia pode ser decisiva na formação de uma missão no começo do século XXI.

Aí eu me lembrei do meu tempo de criança (e é muito bom a gente se sentir criança aos trinta): espero ainda estar vivo para ver o homem pousar em Marte.

— Fábio Fernandes, fã de ficção científica, é escritor, tradutor e crítico. Traduziu, entre outros, os livros de Clive Barker no Brasil.

Braulio Tavares:

A descoberta de vestígios de bactérias em rochas marcianas tem, sem dúvida, uma grande importância para a ciência, mas não para a literatura. Por que? Porque a ciência precisa de evidências factuais, concretas, para desenvolver suas idéias, e a literatura não. Se quisermos escrever um conto hard sobre o dia-a-dia de micro-organismos na poeira marciana, *não precisamos de provas* de que esses micro-organismos existiram. Da mesma forma, se quisermos imaginar uma civilização marciana, não precisamos de provas ou de pistas, basta que nossa imaginação se organize de forma coerente e plausível.

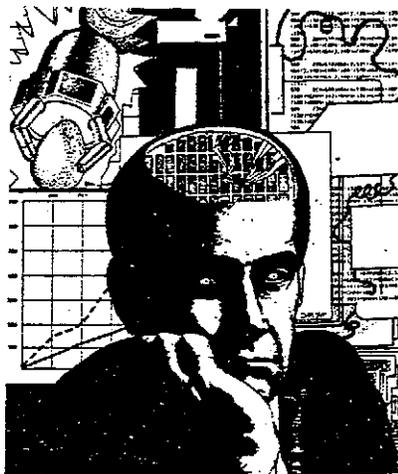
O Marte da ficção científica será sempre o planeta de histórias impossíveis de acontecer no Marte da ciência. É o Marte de Ray Bradbury em *Crônicas Marcianas*, de Roger Zelazny em *A Rose for Ecclesiastes*, de Fausto Cunha em *As Noites Marcianas*, de Rex Gordon em *Quinze Anos em Marte...* É também (para falar de minha própria experiência) o Marte de “O Espelho-Relâmpago no Oco do Ciclone”, que foi criado com o auxílio de meia dúzia de páginas e fotos de um velho livro de astronomia popular. A ciência nos dá o “mote”, por assim dizer, e nós escritores temos que nos sentir à vontade para glosar esse mote de acordo com a nossa imaginação. A literatura é uma coisa tão ampla e tão livre que ela pode, eventualmente, decidir ser apenas uma transição de hipóteses científicas: mas querer que ela seja apenas isso é empobrecê-la. Digo mesmo que, em ficção científica, o que mais me interessa é o que *não poderia acontecer na vida real*.

Se amanhã os cientistas descobrirem vestígios de muralhas, palácios e pirâmides na superfície de Vênus, isso sem dúvida estimulará muitos escritores a imaginar uma civilização venusiana. Mas o nó da questão é: para imaginar essa civilização, *não*

Especial Vida em Marte

precisamos saber se essas ruínas existem. Temos autoridade para criar as coisas do zero.

— Braulio Tavares, músico e jornalista, é escritor e pesquisador de ficção científica e fantasia. Venceu o Prêmio Caminho de Portugal 1989, com a coletânea *A Espinha Dorsal da Memória*, publicou *A Máquina Voadora* (Rocco, 1994), e *A Espinha Dorsal da Memória/Mundo Fantasma* que acaba de sair pela Rocco.



Finisia Fideli:

A descoberta de bactérias primitivas num fragmento de meteoro vindo de Marte há milhões de anos, reacendeu as possibilidades da NASA enviar expedições ao nosso vizinho no Sistema Solar. A imprensa mundial berrou a plenos pulmões que enfim existiriam formas de vida fora da Terra.

E logo em Marte! Pois o Planeta Vermelho não tem sido palco das mais ousadas fantasias?

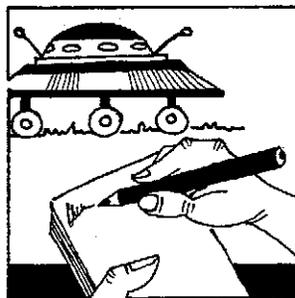
Quem gosta de ficção científica tem no quarto mundo do Sistema Solar quase uma extensão de suas casas. Navegamos seus canais em diáfanos embarcações de cristal. Desbravamos um planeta selvagem e guerreiro, pleno de antigo romantismo. Moldamos esse mundo à nossa ima-

gem, com florestas de sonho e águas vivificadoras. Encontramos marcianos belos e terríveis, com face de inseto, antenas verdes, orelhas pontudas ou cinco palmos de altura. Mas os estranhos fomos nós, tivéssemos ou não sido convidados.

E lá vem os cientistas falar em sondas não-tripuladas, robôs e engenhocas mecânicas. E nós, como ficamos? Quando iremos pisar aquele solo de areia vermelha, sobrevoar a imensidão dos canyons, suportar as temperaturas extremas, e, num derradeiro hausto de ar, em meio a erupções vulcânicas e ruínas de uma antiga civilização perdida, bater no peito e gritar “Eu vi. Sou um estranho numa terra estranha, e porque um pedregulho caiu do céu, o sonho não ficou esquecido”?

Aqueçam os motores, arrumem os fato-macacos e olhem para cima. Aquele pontinho vermelho ao longe, meus amigos, é Marte, o deus da guerra.

— Finisia Fideli, médica homeopata, é fã e escritora de ficção científica e fantasia. Sua mais recente ficção publicada foi “O Ovo do Tempo”, em *Dinossauria Tropicalia* (FC GRD 18, 1994).



Cesar R.T. Silva:

Minha última viagem pelo espaço profundo só foi possível graças à especiaria dos Chai Huluds de Arakakis, ocasião na qual conheci os dragões que povoam o planeta Aerlith: Moloques, Megeras e Assassinos Galopantes são muito úteis contra inimigos beligerantes. Em Pern habitam outros Dragões, inteligentes, que ajudam a humanidade contra os perigosos fios. Os Senhores Supremos, com aparência de demônios, vieram a Terra para ajudar os homens a evoluir. Os Heechee deixaram sua tecnologia para a gente vasculhar o universo — e os Suaves deram seu “alô” ajudando a humanidade na descoberta de uma fonte limpa de energia, enquanto que o povo que construiu Rama ainda é um mistério em seus desígnios. O que já não se pode dizer dos marcianos que tentaram invadir a Terra no início do século e foram sumariamente repelidos, apesar de sua princesa Deja Toris, ser casada com um terráqueo. Mesmo depois disso, ainda nos enviaram um messias psicodélico, que tratamos de crucificar. Atualmente, seus telefones tocam para canais surdos e os loucos sonham com cidades perdidas. Perigo real corremos com as ignóbeis Trífides que quase nos levaram a extinção. E com os Boskonianos, que nos esperam no futuro com as mais abjetas intensões. Guky e Atlan estão sempre por aí, se metendo em nossa política planetária, enquanto nós perturbamos milenares consciências oceânicas. Nós não sabemos mesmo aquietar o nosso rabo.

Por sorte, afinal isso não acontece com muita frequência, recebemos a visita de Klaatu e Gort para nos avisar dos perigos da guerra total, embora não tenha valido muito. Pobre Klaatu. Ainda tivemos entre nós o desesperado Exeter, cuja civilização foi totalmente aniquilada, um simpático alienígena botânico que passou maus bocados, um monolito vivo que

literalmente nos ensinou a pensar, escapamos de boas contra predadores, bolhas, coisas do Ártico, x-tros e uma infinidade de vampiros alienígenas animais, vegetais e minerais. Devil's Tower recebeu a mais piro-técnica dessas visitas, mas o último 4 de julho garantiu nossa supremacia universal. Empresários descobriram uma raça com promissoras aplicações bélicas numa viagem do cargueiro Nostromo às ruínas de uma raça desconhecida no planeta Kreel e uma de nossas mais proeminentes astronautas achou um anjo de verdade quando tentou resgatar o renegado Duran Duran. Relatos têm dado conta de que numa galáxia muito distante, há muitos e muitos anos, Eewocks, Wookies, um velho e venerando mago chamado Yoda e um bandoleiro desprezível de nome Jabba, fizeram história.

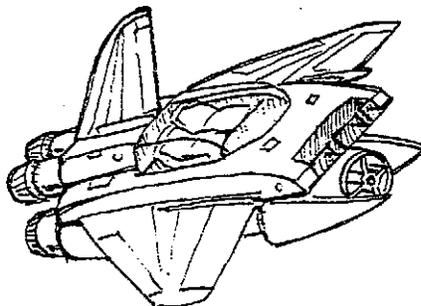
O planeta Krypton mandou à Terra o seu embaixador Kal El, que até hoje reside em Metrópolis, Estados Unidos. Um jogador da Liga Americana de Futebol teve uns arranca-rabos com o imperador do planeta Mongo, onde passou as últimas férias, quase causando um incidente diplomático de dimensões planetárias. Quando Galactus passou pela Terra para fazer uma boquinha, um Surfista intercedeu em nosso favor, ganhando assim o título mundial Quicksilver Pro e Darkseid, do planeta Apokalips, continua dando trabalho aos heróis de plantão.

Ainda bem que sempre temos um Mega, um Super ou um Ultra para nos proteger de monstros alienígenas e Inkas Venusianos que nunca chegam a sair do Japão. Invasores montaram uma excepcional rede de espionagem nos Estados Unidos, mas a falta de seu dedo mindinho denunciava-os. Hoje, o único sobrevivente é líder político de esquerda no Brasil. Pior destino tiveram os homens-lagartos embora a líder deles até desse pro gasto, não sobrou nenhum. Uma espaçonave de trans-

porte de escravos caiu em Los Angeles e os sobreviventes foram tão assimilados pela cultura terrestre que sumiram: osmose racial. Tomara seus senhores nunca nos encontrem. Estudiosos dizem que já vieram e foram repelidos: alguns afirmam que eram do Império Galman, comandados pelo General Deslock, outros que eram os gigantes Zendraedis, ou até mesmo os Nosa, que deram muito trabalho para os Esquadrão White Knight. Mas há quem garanta que não devemos temer por isso. Discos voadores surgem aos montes por toda a parte, do alto das montanhas ao fundo dos mares e até na pacata Varginha. O FBI tem arquivos repletos dessas ocorrências, ainda que o Livro Azul as conteste. Porém uns caras da NASA acharam um pedregulho na Antártica, o ALH84001, supostamente marciano, que teria em seu bojo resíduos fósseis de bactérias igualmente marcianas que viveram há três bilhões de anos.

Já diria o filósofo vulcano: — Fascinante!

— Cesar R.T. Silva, publicitário e artista gráfico, é editor do mais antigo fanzine brasileiro de ficção científica, o *Hiperespaço*. Um dos organizadores da HorrorCon, ilustrador, venceu o Prêmio 'Gumercindo Rocha Dórea' para Melhor Autor Novo 1994, e tem publicado profissionalmente "O Dinossauro que Nunca Existiu", na coletânea *Dinossauria Tropicália* (FC GRD 18, 1994).



Alfredo Franz Keppler Neto:

O *timing* foi perfeito, dá até para pensar num golpe publicitário. Bem na hora em que o Congresso norte-americano estava para cortar as verbas (e os empregos) para pesquisa de vida extraterrestre, dois cientistas anunciam no dia 7 de Agosto passado ter descoberto "fósseis de bactérias" num meteorito (supostamente) vindo de Marte. E veio a calhar também a média ressuscitar os velhos temores da Terra ser invadida por multidões de seres repulsivos vindos de Marte, justo agora que a falta de poderosos inimigos locais ameaçava com desemprego também o complexo industrial-militar americano.

Tirando estas considerações conspiratórias, eis um resumo dos fatos: descobriram num meteorito coletado numa geleira da Antártida, minerais semelhantes aos minerais marcianos, analisados *in loco* pelas sondas Viking na década de 70. Mais interessante, acharam também naquele meteorito resíduos de compostos orgânicos similares aos resíduos fósseis de bactérias pré-históricas terrestres que, pelas circunstâncias, não poderiam ter contaminado o meteorito. Presumiu-se portanto que há algum tempo atrás, um violento impacto de outro meteorito com Marte arrancou dele estilhaços, que vagaram pelo espaço até serem atraídos para cair na Terra, carregando consigo os tais fósseis. A datação com base na contagem dos traços de raios cósmicos e a composição isotópica peculiar dos minerais do meteorito forneceram as evidências para a teoria. Teoria que aliás não é nova, tendo sido popular, sob o erudito nome de "panspermia", lá pelo começo deste século como possível explicação para a origem da própria vida na Terra. Ela acabou porém desacreditada, por ter apenas transferido o problema para outro lugar, sem explicar exatamente como começou a vida a par-

Especial Vida em Marte

tir do inanimado : algo como os políticos fazem com as dívidas dos governos passados, com resultados semelhantes.

Só isso porém não seria muito conclusivo quanto à existência de vida em Marte, como aliás fizeram questão de salientar os próprios descobridores. Ou, mais exatamente, quanto à possível existência de vida marciana num passado remoto, já que nenhum organismo com base na química do carbono poderia sobreviver em Marte, nas suas atuais condições extremamente hostis : atmosfera rarefeita de gás carbônico, que deixa passar doses mortais de radiação ultravioleta, ausência total de água líquida etc...

Já existiam entretanto outras fortes evidências de que o clima marciano teria sido muito mais ameno no passado, possibilitando até a presença de água líquida durante um certo período de tempo. Estudos climatológicos e de dinâmica orbital utilizando poderosos super-computadores, mostram que as variações seculares da inclinação do eixo de rotação de Marte, conjugadas com a sua órbita acentuadamente elíptica em torno do Sol, conduzem a oscilações climáticas bastante acentuadas ao longo das eras. Também, fotos das sondas orbitais Viking mostram evidências de *canyons* cavados por violentas torrentes, vales sinuosos como os de bacias fluviais com afluentes e tributários, assim como calotas polares, que pelas condições locais, só podem ser compostas por gelo de água. Mesmo considerando a menor atração gravitacional de Marte, a maior parte dessa água deve ainda estar por lá, seja bloqueada nos polos, seja abaixo do solo ressequido do deserto marciano.

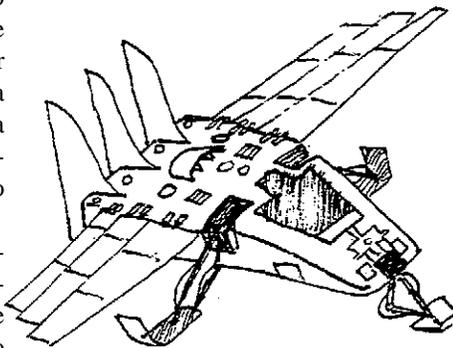
Portanto, do ponto de vista astronômico e areológico, é bastante provável que vastas quantidades de água estejam apenas aguardando o retorno cíclico de condições favoráveis para ressurgir à superfície. E com

a água, quem sabe, ressurgiria a própria vida, após um longo período de hibernação, estimado em 3 bilhões de anos - as estimativas variam, porém as variações não são relevantes.

E o que sairia de lá então? Bem, sendo realistas, dificilmente sairia algo muito excitante, já que não houve tempo suficiente para o longo processo da evolução natural operar seus truques. Nem alguém capaz de levar conosco um papo sério sobre a novela das 8, muito menos os tradicionais insetóides alucinados, munidos de tentáculos cheios de garras e de ventosas sequiosas de sangue humano : na melhor das hipóteses, nossos vizinhos seriam uns *amebas* !

Se bem que, invasão por invasão, uma invasão de protozoários desnutridos iria com certeza nos causar muito mais estragos do que algumas dúzias de polvos gosmentos e mal intencionados ! Sob este aspecto aliás, leia-se a excelente novela *Jem*, de Frederik Pohl, na qual os colonos de expedições terrestres a um planeta distante (os invasores) são dizimados pela bioquímica unicelular nativa, numa espécie de “guerra dos mundos” ao contrário da imaginada por H.G.Wells.

— Alfredo Franz Keppler Neto, engenheiro químico empresário, é fã de ficção científica e, com um nome desses, não poderia ser outra coisa senão amante da Astronomia.



Miguel Carqueija:

Quando eu era criança interessava-me espontaneamente pelo assunto dos alienígenas, embora ainda não conhecesse essa palavra. Mas a imprensa falava muito em discos voadores e o José, meu irmão, também vivia falando nisso. As revistas em quadrinhos, de super-heróis ou personagens como Donald e Mickey, recorriam muito ao tema. Para mim era uma coisa emocionante pensar nos discos voadores e seus misteriosos tripulantes. Já naquele tempo eu me inclinava a considerá-los seres benevolentes. Fico até espantado que, passados tantos anos e depois de tanta discussão filosófica, apareça sem mais nem menos um *Independence Day*, com uma brutal invasão da Terra — e um arrasa-bilheteria ainda por cima. Coisa tão obsoleta! Mas o sistema cinematográfico de Hollywood faz o que quer e bem entende, e fabrica o sucesso com a propaganda. É por isso que, no atual sistema americano, eu prefiro quem é marginal: o grande Roger Corman. Mas isso é outra história.

Muitos anos depois, quando morávamos na Rua Porto Alegre, aqui no Rio, meu irmão veio repentinamente me chamar agitadíssimo: “Miguel! Miguel! Um disco voador!” Corri para a janela e não vi mais nada. Perdera o “contato de primeiro grau” por uma questão de segundos. Minha idade na época: 24 anos.

Encontrei pessoas de grande inteligência que duvidavam taxativamente da existência de uranídeos. Sempre me deram a impressão de falta de humildade. Em contrapartida o meu guru da infância e de toda a vida, Walt Disney, sempre me estimulou essa crença, tanto nos quadrinhos infantis como nos científicos, na série de TV *Disneylândia* e também numa bela comédia de ficção científica, *Moon Pilot*, de 1961.

O meteorito marciano pode revolucionar toda a Ciência. Mas e se a NASA de fato mantém em segredo

há décadas os corpos de alienígenas sinistrados nos Estados Unidos? Muita coisa a gente não sabe. Mas parece que a pluralidade da vida no Universo é coisa já aceita pelo consenso da humanidade. E como poderia ser de outra maneira? Sendo o Cosmos criação divina, como poderia o Criador limitar-se a plantar a vida num único grãozinho?

— Miguel Carqueija, funcionário público, é fã e escritor de ficção científica. Publicou profissionalmente “Não é Humano”, na coletânea *Dinossauria Tropicalia* (FC GRD 18, 1994), além de outros contos na revista *Dragão Brasil* em 1995 e 1996.

Alysson Fábio Ferrari:

Se reuníssemos um “dicionário” com definições de ficção científica, uma certamente seria: “Literatura que mostra os reflexos da poesia e da subjetividade na fria realidade objetiva da ciência”. Nada mais humano que a solidão, enquanto indivíduo e enquanto raça, portanto, nada mais natural do que tomar a científica possibilidade (“certeza”?) da vida alienígena do ponto de vista humano.

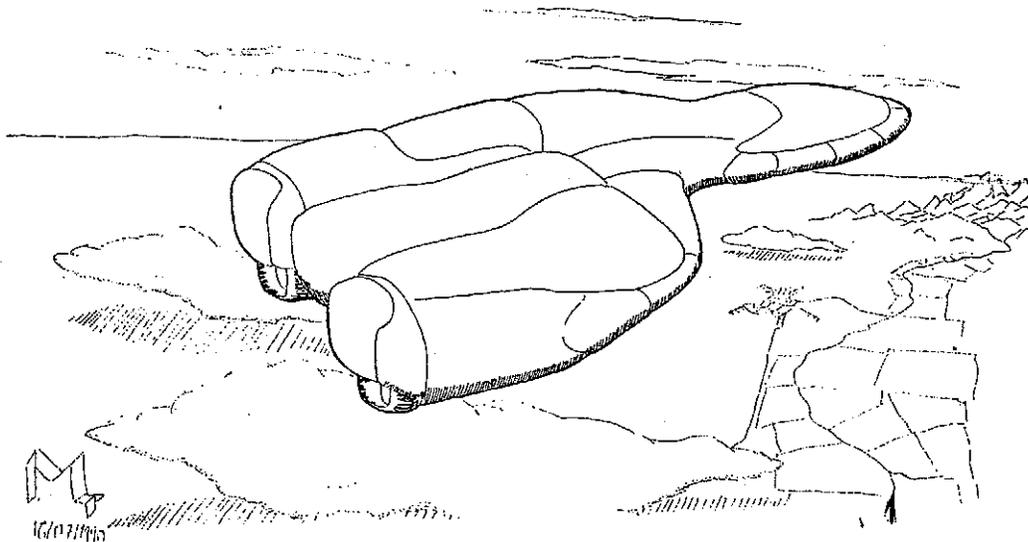
Não é a toa que a vida alienígena é tão comum na ficção: um fascinante assunto científico de grandes proporções humanas. A notícia, divulgada pela NASA, sobre os fósseis de vida marciana, não deve encerrar, de imediato, as discussões: os resultados ainda devem ser examinados por pesquisadores de todo mundo, e possivelmente haverá divergências. Os que advogam que a vida é um “milagre estatisticamente impossível” continuarão negando sua existência fora da Terra. De uma forma ou de outra, este tipo de descoberta é tão importante que nem mesmo uma prova como essas deverá pôr fim às divergências.

Os fósseis encontrados não se parecem com homenzinhos verdes... nem com os balões luminosos de Bradbury. Talvez, nesse caso, a verdade seja menos fantástica — do nosso ponto de vista — que a imaginação, mas na prática não é isso que importa. Porque, se existem (ou existiram) bactérias em Marte, bolas... quer dizer que a vida não deve ser assim *tão* difícil de surgir, aquela conversa das probabilidades da vida surgir ao acaso (a velha história dos macacos e das peças de Shakespea-

re) deve ter uma falha, afinal; então, em *algum* lugar, deve haver alguém que, quem sabe, possa nos ouvir um dia, talvez sentar numa estação espacial com frente para a galáxia e conversar sobre a vida, o amor e os mistérios do universo. Na pior das hipóteses, o comunicado da NASA nos faz tirar os olhos um pouco dos engarrafamentos, das coisas pequenas da vida cotidiana e relembrar os bons momentos em que, jovens e despreocupados, sonhamos com seres estranhos, mundos fantásticos... um universo vivo e pujante de pessoas, monstros, deuses e demônios... e, convenhamos, é muito bom fazer isso, de vez em quando. Somos uma raça solitária que, em meio à fome e às guerras, sonha com o espaço e com o infinito, isso é humano, isso é bonito.

Uma descoberta como essa, que reforça em muito a teoria da vida alienígena, pode nos fazer, novamente, olhar para o céu e perguntar: “Onde estão vocês?” E somente isso já é muito bom.

— Alysson Fábio Ferrari, é escritor-fã, graduando em Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



O texto a seguir é uma tremenda raridade. Por si só já seria do maior interesse. Sua riqueza, no entanto, é ainda maior pela coincidência do tema que aborda — vida em outros planetas. Este verdadeiro achado foi tirado do “baú” do fã incansável Humberto Fimiani. Foi publicado na edição brasileira do *Seleções do Raeder's Digest*, de abril de 1959, condensado de um original publicado na revista americana *Horizon*.

ALÉM DO CÉU AZUL

Arthur C. Clarke

Encontraremos alguma espécie de vida ? Uma inteligência superior a nossa ?

Nenhuma pessoa bem informada duvida agora de que a conquista do espaço interplanetário, primeiro por foguetes portando instrumentos, depois por veículos tripulados, está prestes a começar. A sombra dos próximos acontecimentos estende-se por sobre nossa era, agitando o pensamento de todos os homens que contemplando o céu à noite já se perguntaram qual o papel a ser desempenhado pela espécie humana no drama que se desenrola no universo. Há mais de uma possibilidade de que alguns dos grandes problemas outrora sem esperança de solução sejam em breve resolvidos.

A questão de saber se há ou não vida inteligente fora da Terra é talvez ímpar entre esses problemas, quanto ao seu atrativo intelectual e emocional. O único tipo de vida que podemos imaginar, sem nos perdermos em fantasias biológicas, tem de ser baseado nos planetas, e até há pouco tempo os planetas eram encarados como resultados de acidentes cósmicos que só podiam sobreviver muito poucas vezes na história de um universo bem governado.

Hoje estamos quase inteiramente convencidos de que muitas estrelas, senão a maioria, têm planetas girando em seu redor. Esta crença foi consideravelmente apoiada pela detecção, em 1942, de um corpo até então desconhecido no sistema de estrela dupla 61 do Cisne, um de nossos vi-

zinhos mais próximos. Seria uma coincidência notável, se os planetas fossem deveras raros, encontrar um espécime praticamente à nossa porta. Qualquer dado numérico, na fase atual de nossa semi-ignorância, é puro palpite, mas talvez não estejamos longe da verdade ao afirmarmos que uma em cada cem estrelas possui pelo menos um planeta em que teoricamente poderia existir vida.

Juntamente com a crença na exclusividade de nosso sistema solar, desapareceu a idéia de que a vida na Terra é uma criação anômala ou especial. Até os últimos 10 ou 15 anos podia-se sustentar que coisas vivas não podiam absolutamente surgir de matéria inorgânica “morta” pela ação de forcas unicamente naturais. A complexidade até mesmo do mais singelo organismo monocelular era tão grande que esperar que átomos de carbono, hidrogênio, oxigênio e outros formassem um desses organismos por agregação espontânea era demasiado improvável.

Hoje é possível supor que a vida pode surgir de matéria não-viva, nas circunstâncias existentes em muitos planetas rudimentares, recém-formados. A experiência de Stanlev Miller na Universidade de Chicago, em 1952, onde se produziu uma complexa mescla orgânica pela ação de descargas elétricas sobre soluções simples de vapor de água, amônia, metana e hidrogênio, dá uma idéia de como podem ter tido lugar os primeiros passos na evolução da vida.

Deve-se considerar, pois, como altamente provável, que tanto os pla-

netas quanto as criaturas vivas sejam, comuns através de todo o universo. Isto implica a existência de um bilhão de mundos com vida em nossa galáxia — esse remoinho de estrelas em que nosso Sol é apenas uma figurinha obscura, situada em um dos mais remotos pontos da espiral. E ao alcance de nossos telescópios há aproximadamente um bilhão de outras galáxias.

Para fazermos uma idéia vaga do que isto significa, esvaziemos um balde de areia sobre uma mesa. Imagine-mos agora que cada um desses bilhões de grãos de areia, é em si mesmo um mundo, talvez fervilhante de vida e contendo criaturas racionais que medem sua história não por milhares, mas por milhões de anos. Teremos assim uma débil imagem de nossa galáxia. Se quisermos fazer uma idéia do universo inteiro, a operação deve ser repetida com cada grão de areia representando toda uma galáxia.

Atordoados por tais números, somos tentados a alegar que essas perspectivas astronômicas carecem de importância prática, visto que nunca teremos conhecimento direto de mais que uma pequena fração do universo. Não podemos, contudo, fingir que o universo não existe, porquanto nossos próprios filhos começarão a explora-los, e até mesmo as suas primeiras e modestas viagens transformarão completamente nossa visão do cosmo. Uma vez que posamos galgar as poucas centenas de quilômetros que nos separam do espaço e estabelecer observatórios-

satélites além da escuridão e da névoa da atmosfera, planetas situados a milhões de quilômetros de distância—Marte, por exemplo—poderão parecer apenas a poucos milhares de quilômetros. Com os telescópios que usaremos sob as perfeitas condições de visibilidade no espaço sideral, talvez até possamos ver os planetas de outros sóis.

No momento, as provas astronômicas sugerem que uma vez libertos da Terra encontraremos alguma espécie de vida no sistema solar (em Marte, quase certamente; em Vênus, possivelmente), mas que não encontraremos inteligência. A descoberta de alguma forma de vida, nos planetas, embora humilde, afetará grandemente nosso modo de ver o universo. Até mesmo alguns líquenes em Marte provariam que a vida não é um fenômeno extraordinário ocorrido por acaso na planeta Terra. E estabelecido isso, seria ilógico negar a existência, alhures, de formas superiores. Enquanto não tivermos razões para crer o contrário, será mais seguro supor que o *homo sapiens* é a única criatura inteligente que já se formou no sistema solar. Para encon-

trar seres iguais a nós ou superiores devemos ir mais além, aos planetas de outros sóis.

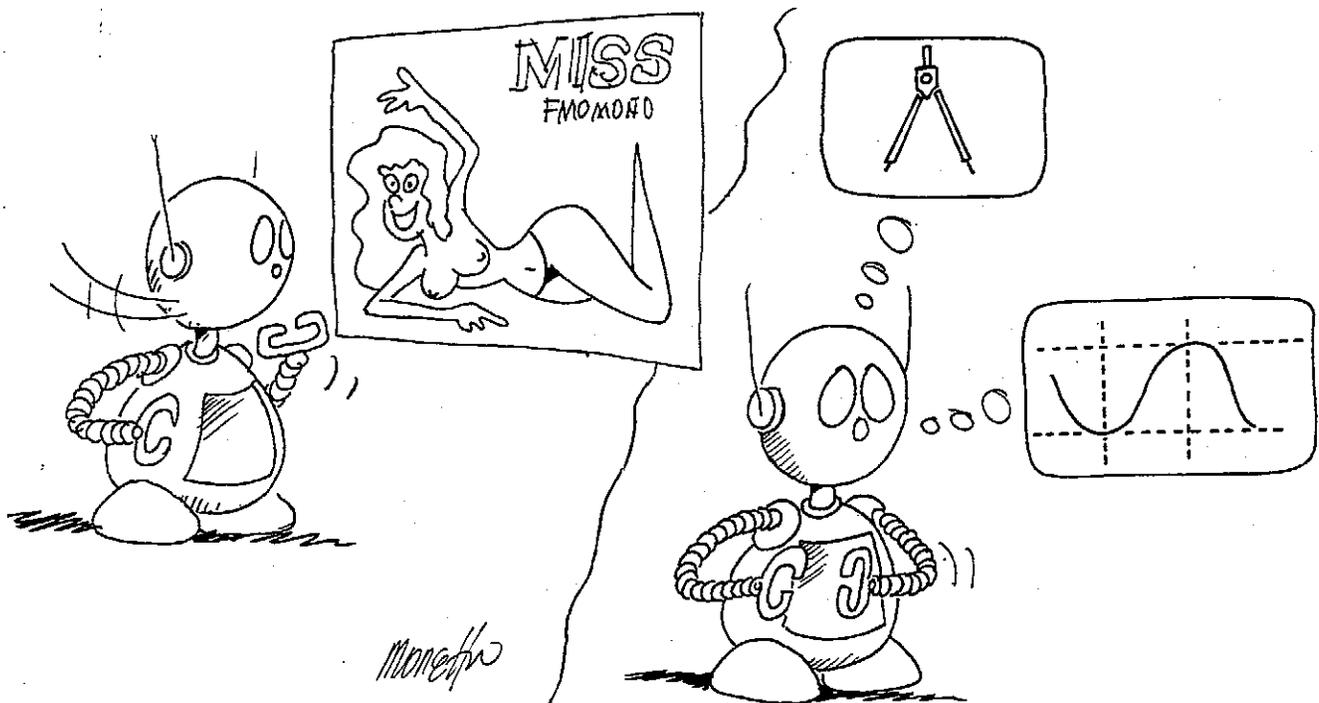
Isso, falando moderadamente, apresenta problemas. Embora estejamos na iminência de enfrentar as distâncias interplanetárias, os abismos que nos apartam das estrelas são um milhão de vezes maiores, e a própria luz leva anos para transpô-los. Mas o transporte físico não é necessário. Com as modernas técnicas eletrônicas ampliadas ao máximo poderemos levar um simples sinal Morse, apenas perceptível, à estrela mais próxima. Talvez valha a pena, por conseguinte, logo que logremos estabelecer postos de escuta em satélites bem distantes da balbúrdia e da interferência do rádio terrestre, começar uma busca de sinais modulados compreensíveis, provenientes do espaço. Se pudermos captar comunicações interestelares apenas 60 anos depois de inventarmos o rádio, não é insensato supor que possa haver transmissores, num raio de uns poucos anos-luz de distancia de nós, bastante mais poderosos do que tudo o que já construímos.

Esperamos, portanto, poder deter-

minar a existência de celebrações extraterrestres antes que decorram muitas décadas — ou, no máximo, séculos. Se alguém duvida disto, lembrarei a lamentável erro de Augusto Comte, que precipitadamente proclamou a nossa eterna ignorância acerca da composição das estrelas. A presteza e perfeição com que o espectroscópio o refutou é um bom lembrete de que aparentemente não há limites fundamentais do conhecimento que não possam ser vencidos por novas técnicas ou invenções.

Poderíamos lembrar também que a nossa espécie só entrou em existência nos últimos cinco milésimos da história da Terra, e a duração inteira da civilização humana mal abrange um milionésimo desse tempo. Uma juventude tão extrema em qualquer escala de tempo cósmico parece tornar provável que a maioria das criaturas extraterrenas deve ser superior a nós por milhões de anos de desenvolvimento.

Seja qual for o resultado das nossas aventuras pelo espaço, um fato restará: o universo é mais miraculoso do que qualquer milagre.



Marte na Ficção Científica: A Nova Geração

Fábio Fernandes

Assinante do semi-prozine de ficção científica *Locus* há anos, venho acompanhando uma nova tendência, que a cada ano se consolida: a exploração de Marte. Autores emergentes e veteranos vêm somando forças e oferecendo ao público novos pontos de vista sobre um dos temas mais fascinantes do gênero.

Como a maioria dos fãs brasileiros, eu também cresci lendo o ABC da ficção científica editada no Brasil: Asimov, Bradbury e Clarke. E, também como grande parte do fandom, minha adolescência foi marcada pela leitura de clássicos como *Fundação, 2001* e, naturalmente, *As Crônicas Marcianas*. A prosa poética e a caracterização do planeta vermelho produzidas pelo B da santíssima trindade, entre outras coisas, deram novo impulso ao meu desejo de ser escritor.

Por isso, quando recebi o número 32 do *Megalon* (setembro de 1994) e li no índice que Jorge Luiz Calife havia escrito um artigo chamado “Um Pouco de Marte na FC”, corri logo para a página 14. Infelizmente, apesar das informações interessantes e fundamentais para o leitor iniciante, fiquei frustrado: não encontrei uma só menção aos novos livros que já estavam sendo lançados na época. *Mars*, de Ben Bova, *Moving Mars*, de Greg Bear, e o que já na época estava sendo considerado um novo marco da ficção: *Red Mars*, de Kim Stanley Robinson (e que ganhou o Nebula de 1992). Naquele momento, decidi que, assim que tivesse a oportunidade, escreveria o artigo que não pude ler.

Essa oportunidade chegou em setembro de 1995, quando fui à Escó-

cia como representante do fandom brasileiro na Intersection, a 53^a. convenção mundial de ficção científica. Outra promessa que eu havia feito a mim mesmo era que, quando voltasse à Inglaterra, encheria minha sacola de lona com pockets. Dito e feito: trouxe 43 pockets (e quase não tive dinheiro para comer na véspera de voltar), e entre eles os livros mais importantes sobre Marte escritos nos últimos cinco anos. Neste artigo, vocês vão conferir as análises desses livros.

MARS

A melhor definição para este livro pode ser dada pelo *blurb* (comentário elogioso que figura nas capas dos livros, que podem ser citações de críticas de jornais ou de outros autores famosos) de James Michener: o autor de livros como *Centennial*, *Hawaii* e *Space*, entre outros, diz no verso do pocket de *Mars*: “Um verdadeiro romance espacial que prevê muitos dos problemas a serem enfrentados pelos homens e mulheres que realmente farão a viagem por volta de 2020.”

O ano não fica bem claro, mas Michener sabe onde dispara: pelos comentários do astronauta Mikhail Voznesensky, que ainda não era nascido na época em que Gagarin orbitou a Terra, e do chefe da expedição, o Dr. Li Chengdu, que enfrentou o exército na revolta da Praça da Paz Celestial quando jovem e agora tem cerca de 45 anos, a história se passa entre 2015 e 2020.

Já na página 13, uma notícia agradável: Ben Bova sabe onde fica o Rio

de Janeiro! E sabe inclusive que as grandes concentrações costumam acontecer entre a Candelária e a Cinelândia, onde os brasileiros, ao som do samba (perdoai-o, Senhor!), comemoram o fato de que entre os cientistas que pousaram em Marte há uma brasileira: Joanna Maria Brumado. O nome podia ser melhor - soa português demais¹ - mas é implicância minha; até que a brasileirinha se dá bem. Joanna, a bióloga titular da expedição, não só é uma das personagens principais da história como faz par romântico com o protagonista, o descendente de índios americanos Jamie Waterman. Ao contrário do que seria de se esperar, ela é discreta, tímida, super-inteligente (uma *nerd*, convenhamos) mas só tem uma inverossimilhança: é mameluca, ou *mestizo* (sic) como ela se denomina. E — este o único erro feio de Bova — ela diz a Waterman que como ela (e seu pai, Alberto, o mentor intelectual do projeto — e viva nós) existem dezenas de milhares no Brasil. Infelizmente, como todos sabemos, não há muitos milhares de índios e seus descendentes diretos aqui.

O que não compromete a trama. Bova deixa de lado o ponto de vista estritamente científico e didático e parte para a ofensiva. O texto intercala a expedição já em Marte com as etapas de treinamento na Terra e toda a politicagem que envolve os critérios de escolha da equipe.

Mas ele não se esquece do seu fiel público hard: junto com os dramas da tripulação, o leitor é levado a conhecer um mundo ao mesmo tempo árido e belo, sem vida mas fascinante por ser tão diferente de tudo aqui-

lo que o homem já viu. Não sei até que ponto as imagens conjuradas por Bova são fidedignas: provavelmente, como todo bom escritor costuma fazer, elas possuem uma base muito boa de pesquisas e uma fração maior ainda de especulação bem orientada. Mas toda explicação empalidece quando acompanhamos Waterman e Vosnesensky num crepúsculo marciano, ou experimentamos a desorientação do astronauta americano Pete Connors com a aparente proximidade do horizonte (não nos esqueçamos de que Marte é muito menor que a Terra), ou ainda quando descemos pelo Tithonium Chasma e presenciamos uma violenta tempestade de areia, digna daquelas de *Duna*.

Naturalmente, Bova não resiste à tentação de puxar a brasa para a sardinha dos cientistas e tentar provar que a exploração de um mundo novo é mais importante que matar a fome dos miseráveis na Terra, ou, o que ainda é mais ilusório, que a tecnologia desenvolvida num projeto desses ajuda a elevar o nível de vida das populações. Vendo como o nível de vida dos miseráveis brasileiros, indianos, somalis, entre outros, não melhorou em nada nas últimas décadas, é de se espantar como esse tipo de pensamento ainda predomina entre os amantes da ciência.

Assim é *Mars*, de Ben Bova: um livro que se concentra mais na preparação dos astronautas e cientistas que farão a viagem para Marte. Uma versão futurista de *Os Eleitos*, de Tom Wolfe, que consegue provar que o fator humano também é importante na confecção de um bom livro de ficção científica hard.

CLIMBING OLYMPUS

Os fãs de *Guerra nas Estrelas* devem conhecer Kevin J. Anderson. Nos últimos dois anos, ele tem escrito e editado vários romances e um guia passados no universo de Geor-

ge Lucas. Anderson também é autor, junto com Doug Beason, de *Assemblers of Infinity*, um livro que foi considerado por um crítico americano “o 2001 da nanotecnologia”, por sua cena de abertura, em que um astronauta na Lua é literalmente desintegrado por nano-robôs alienígenas.

Um autor tão espacial não poderia ficar de fora da corrida para Marte. Em seu livro *Climbing Olympus*, Anderson descreve um período posterior ao narrado por Bova e entra num assunto que muito interessa ao fã da ciência propriamente dita: a terraformização.

Aqui, a história se passa dezesseis anos após o início da colonização. Embora já avançados no século XXI, os países da antiga URSS não mudaram muito seu comportamento... como, por exemplo, mandar os dissidentes políticos para a Sibéria. É dali que partem as duas levas de colonizadores para ajudar na terraformização. Através de um projeto secreto urdido pela doutora Rachel Dycek (e uma bela homenagem ao clássico *Man Plus*, de Frederik Pohl), os “voluntários” são “marteformizados”, ou seja, transformados em aberrações do ponto de vista terrestre, com o propósito de sobreviverem no inóspito ecossistema marciano. São os *adin* (corruptela americanizada do número *um* em russo).

Mas, como tudo na vida evolui, e os *adin* não se mostraram muito fáceis de controlar, a Dra. Dycek acabou desenvolvendo os *dva*, a segunda geração de “marcianos”. A essa altura, o processo de transformação do ecossistema marciano num bem parecido com o terrestre já começou. E os poucos *adin* sobreviventes, preparados para sobreviver somente nas condições de atmosfera e pressão marcianas originais, vão fazer tudo o que estiver ao seu alcance para impedir isso... ou, como é de se esperar, morrer tentando.

Desde as primeiras páginas, quem lê os quadrinhos da Marvel vai per-

ceber uma semelhança incômoda com as histórias galácticas de Jim Starlin: os personagens são bidimensionais, as atitudes muito grandiloqüentes — principalmente as dos russos, seguindo o bom e velho estereótipo — e o tratamento superficial dado à trama lembra as novelas de TV. Logo no segundo capítulo, por exemplo, Anderson pretende criar um clima de tensão com um segredo que qualquer criança de dez anos percebe de cara, e que só na página 109 é revelado: Cora Morisovna, mulher do líder *adin* Bóris Tiban, está grávida. E daí? Daí que todos deveriam ter sido esterilizados na Terra, pois a alteração deles é somente externa. Ou seja, a criança morrerá minutos após nascer, pois não está preparada. Caberá a Rachel Dycek, na véspera (literalmente) de sua substituição pelo coordenador Jesús Keefer, tentar ajeitar as coisas entre os *adin* e os humanos.

Confesso que o primeiro terço não me agradou muito, e parei de ler o livro por algum tempo. Mas, ao decidir retomá-lo, tive uma gostosa surpresa: os dois terços restantes são o que interessa na história. É quando a Dra. Dycek, apavorada com a idéia de voltar para a Terra, pega o jipe lunar *Percival* (e a palavra *jipe* é uma imprecisão, pois esse veículo é completamente diferente daquele que vimos no projeto Apollo; é um enorme furgão fechado, na verdade) e parte para Pavonis Mons, onde pretende cometer suicídio; é então que ela encontra os *adin*, até então considerados mortos. O choque de encontrar os *adin* e ver Marisovna grávida muda totalmente as perspectivas de Rachel; o resto do livro é consagrado aos esforços dela para levar Cora à Base Lowell, onde ela terá a criança. Isso se Tiban deixar, claro, pois seu objetivo é matar o bebê e pôr a culpa na humana, arrumando assim um motivo para se vingar de todos e destruir a Base Lowell. Como um ser humano adaptado para a vida

Especial Vida em Marte

no ambiente hostil de Marte, Tiban tem força suficiente para cumprir o que promete... e a partir daí o livro poderia se chamar *Jason em Marte*: é um festival de mortes e quebra-quebras sensacionais, com direito a uma titânica batalha entre Tiban e um *dva* do lado da fora da Base Lowell.

As surpresas não acabam no terço final: é então que descobrimos, junto com os humanos da Base, que uma das premissas apresentadas no início do livro era totalmente falsa, e isso só ajuda os humanos a estabelecerem uma sociedade verdadeiramente eficaz em Marte. Entre mortos e feridos, salvam-se quase todos, e o final, embora fácil demais, não é de todo inverossímil. A ação vertiginosa das últimas trinta páginas deixa você tão ligado que praticamente não é necessário pensar.

Aliás, esse romance não faz pensar: *Climbing Olympus* não tem a intenção de guiar o leitor por uma descrição extremamente detalhada do planeta vermelho. É aventura assumida. E ótima.

MOVING MARS

Este é um dos livros mais díspares da safra marciana. Dos citados aqui, é o único com duas características muito especiais: é o único passado no século XXII, e o único que mostra uma alternativa para a terraformização de Marte: a vida nos subterrâneos.

O livro de Greg Bear, a julgar pelo começo, é o mais radical do autor. Ela trata dos conflitos envolvendo a unificação de Marte, já na terceira geração marciana, pelos olhos de Casseia Majumdar, estudante universitária que se envolve na luta após uma expulsão em massa arbitrária. Narrado todo na primeira pessoa por uma Casseia centenária, o livro conta sua vida e de seus encontros e desencontros com Richard Franklin, nerd com quem ela vive uma relação complicada. A vida leva os dois a

caminhos diferentes: Casseia se torna política, e Richard cientista, ambos com visões de mundo bem díspares.

Infelizmente, a primeira impressão, no caso de um livro, nem sempre é a que fica: *Moving Mars* não é um dos melhores livros de Greg Bear. A narrativa em primeira pessoa limita o espectro do livro, enchendo-o de observações por vezes cansativas e desnecessárias, e um tanto ingênuas, ainda mais quando se considera que o livro é narrado pela Casseia idosa, e não pela jovem.

A visão de Marte também soa um pouco utópica, apesar dos conflitos a que Bear expõe os marcianos: à maneira do velho mestre Clarke, a tecnologia é superestimada a ponto de gerar pessoas perfeitas física e mentalmente. Bear ainda doura a pílula colocando restrições políticas, sociais e econômicas a essas alterações, mas não oferece nada de novo, não torna o cenário lá muito convincente.

A organização social de Marte é composta basicamente de BMs (Binding Multiples, um eufemismo para empresas compostas por famílias e agregados) e a história se passa basicamente mostrando a luta da Majumdar BM para unificar Marte. Uma das partes mais interessantes do livro é a viagem de Casseia, já como aprendiz de político, à Terra. O traslado lembra vagamente *The Void Captain's Tale*, de Norman Spinrad, pelo ambiente um pouco bizarro (ao menos para Casseia) e sua relação com a terráquea Orianna, que, apesar de ter a sua idade, em nada se parece com ela: é, assim como quase todos os seres da Terra, uma criatura repleta de implantes que a tornam infinitamente mais rápida, inteligente e habilidosa. Mas, como lembra muito bem Casseia, ainda lhe falta a experiência, que nenhuma simulação pode reproduzir. Durante a viagem à Terra, ela fica sabendo que Franklin agora está casado e trabalhando num projeto envolvendo

alterações no contínuo espaço-temporal. O leitor de Greg Bear já tem uma idéia de onde isso leva, não? Exato: *Eon e Eternity*, e contos como *The Wind From a Burning Woman*, passados num universo onde o homem quase se destruiu mas aprendeu, entre outras coisas, a dominar o tempo. *Moving Mars* nada tem a ver com esse universo.

O que não quer dizer que não seja interessante: para Greg Bear, aparentemente é impossível desvincular a ciência da política — quem já lutou por verbas do governo para alguma pesquisa entende bem isso. O livro é muito mais uma investigação política do que científica, acompanhando os esforços de Casseia para manter unido um planeta cheio de divergências, esforços que não dão em nada: Marte entra em guerra com a Terra, e é quase inteiramente destruído.

É então que Casseia, agora Vice-Presidente do planeta, finalmente torna a encontrar Franklin, para tentar, através das experiências dele com o Contínuo de Bell, salvar Marte. Contar o resto, naturalmente, estragaria o final; basta dizer que o título é levado *ao pé da letra*...

Para fãs de Arthur C. Clarke ou Olaf Stapledon (este último, aliás, é muito citado em revistas como a influência básica de Bear), o livro é um *must*. Para quem gosta de uma ficção científica mais moderna, o livro é um *maybe*.

THE MARS TRILOGY

É até covardia. O grande (em todos os sentidos) livro sobre Marte é a trilogia marciana de Kim Stanley Robinson. Bradbury não se manifestou, mas o grande pai Clarke já deu o seu aval na capa da edição inglesa: é o melhor livro sobre Marte já escrito. E isso após ter lido apenas a primeira parte, *Red Mars*, cuja análise será feita aqui.

Este volume inicial pode ser lido quase como se fosse a continuação do livro de Ben Bova: ele gira em torno da segunda viagem a Marte, aquela que vai estabelecer uma colônia definitiva no planeta vermelho. Assim como no livros de Bova e de Anderson, os tons de vermelho, rosa e ocre predominam, mas ao contrário de monotonia, as descrições de amanheceres e crepúsculos na paisagem marciana, mesmo sem o auxílio de ilustrações ou material visual, são de uma força indescritível, e eu me peguei de volta à infância, quando me emocionava com as imagens da Lua. Aqui, nessas imagens, está todo o propósito da ficção científica, tudo o que nos atraiu como fãs e profissionais: o fascínio pelas paisagens alienígenas. O *sense of wonder* está presente em cada descrição.

E também a discussão científica. Segundo Gary K. Wolfe, da *Locus*, Robinson é capaz de tornar acessíveis as informações científicas com a clareza de um Asimov ou um Clarke. Ainda que não seja inteiramente verdade — por várias vezes a impressão é de que ele reuniu tantas informações nos dezessete anos (isso mesmo, 17 anos) de pesquisa que teve pena de deixar alguma coisa de fora, e o leitor percebe que, se quisesse, poderia pular diversas passagens de pura descrição teórica sem que isso afetasse a compreensão da história. Considerando que cada volume tem cerca de 700 páginas, a trilogia pode facilmente ser considerada a mais completa sobre Marte. Outro *blurb* na contracapa da edição inglesa considera-o o *Guerra e Paz* da ficção científica... e, depois de ler isso tudo, fica difícil pensar diferente. Como Tolstói, Stan Robinson faz um trabalho impecável na construção de um mundo e dos personagens. As paixões, os ódios, os sentimentos dúbios e nem sempre fáceis de explicar (como ocorre na vida real), junto a uma história sócio-política de colonização com todas as nuances das

histórias dos jornais e dos livros historiográficos. Utilizando uma técnica ágil, a da narração de cada capítulo pelo ponto de vista de um dos personagens principais (mas sempre na terceira pessoa, o que não cansa nem aborrece), Robinson oferece um panorama bastante amplo da odisséia dos Cem Primeiros, como são chamados os integrantes da primeira colônia. Desde a viagem para o planeta vermelho até o clímax fantástico da destruição quase total de Marte (eu sei, parece o que aconteceu no livro de Bear; mas esperem só até lerem a cena do elevador orbital caindo sobre o planeta), somos conduzidos com tanta maestria que é como se tudo o que ele está narrando houvesse de fato acontecido. A última parte em especial é uma das mais emocionantes que já li (e eu já li muita coisa): a surpreendente cena em que Simon, conhecido como um dos mais retraídos dos Cem Primeiros, impede o suicídio da esposa Ann, e finalmente verbaliza o seu amor me fez chorar, e há muito tempo um livro não me comovia tanto. A destruição de Marte e o grand finale sugerem que as mudanças climáticas criadas pelas explosões nucleares na superfície e a liberação da massa de gelo no subsolo irão acelerar o processo de terraformização... mas esta história só será contada em *Green Mars*.

Entre os livros vistos aqui, há uma grande semelhança de descrição e intenções nos trabalhos de Bova e Robinson. São sem dúvida os livros que mais se aproximam de uma possível história da colonização de Marte. Também se destacam pelo respeito aos personagens, tratando-os como algo mais que simples marionetes que servem de apoio para uma história. Eles pensam e sentem como qualquer um de nós, e, mesmo entre autores experientes, não é pouco.

O interessante é o desagrado geral de praticamente todos por psicólogos. Ben Bova, embora tentando exercer correção política, acaba colocan-

do o pobre médico inglês Tony Reed na berlinda; o único a explicitar isso é Stan Robinson, mantendo o narrador neutro e falando da famosíssima aversão dos cientistas ao que eles consideram uma pseudociência. Tudo bem, essa postura é conhecida — ela também existe no fandom — e esses livros são hard, mas fica um incômodo: como um dos personagens de Robinson, o ruivo Arkady, ironiza, “estamos no século XXI e ainda não paramos de pensar como no século XIX.” Isso é verdade: até onde sei, o máximo que a literatura em geral (fc incluída) conseguiu começar a digerir, e mal, foi Freud. Jung e Reich, então, nem pensar...

Outra semelhança é no estilo narrativo. À exceção de *Moving Mars*, em primeira pessoa, todos os outros autores escolheram a terceira pessoa, dividindo o livro não em capítulos numerados, mas pelos nomes dos protagonistas (como em *Mars* ou *Climbing Olympus*) ou em partes com títulos (como a trilogia de Robinson). Esses desvios narrativos tornam a leitura mais fácil e menos densa, permitindo que o leitor se concentre muito mais nos fatos importantes, ao invés de uma narrativa linear, que contém muitos detalhes desnecessários.

Enfim, sejam hard, soft, com forte embasamento científico ou fruto da mais desvairada especulação, as histórias sobre Marte são um exemplo da capacidade inabalável do homem em acreditar não, como diz o ditado, que “enquanto houver vida há esperança”, mas que enquanto não houver vida é que haverá esperança — de encontrá-la (como talvez seja o caso neste momento) ou de criá-la. E enquanto isso sonhamos.

Nota: ¹ Em viagem recente a Ouro Preto, descobri no Museu de Mineralogia que Brumado é uma cidade da Bahia, rica em minerais como calcita e lazulita. Bova deve ter brincando de uni-duni-tê no mapa do Brasil...

Evidências de Vida em Marte

Gerson Lodi-Ribeiro

Um meteorito marciano encontrado na Antártica há doze anos talvez traga em seu âmago os primeiros indícios da existência de vida fora da Terra.

Uma equipe de nove cientistas de diversas especialidades, liderada pelo geólogo David S. McKay do Centro Espacial Johnson (NASA), anunciou no início de agosto ter descoberto fortes evidências (mas não provas concretas) da existência de atividade biológica fóssil no meteorito ALH 84001, encontrado na região de Allan Hills no continente antártico em 1984. Esse meteorito proviria de Marte e teria atingido o nosso planeta há cerca de 13.000 anos, depois de vagar pelo espaço interplanetário durante um intervalo de 16 milhões de anos.

A primeira pergunta que nos vem à cabeça é a seguinte: “Como é que eles sabem que o tal meteorito veio mesmo de Marte?” Esta é fácil de responder: quando se solidificam a partir do magma primordial, as rochas formadas em planetas dotados de atmosfera “capturam”, por assim dizer, pequenas amostras de ar sob a forma de bolhas microscópicas imersas em suas estruturas.

Pois bem. Uma vez analisadas essas minúsculas amostras gasosas presentes no meteorito ALH 84001 concordam pelo menos até a nona casa decimal com as amostras coletadas *in loco* na superfície de Marte pelas sondas Viking. Este resultado assegura que o meteorito é de fato procedente do planeta vermelho. O mais antigo dos doze exemplares pertencentes ao seletto clube das rochas marcianas encontrados na Terra. Essa classe de meteoritos, batizada Shergotty-Nakhla-Chassigny (ou,

mais simplesmente, classe SNC) parece ter chegado à Terra como resultado de eventos de impacto (leia-se choque de asteróides e/ou cometas) na superfície de Marte.

Certo. O ALH 84001 é um fragmento arrancado ao quarto planeta do Sistema Solar. Mas, como é que esse pedaço de Marte veio parar na Terra? Bom, para explicar essa presença alienígena, vamos voltar no tempo uns quatro bilhões de anos, para contar a história dessa rocha desde o princípio.

O ALH 84001 é o fragmento de uma rocha ígnea que cristalizou em Marte há 4,5 bilhões de anos. Neste sentido, pode se dizer que é a rocha planetária mais antiga de que se tem notícias. Sua estrutura cristalina registra dois eventos de impacto separados por um período de arrefecimento. O primeiro evento ocorreu há cerca de 4,0 bilhões e produziu uma série de fraturas (rachaduras internas) na estrutura do meteorito. O segundo impacto, muito mais recente, arrancou o fragmento de seu planeta de origem, lançando-o ao espaço.

Ao contrário dos demais meteoritos SNC, que contêm apenas traços de compostos carbonados, o ALH 84001 possui hidrocarbonetos aromáticos policíclicos (H.A.P.) sob a forma de glóbulos, cujos diâmetros variam entre 1 e 250 micra. As melhores estimativas indicam que esses glóbulos de hidrocarbonetos se teriam formado há 3,6 bilhões de anos, penetrando no corpo do ALH 84001 através das fraturas pré-existent.

Há mais de 3 bilhões de anos, a atmosfera de Marte era consideravelmente mais densa que a atual, possi-

bilitando a existência de água em estado líquido — a prova da presença de cursos d’água no passado martológico pode ser observada nas dezenas de imagens dos leitos secos de antigos rios fotografados pelas câmeras das sondas Mariner e Viking. Um habitat muito mais propício ao surgimento da vida unicelular do que o ambiente marciano atual. (1) Num habitat desse tipo seria de se esperar o desenvolvimento de formas bacterianas primitivas, capazes de gerar H.A.P. como resíduos metabólicos.

Mas, voltando à odisséia do ALH 84001, as cadeias carbônicas de alguns dos glóbulos de hidrocarbonetos parecem ter sido quebradas por um segundo evento de impacto. Um choque ocorrido ainda no planeta Marte, ou no espaço interplanetário, excluindo portanto a hipótese desse material orgânico se ter originado na Terra. Corroborando a tese da origem extraterrena, descobriu-se que a composição isotópica do carbono e do oxigênio presente nos glóbulos de hidrocarbonetos indica que eles foram produzidos no interior do meteorito, não tendo se formado no período em que o ALH 84001 permaneceu enterrado sob o gelo antártico.

Esse segundo evento de impacto foi tão violento ejetou fragmentos da superfície de Marte. Um dos fragmentos deu origem ao meteorito ALH 84001. Depois de vagar durante cerca de 16 milhões de anos pelo espaço interplanetário, o fragmento em questão ingressou na atmosfera terrestre e impactou o nosso planeta no continente antártico. O período de permanência do fragmento no espaço pode ser estimado com precisão

razoável graças aos cálculos da exposição de raios cósmicos a que esteve sujeito enquanto vagava sem rumo pelo espaço.

Finalizando suas aventuras interplanetárias, o ALH 84001 chegou a Terra há cerca de 13.000 anos, dois ou três milênios antes do término da última glaciação.

Mas, e o que dizer desses resíduos orgânicos? Os tais hidrocarbonetos aromáticos policíclicos não poderiam ser fruto de uma contaminação por microorganismos terrestres? Afinal, ao contrário de Marte, a Terra é um planeta literalmente repleto de vida.

A hipótese de contaminação foi levada a sério pela equipe de pesquisadores liderada por McKay. Diversos testes de controle rigorosos, elaborados para detetar possíveis contaminações, tiveram resultados negativos.

Em primeiro lugar, os defensores da tese da contaminação alegaram que os H.A.P. são resíduos comuns da poluição industrial (mais especificamente, da queima de combustíveis fósseis). Pois bem: o estudo do acúmulo de H.A.P. nas calotas polares da Groenlândia para os últimos 400 anos indicaram concentrações de 1 parte por trilhão, para a época pré-industrial, até 1 parte por bilhão, para a neve depositada no período mais recente. Como o hemisfério sul é menos industrializado do que o norte, poderíamos esperar que a concentração de H.A.P. do gelo antártico residisse num ponto qualquer entre esses dois limites. Contudo, a concentração de H.A.P. do meteorito ALH 84001 é mais de 100 vezes maior do que o limite superior acima citado. Além disso, os hidrocarbonetos presentes no meteorito não são os comumente associados aos resíduos da queima de derivados do petróleo.

Contudo, o indício mais conclusivo da verdadeira origem dos H.A.P. veio do gradiente de concentração

desses compostos orgânicos no interior do meteorito. Se a hipótese da contaminação terrestre fosse válida deveríamos esperar maiores concentrações de H.A.P. nas regiões mais externas do fragmento. No entanto, verificou-se que para o ALH 84001 a concentração de H.A.P. é proporcional à profundidade (medida a partir da crosta fundida do meteorito), aumentando de um valor nulo, na superfície, até se estabilizar num valor máximo a 1,2 mm de profundidade. Esse perfil de concentração é consistente com a hipótese de volatilização e pirólise dos H.A.P. marcianos, e a conseqüente formação da crosta fundida, nas camadas mais externas, durante o ingresso do meteorito na atmosfera terrestre, mas inconsistente com a hipótese da introdução de material orgânico através das fraturas do meteorito durante o período em que este permaneceu enterrado sob o gelo antártico.

Estudos exaustivos praticamente descartaram a hipótese de contaminação do fragmento durante as diversas fases do estudo a que foi submetido no ambiente controlado de laboratório.

Admitindo-se a origem marciana dos H.A.P. presentes no meteorito ALH 84001, existe a possibilidade desses compostos carbonados se terem originado através de processos inorgânicos, sem qualquer relação com as atividades metabólicas de microorganismos?

A equipe de McKay não considera provável a hipótese de uma origem abiótica. Uma análise microscópica da estrutura interna dos glóbulos indica que eles são constituídos por várias camadas concêntricas de hidrocarbonetos associados com elementos metálicos como o cálcio, o ferro, o magnésio e o manganês. Cada uma das camadas apresenta forte predominância de um desses elementos metálicos em detrimento dos demais. Estruturas elaboradas desse tipo são extremamen-

te semelhantes às encontradas nos resíduos orgânicos associados aos microfósseis atribuídos às bactérias terrestres primitivas.

Outro indício importante da origem biológica dos H.A.P. do meteorito é a coexistência de camadas ricas em sulfato de ferro com outras, que possuem grande abundância de partículas de magnetita. A presença simultânea desses dois compostos de ferro numa mesma amostra só pode ser explicada admitindo-se um hipótese biogênica de formação dos H.A.P. Sabe-se que as formas microbianas terrestres produzem tanto magnetita quanto sulfato de ferro através de reações químicas de oxidação e redução. As partículas de magnetita presentes no ALH 84001 são química, estrutural e morfológicamente similares às partículas de magnetita terrestres conhecidas como *magnetofósseis*, que sabemos serem resíduos fósseis das atividades metabólicas de determinadas classes de bactérias.

Ainda no interior do meteorito, foram detetados indícios da existência de determinadas estruturas de caracterização complexa, descritas no artigo da equipe de McKay como *ovóides*, que guardariam uma certa semelhança com os microfósseis terrestres denominados *nanobactérias*. Ainda é muito cedo, contudo, para se afirmar se o ALH 84001 abriga apenas os resíduos metabólicos da flora bacteriana de Marte, *ou também as próprias bactérias em si*. A hipótese não está, é lógico, comprovada, não passando no momento de uma interpretação. Uma posterior confirmação (ou desmentido) ainda deve depender de novas séries de testes e análises. Portanto, aguardem novos informes!

Já parece claro, no entanto, que nenhuma das observações acima descritas, examinada de forma isolada, é conclusiva em prol da existência de atividades biológicas fósseis em Marte. Embora se possa imagi-

nar explicações diversas da hipótese biogênica para cada um dos fenômenos abordados quando encarados individualmente, uma vez que os consideremos no seu conjunto, sobretudo à vista da sua associação espacial no interior exíguo de uma única amostra meteorítica com pouco menos de dois quilogramas de massa, somos persuadidos a admitir a existência de fortes evidências em favor da vida unicelular no passado de Marte.

A se confirmar a hipótese das bactérias marcianas fósseis, a ciência terá conseguido comprovar que o fenômeno da origem da vida nada tem de único, místico ou especial. Se até um planeta árido e inóspito como Marte pôde um dia abrigar formas biológicas autóctones (2), o surgimento de vida pelo universo afora deve ser um evento bem mais prosaico do que se supunha anteriormente. Talvez devamos considerar o aparecimento de formas unicelulares como conseqüência natural da evolução geológica das superfícies planetárias, e admitir que a vida acabará surgindo, sempre que as condições ambientais se mantenham favoráveis por um período de tempo suficientemente longo.

Mas, quaisquer que sejam os resultados finais dos estudos do meteorito ALH 84001, uma coisa é certa: a exobiologia deixou de ser apenas um conjunto de especulações

intelectualmente instigantes para assumir o status de disciplina científica séria. Pois, quando não dispomos de fatos, contra a ignorância só nos resta a especulação filosófica. Contudo, quando criaturas racionais, humanas ou alienígenas, examinam amostras, analisam dados quantitativos, tecem hipóteses e estabelecem conclusões e teorias, isto é ciência.

Leitura Adicional (3):

Kerr, Richard A.: "Ancient Life on Mars?", *Science*, vol. 273, No. 5277, Issue of 16 August 1996 (pp. 864-866).

McKay, David S.; Gibson Jr., E.K.; Thomas-Keprta, K.L.; Vali, H.; Romanek, C.S.; Clemett, S.J.; Chilliier, X.D.F.; Maechiling, C.R. & Zare, R.N.: "Search for Past Life on Mars: Possible Relic Biogenic Activity in Martian Meteorite ALH84001", *Science*, vol. 273, No. 5277, Issue of 16 August 1996 (pp. 924-930).

Ochert, Ayala: "Life on Mars?", *Nature Science Update*, 22 August 1996.

Notas:

1 - Para mais detalhes sobre os resultados das experiências realizadas pelas sondas Viking I e II, ler o artigo "Vida em Marte — Resultados do Projeto Viking", do autor, publicado no *Somnium* 49.

2 - A década de 1990 marcou o aparecimento de uma nova safra de

romances marcianos *. Depois de um longo período de ostracismo, a colonização do planeta vermelho volta a inspirar paixões na vertente *hard* da ficção científica. Por suas doses generosas de realismo e plausibilidade científica, alguns desses romances marcianos são considerados o estado da arte em termos de ficção científica *hard*. É curioso notar que, em meio a tamanhos esforços para se aprimorar a verossimilhança e o realismo, houve uma certa tendência para se deixar a imaginação em segundo plano: a maioria dos autores, por exemplo, não ousou propor a descoberta de microfósseis marcianos (Ben Bova foi uma exceção notável). No entanto, é bem provável que a humanidade sequer tenha precisado ir até Marte para descobrir vida extraterrestre. De uma maneira bem menos dramática mas tão surpreendente quanto a descrita por H.G. Wells em *A Guerra dos Mundos*, Marte veio até nós. E assim, a ciência surpreendeu a nossa pequena aldeia global ao superar uma vez mais as expectativas da própria ficção científica.

3 - Os artigos citados podem ser lidos e/ou retirados diretamente pelos leitores interessados nos *sites* da *Nature* e da *Science* na Internet. A citar: <http://www.nature.com> e <http://science.com>.



Antologia de contos de ficção científica enfocando o futebol.

Prezados Escritores:

O futebol é o esporte de maior sucesso e repercussão ao nível mundial. No Brasil não é diferente e desperta a paixão da maioria dos brasileiros. É tão penetrante em nossa sociedade, história e cultura que seu alcance vai muito além do âmbito esportivo. É uma das mais genuínas manifestações sócio-culturais do povo brasileiro neste século XX. Uma expressão e afirmação de grande parte da sociedade, bem como de identidade nacional.

Estranhamente a literatura brasileira em geral abordou muito pouco o futebol. A proposta desta antologia é contribuir para enriquecer a prosa

brasileira sobre este tema, e de maneira singular: pela ótica da ficção científica.

Encare este convite como um desafio goste ou não de futebol. Histórias de ficção científica em que o futebol tenha o primeiro plano da narrativa. Pode focar as perspectivas do esporte em geral, situar a história em um clube ou região do País, ou sobre jogadores que fizeram (ou farão) a história do esporte, bem como do caráter de manifestação popular da cultura brasileira.

A proposta deve levar em conta o caráter de entretenimento e abrangência, pois ela é voltada tanto para o aficionado por ficção científica quanto pelo de futebol.

Coloco-me à disposição para esclarecer dúvidas e sugerir possíveis idéias para uma futura história, bem como material de pesquisa que julgar necessário.

Vamos enriquecer a literatura brasileira de ficção científica com um tema de abordagem absolutamente original. Além de entreter também o torcedor que vai à arquibancada torcer por seu time ou craque do coração.

Fico no aguardo de um contato de sua parte. Estou aberto ao número de contos que quiser enviar para seleção e possível aproveitamento.

Não deixe a bola cair! Vamos marcar aquele golaço!

Antologia de Contos FC & Futebol

a/c Marcelo Simão Branco

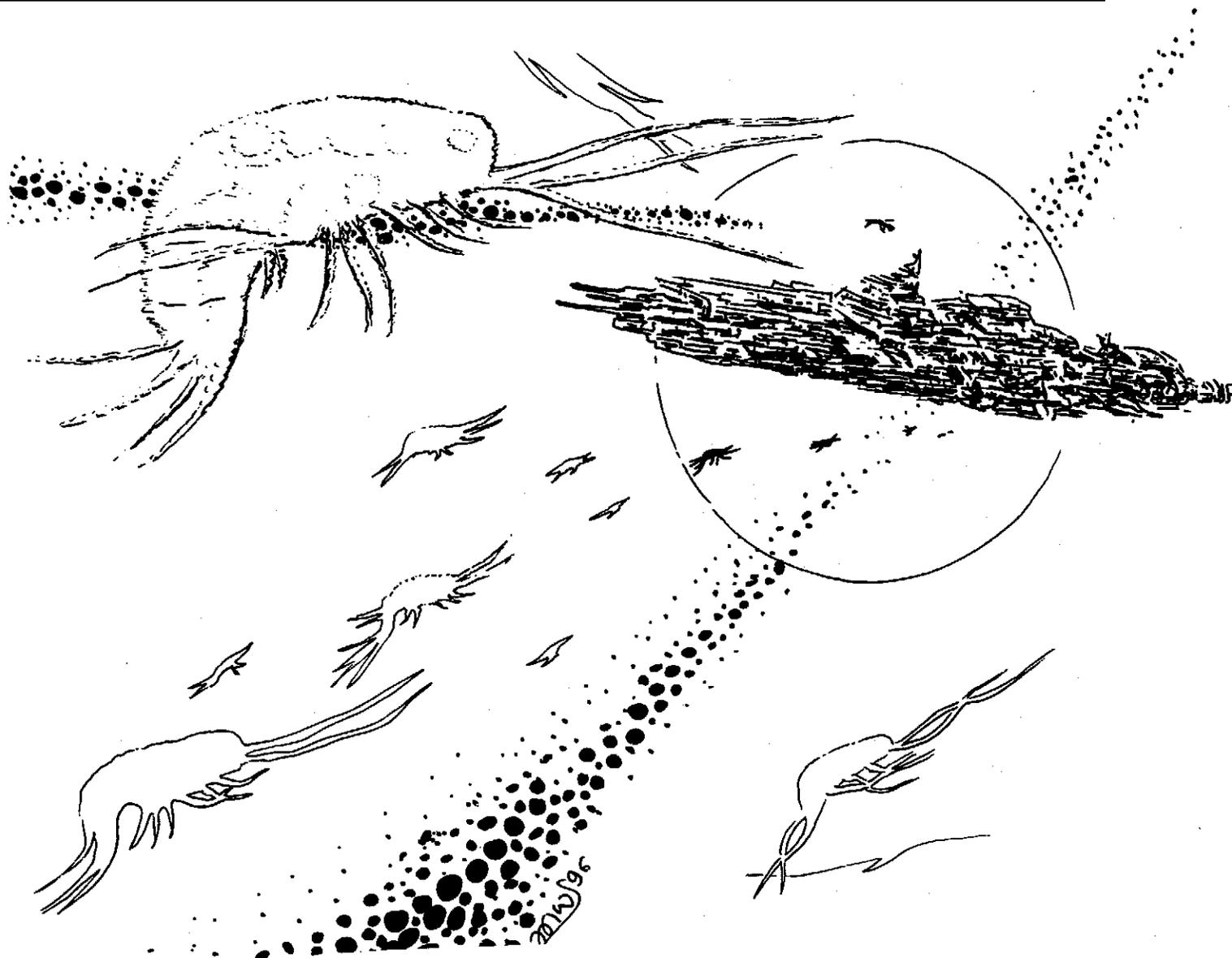
Av. Clara Mantelli, 110 - 04771-180 - São Paulo, SP

Tel. (011) 521-9160 (à noite)

Talvez para os leitores mais antigos este título não seja estranho. É verdade. “Camarões do Espaço” fo publicado originalmente no fanzine Antares no início dos anos 80. Por que então publicá-lo novamente? Por dois motivos: primeiro porque ela é uma das mais empolgantes histórias de ficção científica espacial escritas por Carqueija e por esta geração de escritores da ficção científica brasileira. E em segundo ela foi reescrita, melhorada em sua forma e narrativa, para ser primeiramente publicada em uma antologia de contos. Para quem já conhece, uma versão mais estilizada, modernizada. E para a maioria que já ouviu falar e tinha curiosidade de conhecer, aqui estão os

Camarões do Espaço

Miguel Carqueija



“Venha conosco. Abandone a angustiante e vertiginosa rotina diária, o esmagador afã dos problemas banais e diários, a vida sem horizontes da grande maioria que permanece na superfície da Terra. Venha participar das emoções inesquecíveis da caça ao camarão do espaço. Afaste-se das tradicionais linhas de tráfego do Sistema Solar, junte-se aos intrépidos aventureiros que demandam os rios cósmicos onde prolifera a mais incrível criatura do Universo, o camarão espacial. Você verá coisas nunca vistas e fará a maior - ou maiores, pois contamos com seu retorno - aventura da sua vida.”

Ah, a força da propaganda! Ela pode ser utilizada - e é, largamente - para desarrumar vidas, desestabilizá-las, sob o eufemismo de “abandonar a rotina”. Uma análise serena mostraria facilmente as falhas daquela amostra que transcrevi, como chamar “caça” - nome mais facilmente associável a emoções - àquilo que por analogia melhor se intitularia pesca. No entanto ali estava eu, a bordo da velha nave espacial “Centúria”, veículo de aluguel, em companhia de Joe “Boca Larga”, a quem eu nem conhecia poucos meses atrás. Não o tipo de gente que eu apreciava como única companhia durante semanas, meses a fio. Mas não há muita escolha, nesse tipo de empreitada.

Era de manhã, bem cedo. Falo em termos relativos, embora não seja um especialista em Einstein. Psicologicamente somos dependentes do sistema terrestre de contar o tempo, ainda seguimos o Calendário Gregoriano mesmo no espaço sideral, onde não existem dia e noite, manhã e tarde, alvorada ou crepúsculo. O tempo, na milenar marcação de 24 horas por dia, é um dos poucos fios que ainda nos ligam ao distante planeta natal.

O espaço é um dos maiores problemas, dentro de uma astronave de pequeno porte. A cama encontra-se embutida numa espécie de nicho na parede metálica e você não pode se erguer de repente, pois baterá com a cabeça no teto. Mesmo sendo este forrado, uma precaução necessária, o choque é desagradável. Nem trinta centímetros fazem a distância de sua testa. É preciso então arrastar-se para fora da cama. À direita, em outra reentrância quadrada na parede, estão fixas mesas e cadeiras. O reservado é na concavidade oposta. Perto da mesa, um nicho pequeno na parede garante comunicação com o resto da nave. Luzes suaves de cores diversas, reguláveis, no teto. É só. O que mais você queria que houvesse nesse quarto ?

Pelo menos, é um santuário onde posso desfrutar de minha privacidade, antes de enfrentar a tagarelice de Joe “Boca Larga”.

- Alô, chefe - disse Gil.

- Alô, Gil - disse eu.

Claro, Gil é um autômato. Programaram-no para chamar todo tripulante de “chefe”. Pode não ser um autêntico robô assimoviano, que passaria pelo crivo de Susan Calvin. Não está programado com as três Leis da Robótica, mas é plenamente seguro apesar disso. Há muita fantasia em torno de robôs, mas eles são apenas máquinas.

- Teve uma boa noite, chefe ?

- Claro, pois dessa vez não sonhei com o Joe.

E aqui estou eu, Fidélis Guarnieri, a conversar tolamente com um autômato que foi programado para manter conversações banais que às vezes raiam a debilidade mental. Ele tem um certo estoque de frases pré-fabricadas em sua memória eletrônica.

- Então não foi tão desagradável, Chefe.

Um senso de humor infame, ainda por cima. Nesse ponto Joe já intervinha:

- Alô, Fidélis. Graças a Deus você levantou. Já estou farto de conversar com aparelhos. Isso é deveras irritante. Esse raio desse autômato não poderia conversar com uma criança de cinco anos.

Instalei-me numa poltrona e fixei o olhar em meu associado:

- Só que eu gostaria que falássemos muito seriamente dessa vez. Estamos nos aproximando do campo de pesca e precisamos nos prevenir contra qualquer eventualidade. Temos de pensar nos concorrentes, inclusive os desleais e perigosos. E nas próprias incógnitas que essas regiões representam. Não podemos continuar como se estivéssemos numa viagem turística.

Joe alargou a sua boca e respondeu com bom humor:

- Você está ficando enrugado, Fidélis. Nem eu nem você somos grandes entendidos em matemática avançada, e assim não podemos saber grande coisa de navegação espacial. E nem é preciso, já que a nave é computadorizada e a moderna ciência cibernética garante a nossa segurança de um modo que seria impensável uma geração atrás. Portanto...

- Portanto, Joe, eu não gosto muito da idéia de me entregar de olhos vendados a um bando de robôs e computadores idiotas. Vamos discutir a nossa situação.

- Pois muito bem, já que você insiste. Vamos lá no controle para podermos esclarecer qualquer dúvida.

Para fazer isso só precisávamos dar alguns passos. Sentamos diante do painel luminoso e Joe, encurtando a boca, ficou esperando.

- Bem, Joe, em primeiro lugar vejamos essa história de “rios cósmicos”. Podemos fazer uma analogia com as correntes marinhas, de qualquer maneira o fato é que nos dirigimos para uma torrente nas periferias do Sistema Solar, por onde fluem os camarões. Eu penso muito nisso como uma espécie de voragem que pode tragar nossa embarcação, ou retê-la para sempre. Se não tivermos tração suficiente...

- Fidélis, nós sabemos que o camarão não possui meios de sair das áreas de turbulência gravitacional, que é o que são as correntes cósmicas. Entretanto uma nave fotônica como a nossa é algo diferente. Se não fosse assim, muitos acidentes já teriam ocorrido. Você sabe muito bem que os caçadores de camarão conseguem retornar.

- Alguns não voltaram.

- Muita gente não volta de um simples passeio de bicicleta. Até aí estamos dentro dos limites de periculosidade. Não é porque haja nada de especialmente fatídico na correnteza gravítica.

- Mas eu não devo ter refletido com todo o meu senso habitual, quando concordei em vir com você! Será que você não percebe que a aventura está dentro dos padrões médios de segurança, se o nosso veículo também estiver? E qual é a idade da Centúria?

- Quarenta e quatro anos. Acontece...

- Acontece que esse bicho passou por revisões e remendos, mas nem por isso se compara às naves atualmente desenhadas. Veja bem, Joe “Boca Larga”, esse navio foi construído antes das primeiras expedições aos rios cósmicos. O Billings só foi explorado de 32 anos pra cá, e faz só 18 anos que a temporada de pesca foi regulamentada. Como você pode garantir a segurança de uma nave não especialmente projetada para navegar nas correntes do espaço?

- Você está supervalorizando o perigo. Existem precedentes importantes de naves não especialmente projetadas, e que navegam muito bem nessas regiões. Eu mesmo conheço um grande sujeito, Alfie, o Bagre, que...

- Não importa. Isso não prova o suficiente nossa segurança.

- Escute aqui, Fidélis, você sabe por que razão os vermelhões não resistem à correnteza? Porque eles são sutis, não são feitos de matéria como nós conhecemos na Terra. São de plasma. Aliás, tudo indica que eles não tem condições de sobreviver fora de sua área. Não lhes interessa mesmo sair.

- Tudo bem, é bom contar com um sujeito otimista para contrabalançar um pouco as minhas desconfianças. Mas faço questão de uma conferência geral nesta nave antes que cheguemos ao Rio Billings. temos de evitar qualquer parafuso fora do seu lugar.

Joe concordou facilmente. Não que lhe agradasse qualquer verdadeiro trabalho, mas afinal existia o Gil com seus robôs auxiliares.

Eu, porém, tinha outras objeções a fazer.

- Que você me diz da segurança interna? Quero dizer, principalmente o acondicionamento dos camarões...

- Se você não se aventurar em tocar neles com as mãos nuas...

- Vade retro. Mas eu sei muito bem que os nosso colegas utilizam tripulações de até quinze pessoas...

- ... o que é um exagero. Nossos tanques são perfeitamente adequados aos nossos “crustáceos” e os robôs suprem com vantagem a ausência de mais seres humanos. E mais: robôs não dividem os lucros.

- Então está tudo seguro por dentro e por fora?

Joe digitou algumas teclas.

- Veja você mesmo. Estou solicitando a porcentagem de segurança que nós gozamos atualmente.

Os cálculos surgiram na tela, vertiginosos, impossíveis de acompanhar. Finalmente, triunfante, apareceu o percentual: 97,58%.

- E aí está. Menos de 3% de risco para nós. Um helicarro no Rio de Janeiro não apresenta tamanha segurança.

Embora eu adivinhasse as objeções contra semelhante argumentação, fingi que tal garantia me era satisfatória. Eu ainda tinha outra preocupação:

- Resta uma coisa, Joe. As defesas do nosso barco. Não me sai da cabeça essa falta de previsão, na pressa com que partimos.

- Defesas? Você quer dizer, contra ataques?

- Geralmente, a gente se defende de ataques...

- Você andou lendo as reportagens sobre pirataria espacial, não é isso?

- Além da própria violência de certos competidores legalizados.

- Oh, isso! Deixe eu lhe mostrar uma película...

Joe acionou o aparelho de vídeo. A tela azulou-se e ele digitou o código de um documentário que eu já havia visto umas cinco vezes. “Billings, o rio cósmico”.

Uma das descobertas mais excitantes da exploração do Sistema Solar foi a dos rios cósmicos, há 42 anos. Trata-se de uma série de correntes de vácuo, se é que se pode utilizar semelhante vocábulo. Como a distinção entre matéria e energia é mais de grau que de diferença real, deduz-se que o vácuo absoluto provavelmente não existe pois a energia penetra em toda parte. Basta pensar na difusão espacial da luz. Bem, o rio cósmico é um torvelinho de gravitação. Assim pelo menos os astrofísicos o descreveram. Cummings declarou mesmo que se trata de “torrentes de nada, correndo para parte alguma”. Apolônia expôs, há quarenta anos, a tese de que os rios cósmicos são elemento moderador para o equilíbrio gravítico do sistema, e desenvolveu uma série de equações notáveis para sustentar a teoria. De qualquer modo, eles se encontram em oposição ao disco das órbitas planetárias: sete ao todo, identificados e perfeitamente individualizados,

bem que ligados entre si por tênues ramificações.

É o único local do Cosmos onde foram encontrados camarões espaciais

A Centúria realizou uma grande translação até atingir um ângulo de quase 90° em relação à eclíptica, afastando-se 380 milhões de quilômetros da Terra. Íamos agora nos aproximando do Rio Billings - nome dado em homenagem ao seu descobridor - e faziam-se necessárias manobras especiais para a penetração naquela zona de turbulência. A velocidade média do Billings é estimada em onze mil quilômetros por hora, e isso significa que a forma mais sensata de abordá-lo é lateralmente, e não frontalmente. Como um alfinete espetado por baixo da pele, e não penetrando a carne. De qualquer forma, o foguete terá de acompanhar a velocidade da torrente, e a sua direção. O pior de tudo é que os camarões também não param, estão sempre correndo junto com o rio. O máximo que pode acontecer é certo retardamento em face da tremenda concentração de certas colônias, que chegam a abrigar trilhões de indivíduos. Uma certa coesão que existe entre eles, e a própria velocidade menor registrada no centro da torrente, fazem com que essas grandes colônias se desloquem a velocidades bem menores, nunca inferiores porém a sete mil quilômetros por hora.

Em suma, nós acertamos nossa velocidade com a do Billings. E com a nave de Stromboli, o Dentuço. A possibilidade de encontrar justamente esse sujeito nocivo pelo caminho é que é uma em um trilhão e realizou-se, ou sou um mico de circo.

Vocês se lembram que, algum tempo atrás, eu disse que os autômatos são apenas máquinas? Contudo, às vezes eu julgo falta de caridade a maneira como Joe se dirige a eles. Agora, porém, eu queria saber o que é que o meu experiente amigo pretendia com essa história. Perguntei-lhe quem era Stromboli, o Dentuço.

- É o mais desonesto caçador de camarão que eu conheço. Tenho velhas contas a ajustar com ele. É um sujeito perigosíssimo, que possui uma verdadeira quadrilha a seu serviço. Veja o tamanho de sua nave. Está equipada com raios positrônicos e outras parafernalias.

Lembrei-me de uma longa discussão ocorrida dias atrás.

- Recorda-se, Joe, que você se deu ao trabalho de me exibir um sofisticado filme que revelava a vastidão inimaginável do Billings, e isso só para me convencer que a possibilidade de deparar com inimigos era apenas uma em um trilhão - e aí está a possibilidade à nossa frente, apesar de tudo, e logo no início ?

Ele desconversou habilmente.

- Não há tempo para discutirmos, Fidélis. Vamos primeiro desviar nossa rota o mais depressa possível antes que eles nos vejam, pois não estamos preparados para enfrentá-los. Gil, Cromático, tratem de fazer uma manobra de marcha-a-ré, mas num ângulo que nos custe o mínimo de tração. A seguir mergulharemos “por baixo” desse mar de sargaços para emergir à direita, e poderemos então pescar em paz.

Tive de reconhecer que Joe possuía para essas coisas um tino invulgar e presença de espírito. Apesar de que, eu custasse a crer em tamanha agressividade por parte dos competidores. Afinal de contas, havia camarão para todos.

Dirigi-me através do aperto até a tela de radar. o importante era evitar sarilho, e para tanto dependíamos do sucesso de nossa manobra de despistamento.

Graças a Deus, conseguimos efetuar o mergulho, passando através dos vermelhões na periferia do aglomerado. Tirando fora os nossos falsos crustáceos, que agora nos acompanhavam à esquerda, o espaço ao nosso redor estava mais do que vazio. Era bem o espaço de Pascal.

A Centúria flutuava na serenidade cósmica, acompanhando a ilha de seres plásmicos. Nossos controles estavam desligados; nos deixamos levar pela corrente de gravitação, sem maiores cuidados. em nossos painéis, um espaço leitoso e tremeluzente, produto das ilusões de ótica que a distorção gravítica produzia.

A uma distância tentadoramente próxima, os camarões do espaço.

Muita gente ainda não tem suficiente informação a respeito desses seres. Quando de sua descoberta, causaram histórico furor, especialmente nos meios acadêmicos. Revolucionaram o conceito de vida. quando os primeiros camarões chegaram aos laboratórios terrestres e espaciais, em precárias condições de conservação, admitiu-se de um modo geral que os mesmos representavam uma incrível forma de vida, no quarto estado de matéria (plasma). Chamá-los de camarões (há quem prefira “lagostins” ou “lagostas”) é uma feliz analogia, já que eles nada possuem em comum com a classe dos crustáceos. São, praticamente, entes energéticos, alimentados ao que parece pelo Sol. Ou pelos raios cósmicos. Criaturas do espaço e de vida social, possuem uma complicadíssima organização - muito mais complicada e hierárquica que a das abelhas - baseada na sua estrutura mais ou menos desenvolvida.

Um camarão do espaço (*Macrobachium Espacialis* Thurston, seu nome científico) pode ter, quando adulto, entre 15 e 45 centímetros de comprimento; seus apêndices naturais, que lançam fios que se entrelaçam nos vizinhos, dão-lhe uma largura média de 20 centímetros, não mais do que oito ou dez se considerado apenas o tronco. São, por via de regra, amarelo - dourados, com cintilações escarlates, lilases e brancas. Não possuem estômago, aparelho respiratório ou

sexual, geringonças inúteis em seu caso particular. Jamais saem dos rios de gravidade, a não ser quando tirados à força. Aglomeram-se aos trilhões, formando verdadeiros asteróides de plasma, entretecendo uma tela que consolida a sua estabilidade. Podem, porém, emigrar, dividir os seus bandos. Alguns indivíduos que se desprendem seguem com maior velocidade, afastando-se do núcleo, e eventualmente formarão outro núcleo mais adiante, ou talvez se juntem a um preexistente, como quer que seja, sempre são vistos muitos indivíduos vagabundos, passando num frenesi, rodopiando às vezes. Esses são difíceis de pegar.

Parecem possuir, de alguma forma, o sentido da visão, reconhecida que está a existência de uma “parte da frente”(cabeça?) em sua estrutura. Por razões óbvias, não podem ser dissecados pelos biólogos. Representam um novo e acintoso Reino da natureza, que não é vegetal, animal ou humano sem falar nos microorganismos e nos cogumelos, que representariam outros tantos reinos): a vida em plasma, alguma coisa de enlouquecer um físico nuclear, para quem o plasma é - ou era, eles custaram muito a se acostumar - matéria desfeita em sua estrutura atômica e que, pela lógica, não poderia formar seres vivos. Mas serão mesmo vivos? Houve cientistas que apanharam por declarar que sim; todavia, com o tempo as evidências se acumularam. Por exemplo, o vermelhão (nome inspirado na cor vermelha que, não obstante, não é a predominante neles, se bem que em certas épocas eles alterem suas cores, como camaleões) reage à aproximação de objetos sólidos e procura fugir às pinças e sugados das naves de pesca. Além disso eles se reproduzem por crescimento e fissura central e se comunicam entre si de forma misteriosa. São uma forma de vida rudimentar, porém fascinante. O que atrai os pescadores, porém, geralmente é o interesse econômico e não o científico.

Hoje em dia, aquários (sic) com vermelhões em exposição obtém bons lucros. Mais do que a curiosidade pública, porém, visto serem eles, com os anjos e as plantas de Marte, as únicas formas extraterrestres de vida conhecidas, existe o imenso valor científico que eles representam. Governos e instituições pagam muito bem por cada leva de exemplares. Entretanto existem ainda a utilidade prática. Milionários excêntricos orgulham-se de ter os seus palácios inteiramente iluminados por camarões espaciais, uma fonte de energia que deve ser constantemente renovada, já que não resiste muito tempo ao catifeiro, apagando-se aos poucos e dissociando-se, desaparecendo enfim.

A propósito de tais fatos, tem havido diversos protestos, e também processos, por parte das associações protetoras dos animais - que esbarraram com a dificuldade jurídica de não serem os vermelhões, cidadãos do reino animal. Eu, particularmente, não senti maiores escrúpulos de consciência ao juntar-me a Joe “Boca larga”, por não acreditar numa sensibilidade real em tais seres. Dor e angústia parecem inverossímeis em certas formas de vida cujas funções são apenas vegetativas, instintivas. Tenho muito amor para com os animais, como cachorros e gatos, mas um capim, por exemplo, não me inspira a mesma ternura. O que me leva a refletir: não estará errado o nosso conceito de vida? Não será realmente vivo somente o ser que pensa, e portanto sabe de sua própria existência?

Mas de repente estou filosofando. Voltemos à história que é o que o que interessa.

Enquanto eu comia uma empada de legumes (algo próximo disso, é claro: a comida reconstituída da nave espacial) tomei conhecimento das manobras que Gil, com seus quatro robôs auxiliares e o cérebro da nave, executavam para começar a captura dos camarões.

No porão da Centúria ficava o tanque de camarões, onde eles ficariam isolados por uma camada de vácuo, ou poderiam derreter as paredes do recipiente. Afinal, sua temperatura média é de 3.150 graus centígrados.

Esse tanque encontrava-se vazio.

Agora chegara a hora de realizar aquilo que era a razão de nossa tão longa viagem. Eu não me apressava, pois estava com fome e fazia questão de me alimentar. Não valia a pena precipitar-me por nervosismo, além disso eu não era propriamente necessário. Joe, porém, queria que eu terminasse para iniciar a operação.

Súbito o cérebro da nave - a Centúria em pessoa - fez explodir o alarme:

- Alerta máximo! Estamos sendo atacados!

Os computadores espaciais são muito “espertos” e, em tais circunstâncias, tomam iniciativas defensivas antes mesmo de receberem ordens. Esgueirei-me para fora do meu cubículo, quase me engasgando com a massa da empada, e levei um tranco metálico bem considerável.

- Desculpe, chefe - Aladim, felizmente, era o autômato mais leve. - Foi a pressa.

No corredor estreitíssimo, fitei Joe. Ele estava lívido.

- Aquele patife! Conseguiu nos seguir!

- Stromboli?

- Ele mesmo! E quer mesmo nos destruir!

- Mas não fizemos nada!

- É que para ele isso é simples diversão!

Nossos radares e janelas mostravam claramente o monstruoso cruzador que lançava projéteis em nossa direção. Sem

a manobra preventiva da nave, creio que já teríamos sucumbido. Os canhões do navio inimigo vomitavam fogo, mesmo. Não os raios mais sofisticados, pois talvez achassem muito requinte.

O abominável tubarão aproximava-se implacavelmente.

Olhei para Joe em busca da salvação, mas só enxerguei o desespero.

Então Joe exclamou:

- Vamos mergulhar na massa! Seja o que Deus quiser!

Deu as ordens rapidamente. Não se tratava de uma penetração na periferia, como há pouco, mas de um mergulho fundo, ao coração da massa inimaginável das fantásticas criaturas. Foi tudo uma questão de segundos. A Centúria fugitiva mergulhou de frente naquele oceano de luz cósmica. Algo que talvez jamais alguém houvesse feito.

Sentado junto do painel, eu observava o lado oposto, onde uma janela panorâmica, no teto, mostrava o que ocorria no exterior. Na realidade a janela ficava abaixo dos motores; era uma tela que projetava imagens colhidas de uma verdadeira janela, muito mais afastada, por precaução, do espaço habitado.

E era espantoso. Um turbilhão de massas incandescentes ia-se esborrachar sobre o vidro térmico, como se fosse uma cachoeira cósmica. Aparentemente os camarões se arrebatavam, se dissociavam e retornavam a ser plasma normal, inanimados; e eu nunca havia pensado que eles pudessem morrer daquela maneira. Minha inteligência não permitia uma compreensão maior do fenômeno, mas subitamente a massa vermelho - amarela mudou parcialmente de cor, assumindo em segundos um aspecto predominantemente lilás, e um grande espaço leitoso pareceu se abrir em meio à massa viva. Então os choques contra a janela cessaram. Os camarões pareceram formar uma só estrutura, que se afastava da nossa embarcação, abrindo-lhe caminho. Preocupado, liguei um pequeno televisor afixado sobre um tripé, junto à direita do painel, e focalizei a direção oposta ao nosso movimento. A nave tubarão vinha vindo como uma fúria, ao nosso encaço, numa perseguição irracional. E só então acordei que Joe mentira o tempo todo para mim, ao esconder o verdadeiro ambiente da pesca do camarão. Hoje sei que se desenvolveu nessas regiões um verdadeiro faroeste cósmico, com os “tubarões” tipo Stromboli, sedentos dos lucros fabulosos, eliminando impiedosamente, sem polícia nem testemunhas, os pequenos rivais que, somados, fariam considerável concorrência.

Mas outra coisa me chamou a atenção. A tela retrovisora era pequena, não tenho certeza absoluta, foi tudo muito rápido, Joe não chegou a olhar, devo ter-me enganado, mas o que vi - ou que julguei ver - é que a massa agredida e dizimada dos camarões, agora reagrupada, adquiria forma colossal de uma monstruosa lagosta, de um escorpião fantástico, e suas pinças-soma de milhões de camarões - moviam-se rapidamente em direção à nave-tubarão, de um lado e do outro...

E então nós saímos do turbilhão.

EPÍLOGO

Até hoje não entendo como escapamos com vida. Atribuo isso à mão poderosa de Deus, que nos poupou tendo em vista nossa inocência.

Quando saímos daquele “mar de sargaços”, espantosa explosão roxa iluminou aquela área, esfacelando o agrupamento de vermelhões. Todos os nossos instrumentos de observação e registro, acionados, puderam apenas constatar a presença de fragmentos maiores da Destemida - como eu soube mais tarde ser o nome do navio de Stromboli, nave pirata, nave bordel, nave contrabandista - tudo de ruim que vocês quiserem.

Em poucos meses aquele ninho de camarões reconstituiu-se e retornou ao seu aspecto normal. Quanto a nós, fomos objeto da curiosidade de repórteres e cientistas do mundo inteiro. Pela primeira vez se comprovou a capacidade de coordenação e reação das criaturas espaciais; pela primeira vez patenteou-se o perigo que elas representam. Nos meus depoimentos frisei bem que, se reação houve, foi justa tendo em vista a inusitada agressão que os seres haviam sofrido, e que punha em cheque a estabilidade do seu reino. Como quer que seja, dois efeitos imediatos ocorreram: primeiro, desativação, por medo, da maior parte das instalações energéticas à base de camarões, bem como dos aquários; e segundo, proibição da pesca por tempo indeterminado, exceto por expedições rigorosamente científicas. Também se efetuou uma devassa dos pescadores registrados, para acabar de vez com a pirataria.

Quanto a mim, aposentei-me como aventureiro. Joe “Boca Larga” não pensou da mesma maneira e hoje garimpa metais raros nas luas de Júpiter. E estou para casar e viver feliz para o resto da vida. Para mim, chega de perigos incompreensíveis. O que vou ganhar com a publicação deste memorial, sem falar na venda dos direitos do mesmo ao cinema, poderá manter minha família pelo resto da vida. O que talvez seja uma conta justa a quem ganhou, na aventura, os seus primeiros cabelos brancos.

Já imaginou como estaríamos se o golpe do Marechal Deodoro da Fonseca não tivesse dado certo em 15 de novembro de 1889, proclamando a república no Brasil? Estas e outras questões são apresentadas nesta história de 'Brasil Alternativo'. Ataíde Tartari, autor de Ano 2076, Um Repórter no Espaço (sob o pseudônimo de A.A. Tartari), estréia no **Somnium**, com muita ironia, humor e perspicácia ao Brasil, às mornarquias ainda vigentes no mundo à entrada do século 21, e a uma certa 'folha' de lá e de cá.

Folha Imperial

Ataíde Tartari

Devia ser umas onze horas da noite, ou até mais tarde do que isso, quando o figura arrombou a porta da redação e entrou xingando todo mundo. Quer dizer, na verdade ele não arrombou nada. E nem conseguiria; o cara não é mais forte do que um pardalzinho com fome. Quem entrou chutando tudo foi o seu guarda-costas. Agora que ele tinha conseguido o título de barão, Barão do Dona Marta, ele só andava com guarda-costas. Para a nobreza carioca, ter um guarda-costas era tão importante quanto o título em si, era uma espécie de complemento indispensável. O que não deixa de ser um bom negócio para um guarda-costas.

Mas esse barão, não se sabe exatamente por quê, estava irado com um dos mais novos talentos jornalísticos a serviço de Sua Majestade Imperial, o repórter Ronaldo Cetro. Cetro tinha escrito, é verdade, um artigo sobre a outorga do título ao Barão do Dona Marta devido aos serviços por ele prestados ao Império por ocasião da visita do pop star plebeu Michael Jackson. O Barão cedeu sua casa no morro Dona Marta, aquela favela, como camarim para o astro plebeu. Em vista disso, o título lhe foi outorgado às pressas para evitar que o astro plebeu fosse hospedado por um favelado igualmente plebeu. Agora ele era favelado, sim, mas não obstante membro da nobreza imperial brasileira!

Era natural, portanto, que a *Folha Imperial*, um jornal sempre a serviço de Sua Majestade Imperial, colocasse o novo barão na primeira página, deixando o visitante estrangeiro, um plebeu, na página interna. A mancehete, é claro, era tipicamente *Folha Imperial*, exaltando o talento que preenche todas as suas páginas:

**NOBREZAFAVELADA:
NOVO BARÃO QUER O SEU EM CACHAÇA**

E, abaixo dessa manchete, cobrindo a outra metade da página, uma foto do novo barão segurando o título de nobreza impresso em letras góticas com uma das mãos e um copo de cachaça com a outra. A legenda da foto dizia: "Posso trocar esse troço por um vale-cachaça?"

Obviamente o barão, na sua nobre ignorância, não sabia apreciar o verdadeiro talento jornalístico. Ao invés de ficar grato por sua recém-adquirida notoriedade, o barão preferiu investir contra Cetro e a *Folha Imperial*.

A bem da verdade, Cetro não ficou sabendo de todos os detalhes do que aconteceu naquela noite na redação da *Folha*, mesmo porque nesta mesma hora ele estava passando mais uma noite em frente ao Paço Imperial. Um dos camelôs que ocupam esta praça durante o dia tinha cedido as instalações de sua barraca para Cetro passar a noite na vigília.

Desde que Sua Alteza Imperial Príncipe do Grão-Pará, herdeiro do trono, tinha retornado ao Paço Imperial no Rio de Janeiro após alguns meses de descanso no Palácio Imperial de Petrópolis, vários jornalistas faziam plantão em frente ao Paço, tentando flagrar o príncipe saindo para mais uma de suas grandes noitadas. Já era a quarta noite seguida que Cetro e Dida, o fotógrafo, passavam sentados atrás da droga da barraquinha do camelô.

Quando deu meia noite o fotógrafo já não aguentava mais: - Mas que porra, Cetro! O Joãozinho não vai sair mais hoje. Eu acho melhor a gente ir dormir em casa, só pra variar um pouco.

- Tu tá duvidando? Boêmio que é boêmio não aguenta passar quatro noites seguidas em casa.

Sentado em um banquinho e com uma cópia da agenda imperial na frente, Dida apontou pra página que descrevia o dia de Sua Alteza:

- Olha aqui, O Joãozinho não vai inaugurar nenhuma casa nova do Ricardo Amaral hoje. A agenda dele terminou às oito da noite e ele voltou pro Paço. Eu não acredito muito nessa coisa de fugir escondido. Ele não é invisível e ele sabe disso. Quando ele tem compromisso à noite ele aproveita pra dar uma estocada, mas quando não tem ele não pode fazer nada por que tá todo mundo de olho nele.

- Cala a boca e olha pra aquela janela lá - disse Cetro, apontando pro Paço.

Dida olhou pela teleobjetiva da máquina: - Num tô vendo ninguém.

- Mas a cortina abriu... Se liga. Fica com o dedo no botão.

De repente Cetro viu um vulto passando pela janela. Dida clicou. Ele não usava flash à noite, só filme sensível.

- Quem era? - Cetro perguntou.

- A Terezinha; acho.

Cetro pegou agenda imperial para ver se a Terezinha, Sua Majestade Imperial d. Maria Teresa I, Imperatriz do Brasil, estava mesmo no Paço. Ele tinha certeza de que o príncipe herdeiro estava, mas não a atual chefe de Estado.

- Não, Dida, não pode ser ela. Ela tá junto com o Visconde de Higienópolis e o Duque de Pinel numa festa na embaixada britânica. Ele e o corno consorte.

O assim-chamado corno consorte, primo do rei da Espanha e esposo de d. Maria Teresa, era uma pobre vítima do humor brasileiro desde o casamento. D. Maria Teresa nunca tinha escondido de ninguém sua queda pelos astros estrangeiros que visitavam o Brasil no carnaval e que brilhavam nos cassinos cariocas. Seu novo alvo, diziam, seria Mel Gibson, apesar de ela ser mais velha do que a mãe dele. Ninguém nunca provou nada, mas que o Príncipe do Grão-Pará tinha a cara do Marcello Mastroianni, tinha.

- Festa?! Então por que não mandaram a gente pra lá?

- Porque não tem nada pra gente lá. Além da Terezinha, do primeiro-ministro e do prefeito do Rio não tem mais nenhum nobre por lá. Eles estão comemorando a chegada do novo embaixador britânico, que nem sangue azul tem.

- É mal... Bem que a Lady Di podia ter vindo junto...

Cetro riu: - Se ela tivesse aqui, o Joãozinho tava colado nela...

Meses antes, a *Folha Imperial* tinha lançado a nova bomba: o príncipe estava a fim da Lady Di. Eles tinham sido vistos - e fotografados! - juntos numa praia do Caribe. Ambos vestidos, infelizmente. E acompanhados por outras pessoas. Mas isso não era importante; o importante era que a idéia estava lançada, a semente estava plantada. A partir daquela foto centenas de páginas da *Folha* puderam ser preenchidas durante meses. Graças à *Folha* não se falava em outra coisa no Império; as pessoas discutiam por causa dos preparativos imaginários do casamento, dos nomes que teriam seus filhos (se em português ou inglês), das implicações constitucionais para ambas as monarquias (sendo ela princesa de Gales e do Grão-Pará ao mesmo tempo), e até por causa da imaginária fusão do Reino Unido ao Império do Brasil. E tudo isso por causa de uma foto! O poder da *Folha Imperial* espantava até aos seus próprios autores.

E era de uma nova e poderosa bomba como esta que a *Folha* estava precisando. Barões favelados não duram mais do que duas manchetes. Era preciso algo realmente grande, e de preferência apresentado e monopolizado por este jovem e leal súdito de Sua Majestade, Ronaldo Cetro.

Dida mirava sua teleobjetiva para o pequeno estacionamento ao lado do Paço quando viu o portão ser aberto. Ele virou pro Cetro e perguntou:

- Os funcionários do paço não saem às cinco?

- Quando não tem nenhuma solenidade à noite, sim.

- É que tem uma loira saindo num chevetinho podre. Só pode ser funcionária.

- Então é.

Cetro não estava muito interessado.

O chevetinho podre passou em frente à barraquinha onde eles estavam. O escapamento estava detonado. Cetro então olhou para o chevette e pra loira:

- Nossa! Que coisa horrível! Parece um travesti!

A loira acelerou fundo e, quando chegou na esquina, reduziu a marcha antes de fazer a curva cantando os pneus.

Cetro deu um pulo: - Putaquepariu! Corre pro carro!

- Que foi?

- Corre pro carro, caralho!

Dida nem tinha fechado a porta do passageiro quando Cetro arrancou pra ir atrás do chevette.

- Tu tá achando que aquela loira é ele?

- É só um pressentimento...

- Mas ele ia se arriscar saindo assim, sem guarda-costas nem nada?

- Tu ouviu a reduzida que ela deu antes de fazer a curva?

- Ouvi, e daí? Tu acha que mulher não faz isso?

- Não, não é isso. Acontece que aquela não foi uma reduzida comum; foi um "taco".

- Um o quê?

- Taco. Punta-taco. Isso é coisa de piloto. Antes de fazer uma curva, todo piloto freia e acelera ao mesmo tempo, com o mesmo pé, enquanto reduz a marcha. Se ele não der essa acelerada na redução, o cambio estoura.

- O meu nunca estourou...

- Eu tô falando de pista, alta velocidade, rotação máxiam, essas coisas; é claro que isso não vai acontecer na rua...

- Pode parar, Cetro. Eu num tô entendendo nada.

- Tudo bem. Eu só tô dizendo que esse "taco" é um vício de piloto. É isso. Tu acha que o paço tem alguma

funcionária pilota?

- Bom, o Joãozinho é piloto, mas isso não quer dizer nada. Ele é um piloto de merda. Quer dizer, ele nunca chegou aos pés do falecido Conde de Interlagos.

E nem o Ronaldo Cetro. O que não o impedia de tentar. Neste exato momento Cetro pilotava pelas ruas da capital do Império como se fosse o próprio Conde fugindo de Schumacher no circuito de Imola. A esperança de Dida era que não houvesse uma curva tamburelo no seu caminho.

Para alívio de Dida, a perseguição não durou muito. O chevetinho podre parou em frente à casa noturna do Sargentelli e os manobristas de repente não sabiam o que fazer com aquela poluição visual na porta da casa. Eles deram risada do carro antes que um deles fosse falar com a loira. Enquanto isso, Cetro parou do outro lado da rua.

Dida e sua teleobjetiva voltaram a ver a loira de perto: - A loira tá saindo do carro...

- Tu tá vendo ela direito?

- Tô, mas ela é um cara! Um cara de boné!

- Isso eu também tô vendo... Olha! O manobrista se curvou pro cara!

O drive da máquina fotográfica do Dida estava rodando sem parar; ele deve ter tirado mais de vinte fotos de uma vez. Cetro estava louco pela confirmação:

- E aí? É ele?

- É, é o Joãozinho.

- Nossa! Que demais, cara! Que flagra!

A cabeça de Cetro estava a mil. Todas as conclusões naturais daquilo apareciam de uma vez só: Sargentelli... mulatas... sexo!... devassidão imperial na primeira página!

Ele abriu a porta do carro, virou pro Dida e disse:

- Eu vou até lá. Continua fotografando tudo. Se acontecer alguma coisa comigo, fotografa tudo.

O porteiro da casa perguntou se ele ia entrar e ele disse que não, que estava apenas esperando uma pessoa. Ele sabia que o príncipe não ia demorar muito porque os manobristas tinham deixado o chevetinho bem na porta, com poluição visual e tudo.

Cetro chegou mais perto de um dos manobristas: - Tu sabe de quem é esse carro? - ele perguntou, apontando pro chevette.

- É de um amigo da casa. O carro principal dele deve tá quebrado.

- Tu conhece ele?

- Já falei: ele é amigo da casa.

- Então ele vem sempre aqui...

- Não muito...

Cetro tirou um documento do bolso e mostrou pro manobrista: - Olha, eu sou repórter da *Folha Imperial* e eu tô sabendo que foi o príncipe que chegou aqui neste carro. Será que tu não poderia me dizer com quem é que ele tá saindo...

Ele olhou pro lado e disse: - Eu num sei de nada.

Cetro tirou os quarenta réis que ele tinha no bolso e ofereceu pro manobrista. Ele pegou e disse:

- Ele tá saindo com a Rosinete.

- Quantos anos ela tem?

- Dezoito - ele disse e riu.

Cetro riu também: - Já entendi... Faz tempo?

- Uns dois meses, acho.

- Mas ele tava em Petrópolis!

- Eu sei. Todas as meninas foram fazer um show lá e ele escolheu a Rosinete.

- Ela é bonita?

- A Rosinete é a mais bonita de todas; é uma princesinha.

Neste momento, o motorista do chevette, ainda usando um boné, saiu correndo em direção ao seu carro com uma mulata ao lado. Cetro levantou a voz:

- Vossa Alteza!

O príncipe parou e olhou pra ele: - Pois não?

Cetro ficou surpreso com a sua cordialidade. Ele estava até sorrindo!

- Perdoe-me por esta intromissão, Vossa Alteza, mas eu sou o repórter Ronaldo Cetro da *Folha Imperial*...

O príncipe estendeu a mão: - Ah, sim, muito prazer.

- O prazer é todo meu, Vossa Alteza. Eu só estava interessado em saber, em nome da *Folha Imperial*, quais são os seus planos com relação a esta jovem dama, dona Rosinete.

O príncipe deu uma gargalhada. Obviamente ele não esperava que este jovem e talentoso repórter estivesse tão bem informado. Cetro tinha conseguido impressionar Sua Alteza!

- Posso lhe pedir um favor, Ronaldo?
- Sem dúvida. Será uma honra.
- Não se deixe levar por especulações sórdidas. Dona Rosinete é uma moça séria e que merece o maior respeito por parte de todos os súditos do Império. Se tudo suceder como espero, eu farei um anúncio oficial no momento oportuno. Cetro ainda estava meio atordoado pela cordialidade imperial de d. João quando voltou pro carro.
- E aí? O que é que ele te disse? - o Dida perguntou.
- “Muito prazer”.

A redação da *Folha Imperial* nunca tinha sido um lugar muito especial para ele. Quer dizer, ela não era aquele tipo de lugar em que, logo quando você entra nele, você sente que é o lugar onde você quer passar o resto de sua vida.

Bom, mas não era isso o que ele estava sentindo hoje; hoje a redação da *Folha* era o melhor lugar do mundo. Cetro entrou nela com o peito estufado e com um dos exemplares da *Folha* de hoje nas mãos. A manchete, em letras garrafais, dizia:

PLACAR IMPERIAL:
LADY DI O x 1 MULATA DO SARGENTO

E, logo abaixo, a foto tirada por Dida. Cetro pôs o jornal mais perto do seu rosto pra ver os detalhes: a foto mostrava Sua Alteza o cumprimentando, com a Rosinete no primeiro plano, prestes a entrar no carro. Graças à nova tecnologia, o chevetinho pode já era; em seu lugar aparecia um Omega novinho. O mesmo tinha acontecido com o boné que Sua Alteza usava naquela noite; ele tinha sido banido da foto. De resto, era uma foto 100% autêntica. Sua legenda dizia: “Ladeado por sua nova paixão, Sua Alteza Imperial cumprimenta Ronaldo Cetro.”

O artigo - na verdade uma narrativa na primeira pessoa por Ronaldo Cetro - descrevia tanto a aventura daquela noite como a nobre e incansável luta de Sua Alteza em busca da futura imperatriz e mãe e seu herdeiro. Em respeito ao pedido de seu novo amigo, o príncipe, Cetro não exagerou no detalhamento das atividades profissionais de uma mulata do Sargentelli. Ao mesmo tempo, ele não afirmou - ao menos não categoricamente - que ela era menor de idade.

Ao chegar à sua mesa de trabalho, Cetro encontrou uma folha impressa em cima do seu teclado. Preso à folha, havia um bilhete que dizia: “busque confirmação sobre isto”. A folha era um rascunho para o editorial do dia seguinte, escrito pelo editor, um velho monarquista, fanático e tradicionalista. Neste editorial em particular, ele se protegia muito mal de qualquer futura alegação de preconceito ao chamar Rosinete de “jovem mestiça”... jovem *mestiça!*

Bom, mas a alegação do velho era outra coisa; era sobre velhas regras e tradições. Como ela certamente era plebéia, não havia possibilidade de casamento e ponto final. O velho, por conveniência, tinha esquecido o fato de que na monarquia brasileira títulos de nobreza eram distribuídos a granel. A confirmação de que o velho precisava era a de que Rosinete não tinha nenhum ancestral nobre. Isso ia ser fácil; alguns telefonemas iam resolver esse assunto.

Mas a redação da *Folha* estava mais do que agitada neste manhã. Depois de ter ligado pra casa noturna do Sargentelli, conseguido o telefone da Rosinete, ligado pra ela e ter sido aconselhado por sua mãe a ligar para um certo advogado que esclareceria tudo, Cetro parou tudo para receber a visita do dia, uma senadora do PTR, junto com os seus deodoros.

Era incrível como os deodoros adoravam essas visitas de provocação! E, dentre todos os deodoros, os do Partido dos Trabalhadores Republicanos eram os mais radicais. Eles até achavam que o Deodoro em pessoa, Deodoro da Fonseca, o traidor dos traidores, condenado à morte pela tentativa de golpe contra d. Pedro II e anistiado pelo mesmo; eles até achavam que essa desprezível figura histórica, origem do apelido dos republicanos brasileiros, devia ser homenageado como herói. Que insolência!

Cetro não fez mais nada além de levantar de sua cadeira enquanto os deodoros passavam; eles não mereciam mais do que isso. Depois que eles entraram na sala do editor, Cetro voltou ao seu telefone e ligou para o tal advogado de Rosinete para saber o quê, afinal de contas, ele tinha a esclarecer.

A sala do editor estava lotada, mas o Cetro entrou assim mesmo. O que foi um alívio pro velho, que já não estava mais aguentando aquela velha cantilena dos deodoros. No meio de todos aqueles deodoros, ele deu um sorriso de orelha a orelha e levantou a voz pra dizer pro editor:

- Eu não consegui a confirmação daquilo que o senhor pediu. Pelo contrário, o advogado dela me disse que tem um processo de paternidade correndo na justiça. A mãe dela é solteira.

O velho não entendeu nada: - E o que isso tem a ver com o fato de ela ser plebéia ou não?

- Segundo o advogado, o exame de DNA vai provar que ela é filha do Marquês de Santos.

O Marquês de Santos e atual ministro extraordinário dos esportes no gabinete do Visconde de Higienópolis tinha namorado várias mulheres, tanto famosas como desconhecidas, de misses a rainhas dos baixinhos, e por isso processos de paternidade não eram surpresa em sua vida. O negrão já tinha comido todas!

Antes de sair daquela sala infestada de deodoros, Cetro virou pro velho editor monarquista, ergueu o punho direito, e gritou:

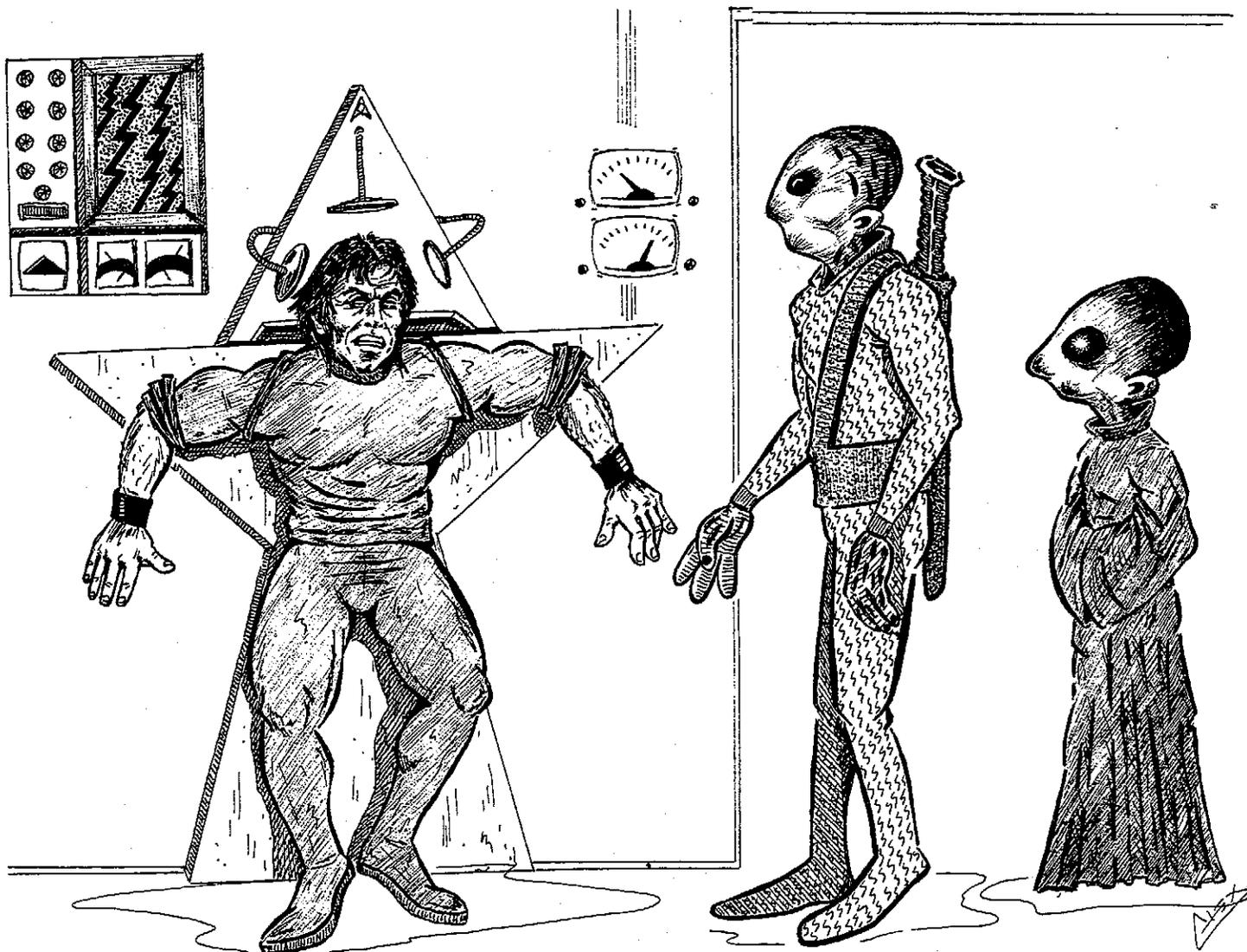
- A monarquia está salva! Viva o Império!

Ao ouvir isso, o sangue do velho ferveu. Ele se levantou, ergueu o punho, e gritou:

- Abaixo os deodoros! Viva o Império do Brasil!

Bom, no final das contas esses deodoros acabaram colhendo o que plantaram. Onde já se viu uma coisa dessas, querer transformar o Império, com todo esse agito saudável, esse charme internacional e esse alto astral, numa republiqueta violenta e miserável como tantas outras...

Esses deodoros são ridículos!



O mais expressivo escritor brasileiro da ficção científica brasileira atual deve lançar neste fim de ano a premiada coletânea A Espinha Dorsal da Memória (Editorial Caminho, Portugal, 1989) pela Rocco. Além de uma coletânea inédita, Mundo Fantasma, pela mesma editora carioca. A seguir Braulio nos apresenta duas histórias curtas, diretas, cômicas e instigantes: um flash de situações aparentemente despercebidas em que o inesperado se insurge de maneira real e arrebatadora.

História Natural

Braulio Tavares

Parecem estar sempre se perseguindo umas às outras, mas quando se alcançam param lado a lado, movem a cabeça em várias direções — e fogem em rumos opostos. No cubo de espaço que exploram, as paredes são as faces onde gostam de passear, entre uma e outra excursão pelo teto. Por um acordo tácito, cedem o chão para o deslocamento maciço e pesado dos humanos, que de resto jamais tentam disputar-lhes o direito de caminhar pelos vastos parques caiados de branco onde se estendem, a espaços, tapetes de papel colorido mostrando imagens onde elas pisam como se fossem os arabescos de Nazca. Ali exercem seu pacífico domínio ao longo dessas superfícies lisas e desimpedidas, pois uma força misteriosa mas oportuna imanta todos os detritos na direção da parede mais escura onde os humanos transitam, e que por alguma razão é diferente das outras. Por isso, para elas é um hábito antigo o de entreparar em meio a uma corridinha, afastar as pernas traseiras, erguer a cauda num arquejo caligráfico e emitir um fragmento miúdo e acharutado, com uma pontinha branca na extremidade, que uma vez concluído é sugado instantaneamente para aquela parede sempre atenta. Nesse universo de trajetos demarcados elas prolongam ao infinito o seu recreio sáurio, correndo só por correr, sumindo entre as telhas, reaparecendo nos desvãos da cumeeira, cruzando com alacridade silenciosa as longas pontes dos caibros, abrigando-se por trás de quadros e de prateleiras. De vez em quando escuta-se a estranha mensagem de sua voz, lingueta de cartilagem tatalando oculta no corpo esguio. Mais raramente ainda consegue-se presenciar a cópula apressada e inquieta que as justapõe. Em todo caso, dão a impressão de que sua vida se resume num curto número de ritos, dos quais o mais freqüente é a solerte caça às moscas.

Não exercem a ameaça, a vigilância ou a brutalidade. Procriam em paz num universo inofensivo, e o povoam com a candura tosca dos que não pensam. Seus corpos nervosos e vibráteis, contudo, parecem trazer adormecida uma antiga semente. Parecem circular entre seres e coisas somente à espera do século propício, quando uma senha encriptada em seus genes fará romper-se a crosta dos milênios e as esferinhas negras de seus olhos brilharão despertas pela primeira vez, para anunciar o Retorno dos Dinossauros.

A Barata Azul

Braulio Tavares

Zé Afrânio era engenheiro de uma estatal e foi fazer um estágio em algum país da Europa. Dois dias depois que ele chegou, me chamou para um papo. Fomos a um restaurante que tinha na esquina da minha rua. Ele olhou para os lados e largou de vez:

— A Terra está invadida por seres repugnantes, muitíssimo mais poderosos do que nós.

— Sim — disse eu. Meu sonho é ser um dia aqueles cômicos-de-palco americanos, de modo que falei: — Os senadores, os deputados...

— As baratas — disse ele. — Elas existem na Terra, sob sua forma atual, há dois bilhões e meio de anos. Se houver uma guerra nuclear, extermina a Humanidade e não acontece nada com elas, escapam todas, assoprando as penas.

— Penas, Zé?

— É metáfora. Mas olha: fiz um curso onde tudo foi demonstrado. Deus do céu, como a humanidade tem sido burra, burra, burra!

— Que é isso — discordei. — Teve a Grécia toda, teve o Direito Romano, o Iluminismo...

— Burra de não perceber que somos... um parasita incômodo que transita pelo mundo servindo de palhaço para uma psi-colmeia muito mais complexa do que somos do que somos capazes de entender. Elas são as células de um mesmo corpo, ou melhor ainda: neurônios de uma mesma mente.

Olhei para Zé. Percebi que estava com quase quarenta anos e era a primeira vez na vida em que essa questão tão lugar-

comum — “*Há espões intergalácticos entre nós?...*” — lhe ocorria. Quase derrubou o chope umas três vezes, mas não de nervosismo, e sim de entusiasmo.

— Ô Zé, me dê uma prova.

— Uma delas andou me seguindo.

— Uma barata?

— Me seguiu por duas semanas em Amsterdam, até dias atrás. Cheguei a vê-la no banheiro do aeroporto, quinze minutos antes de eu embarcar de volta.

— Ah, Zé, fica frio. Barata é tudo igual.

— Essa não. Essa era azul.

— Ah, sei. É como o Serviço Secreto português. As baratas espãs se vestem todas de azul.

— *Eu* a pinteí com *spray* azul, uma noite. Por isso sei que era ela.

— E ela, de otária, nem tomou um banho.

— São daltônicas. Ela pensou que era detefon.

— E daí, Zé?

— Daí que elas pensam. Daí que elas sabem... não sei exatamente o que, mas devem saber muito mais coisas sobre o Universo do que nós. Na verdade, a Essência Última do Universo deve ser mais à imagem e semelhança delas do que à nossa.

— Nossa!

— Voltei ao Brasil porque lá na Holanda ninguém acredita em mim. Dizem que brasileiro come criancinhas.

— Não são os comunistas?...

— O Comunismo acabou, agora é o Brasil. Mas de que adianta? Em mil, dois mil anos elas vão estar controlando tudo.

— Zé, daqui a dois mil anos morremos nós, morre o rei e morre o burro.

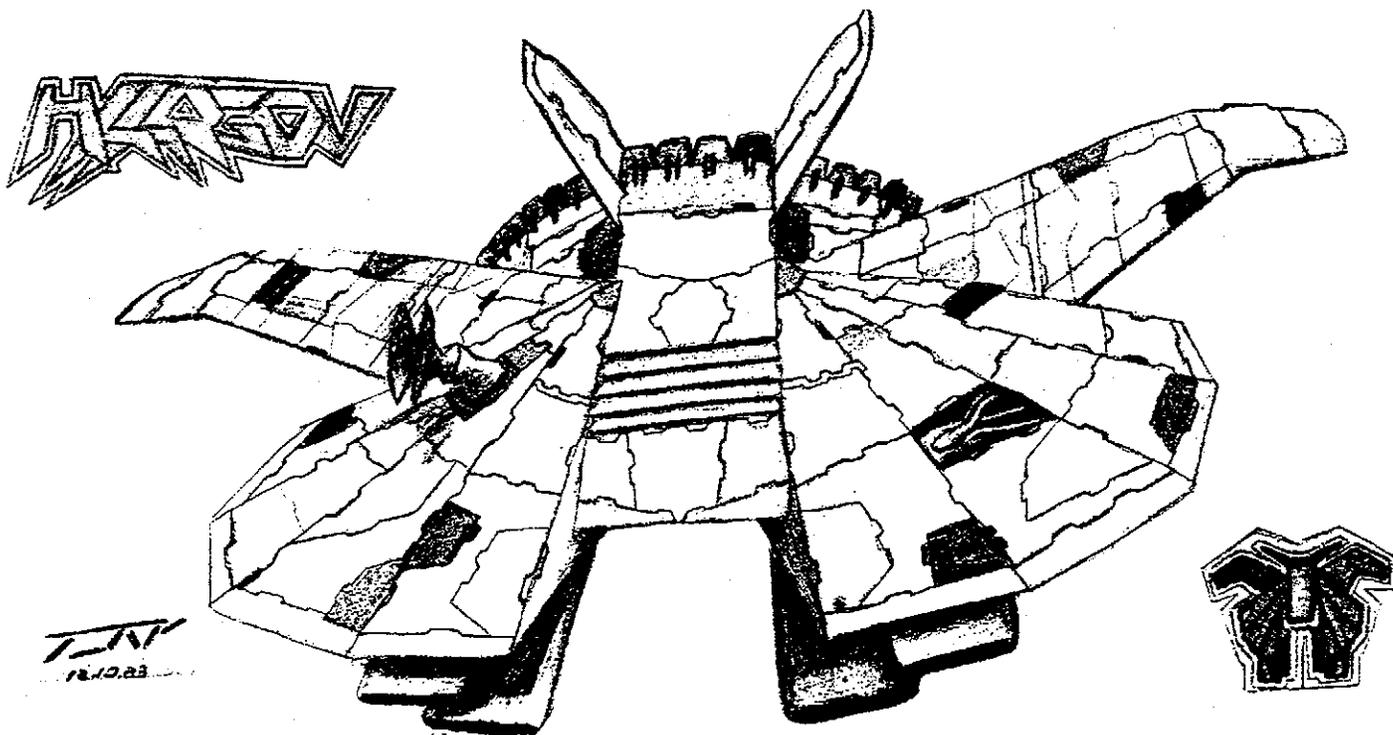
— Eu penso nos meus filhos, nos meus netos. Precisamos fazer alguma coisa.

Abri a boca para dizer que nem noiva ele tinha, quanto mais netos; mas nesse instante meus olhos bateram em algo e eu me senti enregelar de pavor. Parada ao chão, junto ao balcão do restaurante, estava uma barata azul, de um azul-profundo como de uniforme da Marinha. Olhando fixamente para nós dois.

— Foi azul claro ou azul escuro, Zé? — perguntei baixinho.

— Azul piscina, bem clarinho.

— Então tudo bem — suspirei aliviado. — Continuas me devendo uma prova concreta e palpável.



Zona de Fronteira

Fábio Fernandes

NEVERNESS

O que é o poder de uma resenha... Os leitores mais antigos hão de se lembrar que, há seis anos - como o tempo passa rápido! - eu e o Causo traduzíamos para o *Megalon* a coluna "Books to Look For", que Orson Scott Card publicava então na revista americana *Fantasy and Science Fiction*. De todos os livros resenhados por ele e traduzidos por mim, um em especial me chamou a atenção: um romance escrito por um autor iniciante, David Zindell. O universo épico e bizarro criado por ele me chamou a atenção, e eu fiquei com isso na cabeça.

Mas foi só um ano depois, em 1991, que eu literalmente daria de cara com o livro em questão. Numa viagem à Inglaterra, descobri o endereço da prestigiada livraria Forbidden Planet, e fui fazer uma visita. A "visita" se prolongou durante os quase trinta dias que passei em Londres, ao longo dos quais comprei cerca de quarenta livros, o que me custou boa parte do dinheiro que eu havia levado para a viagem.

No primeiro dia na livraria, uma lombada preta com letras douradas chamou minha atenção: peguei o calhamaço - cerca de 700 páginas - e o título original me fez lembrar do livro resenhado por Card. Comprei na hora.

Sou um leitor médio-ligeiro: leio com razoável velocidade, quando disponho de tempo e o livro não é chato. Os livros muito extensos normalmente apresentam o que convenicionei chamar de "faixa de chatice", que costuma começar na página 150 e às vezes se estende até a 250, e fazem com que eu muitas vezes interrompa a leitura. Não foi este o caso: li *Neverness* em menos de doze dias, sem cortes.

A história se passa num futuro muito distante e indefinido (por uma pista no final, aparentemente cerca de quinze mil anos), onde a Terra não é mais do que uma lembrança, e a Humanidade praticamente se espalhou pela galáxia. Contra esse pano de fundo gigantesco se destaca o planeta gelado Icefall, com sua única cidade, a multiplanetária Neverness, batizada ironicamente assim porque os primeiros humanos ao visitarem achavam que o planeta não se prestava à ocupação. Mas o mundo é tão inóspito que só essa imensa cidade foi construída, e nela convivem pacificamente humanos e alienígenas de várias espécies, em ambientes tão díspares quanto o Farsiders' Quarter (o "Distrito dos Estrangeiros", por assim dizer) e a Rua dos Mil Bares, cuja descrição de critérios para frequentadores deste ou daquele local (por exemplo, um determinado bar é somente para pessoas de certa casta, e outro apenas para quem saiba declamar haikais do planeta Simoom) é claramente inspirada em Jorge Luís Borges. Todo esse festival de misturas que constitui a cidade de Neverness é administrado pelo supremo governante Horthy Hothoh, o Timekeeper (literalmente, guardião do tempo, e o único no planeta a possuir relógios e... saber ler!)

A história começa com o retorno de Leopold Soli, considerado o maior de todos os membros da Ordem dos Pilotos. Ele fora dado como desaparecido após cerca de vinte anos, e de repente reaparece, dizendo ter vindo de perto de um buraco negro, onde recebeu uma mensagem codificada num feixe de laser. Essa mensagem seria dos Ieldra, a raça que semeou a galáxia com seu DNA, e que teria fugido para o buraco negro há milhões de anos (o leitor mais atento

vai encontrar uma ligeira semelhança com a saga de *Gateway*, de Frederik Pohl, mas somente nesse aspecto). Nesse feixe de laser, a seguinte mensagem: o segredo da imortalidade está contido no passado da raça humana.

É então que encontramos o protagonista, que é o sobrinho de Leopold Soli: Mallory Ringess, que apresenta uma semelhança perturbadora com o tio. Acompanhado sempre do fiel Bardo, seu colega na Academia de Pilotos, ele faz os votos de Piloto e, numa irresponsável bravata no balcão de um bar, faz na frente do tio o juramento de desvendar o segredo da imortalidade.

É então que Ringess parte numa peregrinação digna dos melhores livros de fantasia, onde verá maravilhas e viverá coisas que poucos humanos tiveram o privilégio - privilégio esse dúbio, aliás - de experimentar. Primeiro ele parte para o espaço profundo em sua nave, a Immanent Carnation, que não pilota da forma convencional, mas mergulhado num casulo de onde trava um contato puramente matemático com o universo para possibilitar a abertura de janelas no tecido de realidade e realizar o ato de "fenestrar", ou seja, passar por essas janelas - uma alternativa "Bill Gates" para o popular hiperespaço.

É no espaço que ele conhecerá muitos mundos diferentes e formas de vida bizarras, como a Entidade em Estado Sólido, cujos cérebros são do tamanho de luas, e que é considerada um Triângulo das Bermudas galáctico, porque até hoje ninguém saiu de lá com vida. Graças à ajuda do Timekeeper, que o ensina a ler (e ainda por cima poesia, condição *sine qua non* para enfrentar a Entidade, que depois sabemos ter sido uma mulher da espécie humana no pas-

sado), Ringess será o único a escapar vivo do coração da Entidade, mas não sem antes fazer uma promessa que terá de cumprir, e que afetará gerações: ele um dia deverá voltar e lá permanecer para sempre, como os demais pilotos que ali se aventuraram.

Ao voltar para Neverness, Mallory deduz que estava tudo diante de seus olhos o tempo inteiro e ele não havia percebido. É então que ele empreende uma viagem ao coração gelado de Icefall, onde vivem os Alaloi, humanos que se desiludiram com a sociedade e optaram por involuir artificialmente para Neandertais. Dessa vez ele irá com sua família, todos cirurgicamente disfarçados em neandertais: sua mãe, sua tia, Leopold Soli, e sua prima, a profetisa cega Catherine, pela qual se apaixonará e levará toda sua família à ruína... e à morte. À exceção de Leopold Soli e Bardo, todos são massacrados, e Mallory morre traspassado por uma lança Alaloi. Feliz ou infelizmente, ele escapa desse destino, sendo reconstruído no planeta aquático de Agathange, por outro contingente de humanos que decidiu brincar com o DNA de forma mais radical: são focas inteligentíssimas que conhecem todo o segredo do genoma... mas que também não podem, ou não querem, ajudar Ringess em sua jornada. Esse grupo tem um ar ligeiramente herbertiano dos personagens de *Duna*, mas Zindell cede à tentação fácil de transformá-los em personagens misteriosos e onipresentes, e portanto eles não são muito citados. Ringess é ressuscitado e retorna para Icefall, onde, entre outras coisas, provoca um cisma entre os pilotos e que entrará para a história dos mundos habitados como a Guerra dos Pilotos. Ele ainda retornará às vastidões geladas dos Alaloi, onde deixou muitos inimigos... e um amigo inesperado.

O livro não poderia terminar sem o clássico confronto final, com uma figura que estava - obviamente - ao lado do mocinho o tempo todo, ou quase, e que, movida por interesses

personais, secretamente conspirou nas trevas para que a missão de Ringess não chegasse ao fim. Mesmo com uma clara definição de vencedor e perdedor, o livro tem um final aberto, mas que não prejudica a trama: às margens do oceano gelado Starnbergersee, Mallory e Bardo discutem sobre tudo o que aconteceu e nosso herói relutante deve decidir se cumprirá ou não a promessa feita à Entidade em Estado Sólido.

Vocês já perceberam que o livro até parece space opera, não é? Errado: ele é space opera, no melhor sentido do termo. Bem no olho do furacão cyberpunk (o livro foi escrito no fim da década de 80 e publicado em 1990), Zindell se destaca como um escritor com idéias próprias, ainda que elas sejam uma extensão de outro movimento, que imperou nos anos 30 e 40. Mas é bom saber que alguém pegou um motivo tão importante para nós (quem aí não gosta de *Guerras nas Estrelas* que atire a primeira pedra) e o retrabalhou a um forma tal que não deixa ninguém constrangido pelo ridículo (como muitos livros que o tempo se encarregou de tornar obsoletos) e, o que é essencial para um tipo de história dessas, está repleto de ação do início ao fim. Estou arriscando, mas acredito que essa space opera vai agradar até a quem não é fã do gênero.

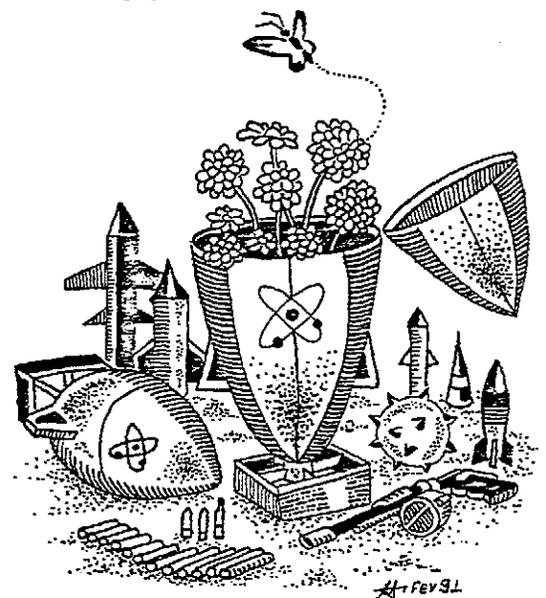
Na época em que li *Neverness*, eu ainda não assinava revistas estrangeiras, e fiquei curioso com o final, que, embora feche todo um ciclo, nos deixa querendo saber mais. Só em 1993, lendo uma entrevista com Zindell na *Locus*, descobri que na verdade *Neverness* é o primeiro de uma tetralogia. Até este momento, já consegui ler o segundo, *The Broken God*, e um fragmento do terceiro, *The Wild*, na Convenção Mundial de Ficção Científica (O quarto tem o título provisório de *War in Heaven*). Tudo o que li está a altura do primeiro livro, e em nenhum momento Zindell deixa cair o ritmo da ação e de sua preocupação com o tema da transcendência, o motivo básico dessa obra com um fôlego que lembra o

de Gene Wolfe em *The Book of The New Sun* (Quem quiser saber mais sobre essa obra pode consultar minha resenha da saga no *Megalon* 40).

Para quem não sabe, Zindell ganhou o prêmio do Writers of the Future em 1988, com o conto "Shanidar", na verdade uma lenda passada no universo de *Neverness*. Ao saber disso e verificar que não conseguia descobrir mais nada que ele tivesse publicado, a pulga atrás da minha orelha cresceu tanto que quase me deu uma hérnia de pescoço (isso existe?). Será que esse sujeito não sabe escrever mais nada?, pensei com meus botões. Quando li a entrevista da *Locus*, contudo, soube que Zindell já tem preparado o esboço de outra história após a tetralogia, e que não terá nada a ver com *Neverness*. Vai ser bom ver do que ele é capaz fora dessa ambientação que sem dúvida lhe foi tão cara.

Mas, se vocês querem minha opinião, será difícil, ao pegar o próximo livro de David Zindell, não esperar que desfilem por suas páginas a legião de personagens e lugares exóticos que passaram a povoar minha imaginação. Ler *Neverness* é um prazer tão grande para quem gosta de uma boa história bem contada que se tornou um de meus livros de cabeceira. Ele pode e deve ser lido.

Neverness (Grafton, Inglaterra, 1990, 670 páginas)



I, ASIMOV: A MEMOIR

Como os leitores devem saber, este livro não é de ficção científica. Mas será que isso realmente importa quando o assunto é Isaac Asimov? E, melhor ainda, Isaac Asimov por ele mesmo? Como ele mesmo diz no prefácio, é o seu assunto predileto. E não existe livro melhor para se ler do que um livro escrito com prazer.

Asimov já havia publicado duas partes de sua autobiografia, *In Memory Yet Green* (1979) e *In Joy Still Felt* (1980), mas não é preciso sair correndo atrás deles nos sebos. Justamente para evitar isso (pois há muito tempo esses dois volumes estão esgotados no mercado americano), Asimov resolveu fazer desse terceiro volume sua autobiografia definitiva, reunindo todos os dados anteriormente publicados. E, o que é melhor ainda, em tópicos: se desejar, você pode ler o livro de forma linear (como eu fiz, e foi ótimo) ou abordando apenas os tópicos que mais lhe interessarem. Exemplos? Cada um dos autores de sua época tem um tópico especial: de Robert Heinlein a Frederik Pohl, passando por Clifford D. Simak e Arthur C. Clarke. Também não faltam as editoras (Doubleday e Gnome Press), seus famosos guias (da Bíblia e de Shakespeare) e as revistas (*Magazine of Fantasy and Science Fiction* e *Isaac Asimov's Science Fiction Magazine*)

Está tudo lá: desde sua chegada da Rússia (que, ao contrário do que se veiculou por muitos anos, não foi uma fuga desesperada do regime comunista, mas uma viagem normal de imigrantes), da qual ele não se lembra, passando por sua infância difícil no Brooklyn, trabalhando na loja de doces do pai, e estudando e lendo pulp magazines nas horas vagas. Asimov discorre sobre sua família, sua visão de mundo. O livro é, mais que uma autobiografia de um homem, a história de um gênero: em 563 páginas de texto, mais um encarte especial de fotos e um apêndice que compreende *absolutamente toda* a obra do Bom Doutor, ficamos sabendo

do detalhes de sua vida familiar, relações com editores e escritores, e como surgiram diversas idéias para suas histórias e livros de não-ficção. Por exemplo, seu primeiro contato em 1938 com os Futurians, o mais famoso clube de ficção científica daquela época, cujos membros eram, entre outros, Frederik Pohl, Cyril M. Kornbluth e Donald Wollheim; a amizade com John Campbell, o lendário editor da *Astounding* (hoje *Analog*) e as influências positivas e negativas que ele teve sobre os autores de seu tempo. Foi Campbell, aliás, quem praticamente impôs a Asimov a tarefa de escrever *Nightfall*, tendo lhe dado inclusive o título já pronto da história. Aqui Asimov discorda de outro autor e historiador de ficção, Alexei Panshin (autor do clássico *Rite of Passage*), dizendo que Campbell não visava Asimov como o autor talhado para aquela história, mas que o teria escolhido somente por ele ter sido o primeiro a entrar naquele momento em sua sala. Muito embora Asimov não goste muito desse conto, ele é o primeiro a admitir que ele mudou sua vida; depois disso, segundo ele, nunca mais teve uma história rejeitada.

Ficamos sabendo também que, apesar de não ter lutado na frente de batalha durante a Segunda Guerra Mundial, ele se alistou e serviu, ao lado de L. Sprague de Camp e Robert Heinlein, na NAES (Estação Experimental Aeronaval) na Filadélfia; de sua proverbial fobia de altura e sua paixão por lugares fechados; e de detalhes desagradáveis, como seu infarto em 1977 e a ponte de safena tripla em 83.

A conclusão é de que o mais interessante - e engraçado - não é saber dos marcos literários de sua vida, mas ler os "causos" contados por Asimov, quase sempre envolvendo personalidades do mundo editorial americano, e as histórias de família. Asimov não se furta a falar a verdade, ao contar de sua antipatia por C. M. Kornbluth e Heinlein, do primeiro casamento fracassado e de sua incapacidade de lidar com o filho

mais velho, David, tão anti-social quanto o pai mas sem o brilho mental do mesmo. Sintomaticamente, não há sequer uma foto dele no livro. Ao contrário da filha Robyn, de quem Asimov mostra um indisfarçável orgulho, e que tem duas fotos no encarte.

Nem tudo são espinhos, contudo. A marca registrada de Asimov sempre foi o bom-humor, ele é uma constante ao longo de sua autobiografia. É um livro que você lê sem sentir, quase como se estivesse ouvindo o Bom Doutor contar pessoalmente todas essas histórias.

O livro foi escrito entre fevereiro e maio de 1990, dois anos antes da morte de Isaac Asimov. Ele sabia o que estava para acontecer, e se preparou da melhor forma que sabia: escrevendo. No epílogo, Janet Jeppson, segunda esposa de Asimov, cuida de preencher os detalhes do que aconteceu entre 90 e 92, contando os últimos episódios engraçados envolvendo o Bom Doutor e poupando-nos gentilmente dos últimos meses, em que os problemas de coração e dos rins o puseram de cama e o fizeram definir até a morte.

Como todo gênio, Asimov não levanta bandeiras a não ser a sua própria; certas opiniões, ainda que permeadas por sua lógica irrefutável, podem parecer libertárias ou conservadoras demais a certos leitores (suas observações sobre anti-semitismo e as críticas a certos escritores, como Heinlein e C.M.Kornbluth, por exemplo). Bom, o mundo está cheio de exemplos assim: nem Cristo conseguiu agradar a gregos e troianos. Mas Asimov consegue aqui o que muita gente boa não faz: abrir o coração inteiramente aos seus leitores. Ele diz o que pensa, não o que acha adequado. É claro que o estilo límpido e bem-humorado de Asimov faz tudo, até seus piores defeitos, parecerem geniais, mas mesmo essa atitude nos diz muito sobre a humanidade de Asimov. E, não sei se vocês vão concordar comigo, mas prefiro um escritor humano ao endeusado: como é bom saber que aquelas histórias de que a gente gostou tanto de ler quan-

do adolescentes (e mesmo agora, já burros velhos) saíram da cabeça de um ser igual a nós, com o mesmo potencial e as mesmas possibilidades de viver uma vida boa ou ruim. Para quem está começando agora a carreira de escritor, isso nos faz ter muita esperança em nosso próprio futuro. E para quem não é escritor, cá entre nós: fran-

camente, saber que existiu alguém assim não dá uma fé danada na espécie humana, apesar de tudo?

I, Asimov ganhou o Prêmio Hugo de 1995 na categoria não-ficção, e foi mais do que merecido. Mas, infelizmente, não parece provável que este livro seja publicado em português: quando questionada recentemente

sobre a viabilidade da publicação desta biografia no Brasil, a gerente editorial da Editora Record, Adélia Marques, disse que a editora não tinha interesse na publicação desse livro. É uma pena.

I, Asimov: A Memoir - Bantam Books, 1995, 578 páginas.



Fc Br

A Ficção Científica Brasileira Revista Por Jeremias Moranu

Quase oito anos atrás escrevi ao editor do *Megalon*, Marcello Branco, acusando a falta de resenhas e artigos sobre ficção científica e fantasia brasileiras, nesse fanzine que eu acabara de conhecer durante uma rara visita a São Paulo. O resultado foi Branco me convidar para fazer realizar esse trabalho. Passados tantos anos, ele torna a me pedir o mesmo, agora para a revista *Somnium*. O fato de eu não ser membro do Clube de Leitores de Ficção Científica (para quem já se perguntou a respeito) certamente tem um papel nesse novo convite. Pode significar que minhas resenhas serão relativamente independentes, mais baseadas nos meus próprios preconceitos do que em qualquer visão pré-concebida que esteja sendo nutrida nas diversas possíveis “facções” dentro do Clube. O convite também implica, após tantos anos, na mesma falta de críticos engajados na atividade aparentemente ingrata de avaliar autores brasileiros, com quem poderão cruzar em convenções e outros eventos, resultando em experiências desagradáveis. Tal carência, motivada não apenas por essa consideração, por si daria um ensaio de páginas e mais páginas, repletas de especulações que poderiam tanto estar próximas da verdade quanto do engano mais crasso.

Sou um leitor compulsivo. Minha profissão exige contínuas viagens para cidades do interior de São Paulo, longas horas gastas em quartos de hotéis baratos ou em bancos de ônibus. A leitura é o principal mitigador do tédio nessas horas, e ler ficção científica brasileira costuma ser tão instigante, intelectualmente se não esteticamente falando, do que ler *fc* estrangeira. O único problema desse estado de coisas está no fato de depender do “abastecimento” por parte alguns correspondentes que

têm sido especialmente pacientes e generosos em pesquisar, adquirir e me enviar o pouco da *fc* nacional que aparece a cada ano.

A conclusão mais óbvia, após tantas leituras, é de que a ficção científica brasileira se transformou bastante ao longo das décadas, mas continua presa a cacoetes que precisam ser abordados pelos autores. Coincidentemente, esta primeira coluna para o *Somnium* tem um trajeto que pode somar novos argumentos.

Os Que Já Se Foram

Recentemente reeditado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, **O Dr. Benignus** (Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994, 376 páginas. Prefácio de José Murillo de Carvalho, comentário de Fernando Lobo Carneiro, etc.), escrito por Augusto Emílio Zaluar e primeiro publicado em 1875, é um livro difícil de encontrar. Tive que encomendá-lo da própria editora (Av. Pasteur, 250 - 1.º andar - Rio de Janeiro-RJ, FAX: 021 295 1397). Trata-se de uma edição crítica, com várias introduções e uma explicação técnica quanto aos critérios de modernização da linguagem, e feita a partir da edição em livro, em dois volumes, de 1875. Os pesquisadores encarregados da edição crítica e dos comentários não esclarecem se o romance teve uma edição anterior sob a forma de folhetim, fato comum na época, mas há indicações claras nesse sentido, contidas na seção “Ao Leitor” (página 27): “Agradecendo cordialmente à ilustrada redação do *Globo* a benevolência com que lhe acolheu o meu trabalho, que hoje principio a publicar...”

José Murilo de Carvalho e Fernando Lobo Carneiro notam que o romance foi influenciado por Júlio Verne,

cujos romances *Da Terra à Lua* (1865) e *Vinte Mil Léguas Submarinas* (1870) são citados por Zaluar no romance. Isso torna *O Dr. Benignus* um dos primeiros exercícios literários brasileiros baseados no romance científico, como a ficção científica era conhecida no século XIX – uma ficção de aventuras com afinidade (às vezes bantante vaga) com a ciência –, o que foi reconhecido pelos próprios contemporâneos de Zaluar, demonstrando que o gênero era conhecido no país, àquela época. Camille Flammarion, astrônomo francês, também teria sido outra influência. Os escritos de Flammarion, mais afeitos à especulação do que à aventura de Verne, parece ter predominado na concepção do romance de Zaluar, que empreendera viagens exploratórias pelo interior do Brasil no início da década de 1860. *O Dr. Benignus* dá conta dessas andanças, na medida em que o protagonista repete parte do trajeto do autor, antes de enfiar-se no sertão selvático, em uma verniana viagem de balão.

Três coisas são especialmente notáveis nesse livro. Havia romance científico – e portanto ficção científica – no Brasil do século XIX. Essa ficção científica ainda imatura tinha a preocupação de reconhecer o país como geografia e realidade particular. O aspecto discursivo predominava sobre o aventureiro.

É possível, com base nessa última observação, admitir que não se trata de um romance científico. A palavra “romance” aqui, do inglês *scientific romance*, pressupõe a aventura, nota mais alta do “romanesco”. Aventura implica em avanços sobre terrenos perigosos, vidas ameaçadas, oposição de facções inimigas, e até mesmo jovens mulheres que devem ser protegidas por galantes aventureiros. Um recurso comum na época era ter um

personagem cerebral para responder pelos aspectos científicos/especulativos – como o capitão Nemo ou Robur, o Conquistador –, e, em outro plano, o herói e a mocinha. *O Dr. Benignus* não adapta à realidade brasileira todos esses elementos, mas nem por isso deixa de ser uma resposta a características e intenções do romance científico.

Invariavelmente, Dr. Benignus, o personagem, é descrito como um excêntrico que vê o mundo por uma ótica científica, o que dá ao autor a chance de expressar a sua erudição, às vezes em áreas em que apenas repete chavões de um senso-comum pouco intelectual e equilibrado. Como quando fala das mulheres, que, conforme o Doc Brown de *De Volta para o Futuro*, deveriam ser mantidas na categoria de “grandes mistérios do universo”, ao invés de definidas a partir de clichês. Mas o romance foi definido como “digressão humorística”, justificando essas pataquadas.

Viagem à Aurora do Mundo (São Paulo: Globo, 1996, 16a. edição, 325 páginas) foi comprado em uma banca de revistas, parte da coleção de obras completas de Erico Verissimo, lançada pela Editora Globo neste ano. Foi escrito em 1939, época em que Verissimo já chamava atenção, embora às vezes atacado pela crítica, por suas características populares (no que chegou a ser defendido pelo famoso Antonio Candido). É claro que este exercício de ficção científica, tanto didático quanto humorístico, foi criticado, e Verissimo toca na questão em seu prefácio. Interessante notar que ele escolheu para o romance uma estrutura de folhetim, quando essa forma já não tinha apelo, após o surgimento do romance moderno e regionalista no Brasil. Mas não se engane, nesta história do romancista Dagoberto Prata, que acaba se deparando com uma estranha família detentora de uma máquina do tempo, a aventura também não é a tônica – que fica por conta de um conflito amoroso (bastante mecânico e pálido, na estrutura do romance), entre Prata, a filha do cientista maluco, Magnólia, e

Jó, o capitalista do Rio de Janeiro que havia financiado o experimento.

Em muitos aspectos o romance lembra *O Presidente Negro* (1926), de Monteiro Lobato. Nessa obra, também um escritor acaba sendo abrigado pelo cientista que possui uma bela filha por quem o escriba se interessa. E a máquina do tempo criada por ele só capta imagens, sendo incapaz de projetar objetos ou seres no tempo. Os dois livros até mencionam a capacidade da máquina em captar “raios” ou “ondas Z”. Está claro que Verissimo leu e deixou-se influenciar por Lobato. A diferença maior está em Lobato ter escolhido ver o futuro, em uma delirante fantasia cheia de “racismo científico” sobre os Estados Unidos no 2228, e Verissimo o passado, partindo dos períodos mais antigos do desenvolvimento da vida no planeta, até a época dos grandes mamíferos, passando pelos dinossauros – o que liga *Viagem à Aurora do Mundo* a outro romance científico, *O Mundo Perdido* (1912), de Sir Arthur Conan Doyle, conforme Verissimo reconhece no prefácio.

Assim como no livro de Zaluar, a prática da ciência é vista como excêntrica e terreno do cômico. E assim como *O Presidente Negro*, a ciência no Brasil não tem a capacidade de alterar a ordem das coisas – existe apenas para permitir a um grupo de pensadores entreter-se com imagens de outras realidades, como se seu fim maior fosse nos fornecer um televisor maravilhoso.

A obra de Verissimo vai um pouco além nessa postura. Todas as maravilhas testemunhadas se dão no ambiente cômico de uma família cujos irmãos perseguiram campos diferentes do conhecimento – a ciência natural e a ciência teórica, a filosofia, a arte, a teologia –, campos que o autor vê como conflitantes e bastante rasos em suas preocupações, incapazes de cruzarem as próprias fronteiras inflexíveis.

Essas duas evidências parecem mostrar que a influência do romance científico no Brasil gerou um objeto que se assemelha muito mais às sátiras antigas, mais associadas à proto

ficção científica, destituídas de aventura ou de dramas humanos melhor ensaiados, e mais centradas no comentário social irônico e na exibição de espiroituosidade. Essa defasagem parece ser a norma na ficção científica em língua portuguesa, se pensarmos, por exemplo, em *A Relíquia* (1887), de Eça de Queiroz, que leva seu protagonista aos tempos de Cristo, em uma viagem de *sonho*, algo que há décadas já havia sido substituído por drogas, sonos catatônicos e mais tarde, finalmente, pela máquina do tempo de H.G.Wells.

Os Que Vêm Por Aí

Muito tempo se passou e a ficção científica brasileira evoluiu, especialmente depois de Jerônimo Monteiro, na década de 1940, para uma prática que acabou sendo, mais do nunca, influenciada pelo autor estrangeiro. De Ray Bradbury, na época da Geração GRD, aos diversos autores norte-americanos que estão subjacentes na produção atual. E até mesmo influências extra-literárias vêm se somar.

É o que ocorre com **Espada da Galáxia** (São Paulo: Editora Trama, 1995, 280 páginas), de Marcelo Casaró. Aliás, aqui não faltam aventuras.

Infelizmente trata-se de um livro que você não encontrará facilmente nas livrarias, pois a editora optou por enfatizar a venda pelo reembolso postal (Caixa Postal 19113, São Paulo, SP, 04505-970).

Este romance para o leitor jovem inicia de um modo bastante brasileiro, mostrando um encontro de crianças em um sítio, com criaturas alienígenas, no que, localmente, era confundido com o “folclore” do “comelíngua”. Mais tarde essas crianças vão crescer para se reencontrarem com alienígenas semelhantes, os metalianos, em circunstâncias bem diferentes.

Os metalianos têm concepção visual interessante (o livro é ilustrado pelo autor, um talentoso desenhista), mas concepção científica falha. A ciência no romance, aliás, deixa muito a

desejar. A inconsistência o faz se aproximar muito mais do *space opera* do que da ficção científica *hard* espacial de, digamos, Jorge Luiz Calife e Henrique Flory. E na composição dessa *space opera* não entram *Duna*, nem a série *Fundação*, nem *A Saga dos Príncipes Demônios*, mas as tais influências extra-literárias, provenientes de um mundo mais visual que literário: *Jornada nas Estrelas*, *Guerra nas Estrelas*, além de desenhos animados e histórias em quadrinhos japonesas, que respondem pelos personagens reunidos em um grupo adolescente que usa espadas feitas de metal indestrutível.

Cassaró escreve bem, de um modo direto, claro e eficaz. Os protagonistas são mais alienígenas que terrestres – as autoridades metalianas mandam um grupo de heróis para impedir que o “capitão Cursor” elimine a humanidade, que ele considera culpada pela morte de uma metaliana que estivera aos seus cuidados. Cursor teria até mesmo sido o responsável pela destruição do ônibus espacial *Challenger*. Nas muitas indas e vindas do enredo, que se desenrola às vezes com hábeis *flashbacks*, Cassaró nunca se perde. Ele apresenta uma “espécie” de robôs inteligentes inspirados certamente nos desenhos *Transformers*, para somar às potências em conflito.

Espada da Galáxia, cujo universo ficcional vem sendo desenvolvido em contos publicados nas revistas *Dragão Brasil/Só Aventuras*, da mesma editora, e em RPGs assinados por Cassaró, é um romance movimentado e divertido, cujo maior interesse está justamente em ser escrito a partir dessas influências vindas da ficção científica conforme traduzida pela indústria cultural (ou *sci-fi*, como diria Norman Spinrad). É divertido pensar em como os elementos dessas influências encontraram analogia em um texto fluente e agradável. *Espada da Galáxia* é uma pequena contribuição para aquela classe de obras de ficção científica que explora com inventividade a cultura pop, mas fica claro que os substanciais talentos do autor seriam melhor aproveitados em uma obra que se preocupasse em ser verossí-

mil, em criar personagens redondas, em investigar a realidade imediata do Brasil. Nesse último aspecto, a presença de brasileiros é eventual, e a ciência da qual eles partilham não é brasileira – Alex, uma das crianças que tivera aquele contato imediato, fica tão impressionado com ele que se torna um técnico não do INPE, mas da NASA.

H. P. Lovecraft tem sido uma grande influência em todo o campo do horror moderno, porém o horror mais bem-sucedido deve mais àqueles autores que, como Robert Bloch, começaram como seguidores e terminaram como dissidentes. O que Lovecraft melhor produziu em termos de descendência literária direta, que mantém suas características essenciais, é um norte-americano de nome Thomas Ligotti, que tem a vantagem de ser um escritor bem mais habilidoso que o mestre.

No Brasil, Lovecraft também tem seus discípulos. O melhor deles é Carlos Orsi Martinho.

Seu primeiro livro, **Medo, Mistério e Morte** (São Paulo: Editora Didática Paulista, 1996, 165 páginas), me foi enviado por Roberto Causo, acompanhado de uma história das mais improváveis: A editora está vendendo o livro apenas como parte de uma coleção de vinte livros. Ou você compra os *vinte*, ou nada feito, de modo que você terá que pedir o livro diretamente ao autor (Rua Joaquim P. de Oliveira, 330, Jundiá-SP 13200-470). A única vantagem é que o livro se torna, automaticamente, um item de colecionador dentro da nossa minúscula comunidade de ficção científica.

O livro é mal feito. Não traz o título na lombada, está cheio de erros tipográficos e de diagramação (incluindo o título de uma história aparecendo no pé da última página do conto precedente) e uma marcação de diálogo das mais confusas (o que é agravado pela tendência de Martinho em recortar demais os diálogos com intervenções do narrador). Veja isto:

– Na verdade, quase isso. Desde que Cíntia morreu, comecei a pesquisar um pouco sobre... fez uma pausa, isso

vai soar meio ridículo para você, mas tudo bem. Respirou fundo... as verdades últimas da existência... (páginas 25-26)

Agora veja se não fica mais fácil:

– Na verdade, quase isso. Desde que Cíntia morreu, comecei a pesquisar um pouco sobre... – fez uma pausa. – Isso vai soar meio ridículo para você, mas tudo bem. – Respirou fundo. – As verdades últimas da existência...

Não cabe ao resenhador revisar um livro já publicado. Cabe à editora, o que demonstra o amadorismo da Didática Paulista. Um amadorismo que aparece também na adequação do livro ao mercado que ele pretende alcançar: o rico mercado infanto-juvenil. No conto “Noite de Samhain”, o narrador é “fecundado” por parasitas que vão se alojar em seus intestinos, depois que ele pratica o *cunilíngus* em uma morta-viva. Soa como o tipo de leitura que você daria aos seus filhos ou alunos?

Mas tudo isso importa menos que a qualidade dos contos contidos no volume. São seis, iniciando com “A Maldição do Ang-Mbai-Aiba”, recentemente visto na *Dragão Brasil* 16. O protagonista – neste conto que é o único não narrado em primeira pessoa – é o perito enviado por um museu até a mansão de um velho estrangeiro chamado Freidrich Spinnen, que detém um conhecimento arcano compilado por missionários jesuítas, a partir das tradições orais de índios brasileiros. O conto acaba tentando adaptar a perspectiva lovecraftiana de um soro capaz de reviver os mortos, obtido a partir de uma sabedoria perdida, a um contexto brasileiro onde a fonte dessa sabedoria é indígena. A intenção é louvável, mas talvez o resultado não esteja à altura.

“Noite de Samhain” tem atmosfera surrealista com traços do gótico, no qual o clima de depravação e sobrenatural se ergue a partir das descrições do ambiente. Há aqui a sexualidade explícita que já mencionamos, e isso, associado a algumas imagens especialmente poderosas, compõe um quadro impressionante. Não obstan-

te, o conto é mais um primeiro rascunho, que uma história plenamente desenvolvida.

O mesmo se dá com “A Fábrica”, publicado originalmente no *Megalon* e ganhador do Prêmio Nova para Melhor Ficção Curta-Fã de 1995. A presença gótica é explicitada na própria premissa central, de que o espaço físico de uma habitação pode abrir portais para dimensões secretas, povoadas por monstros indescritíveis. De novo Martinho tenta condicionar essas influências lovecraftianas à paisagem brasileira. Ele criou uma cidade fictícia, Açaraí, tão afeita ao sobrenatural quanto a Castle Rock de Stephen King. Seu protagonista é um estudante de arquitetura que é cooptado pela polícia de Açaraí para ajudar na investigação de crimes seriados, aparentemente perpetrados por seu professor. O potencial da história, no entanto, é muito maior do que os breves efeitos que Martinho alcança.

“Estranhos no Ninho” outra vez começa com uma locação interessante para os mistérios e terrores, mas termina sendo insatisfatória em seu desenvolvimento. O narrador é um professor universitário que é chamado, em termos muito misteriosos, a pesquisar um sítio arqueológico situado em uma ilha povoada por corujas em perigo de extinção. Logo ele descobre que o lugar fora também o último refúgio de uma espécie de vampiros, empurrados para lá pelo avanço da humanidade, o que me faz pensar nas semelhanças com a premissa que Gerson Lodi-Ribeiro vem desenvolvendo em suas histórias da República de Palmares, no *Somnium*. Este conto é um dos poucos no livro que tem final feliz – ainda que insatisfatório.

“Projeto Cassandra” também fala de uma espécie que vem se aproveitando da humanidade há muito tempo, mas o conto é um refresco de toda essas “lovecraftices”. Uma atualização, talvez, sob a forma de um conto de “ficção ufológica”, como Roberto Causo define a ficção científica baseada em temas que se apro-

ximem da “ufologia”. A história leva o protagonista, novamente alguém vinculado a uma universidade, a investigar desaparecimentos de pessoas, que desemboca em sua própria abdução por alienígenas. Desenvolvido com menos precipitação, trata-se de um dos candidatos a melhor conto do livro, embora prejudicado especialmente pelos diálogos que se dão no momento mais revelador.

A última história é “Aprendizado”, conto de estréia, publicado em 1992 na *Isaac Asimov Magazine* 24. Trata-se de uma ficção científica bem misturada com imagens de fantasia. Uma história de viagem fantástica, leva a expedição de uma universidade até o testemunho de uma cena grotesca que remete ao horror. Esse conto se revelou popular entre os leitores da *Isaac Asimov Magazine*.

Carlos Orsi Martinho é um autor talentoso, que desenvolve bem os elementos e efeitos que se propôs a controlar. Em seus contos predomina a primeira pessoa, e sua prosa tem uma qualidade arcaica, quase acadêmica que também suporta os efeitos pretendidos. Povoam as suas histórias objetos e conhecimentos arcanos, criaturas antigas que dominaram antes do homem, em alusão clara a Lovecraft. Há também essa profusão de adjetivos e metáforas “de horror”, acentuando o aspecto “antigo” do texto. Seus personagens são superficiais, frios, distantes, às vezes amorais. Fica claro que eles estão ali prestes a serem vítimas de violência ou de corrupção, tornando-os previsíveis. Mas Martinho também tenta colorir suas intenções góticas com traços da paisagem brasileira, e se esse processo não alcançou ainda seu melhor momento, a busca é das mais louváveis. *Todos* os protagonistas tem algum envolvimento com instituições acadêmicas como faculdades, centros de pesquisa ou museus, o que mostra uma preocupação do autor em marcar sua autoria. Mas essa intenção se enfraquece diante da imitação de Lovecraft.

Assim como outros autores bra-

sileiros que partem da imitação – como Calife que imita Arthur Clarke, e Roberto Schima que imita Ray Bradbury –, Martinho não a transcende.

É impossível reinventar a ficção científica e a fantasia ou o horror. A influência é inevitável, e a imitação é, em certa medida, louvável. Mas há sempre uma hora em que é preciso sair do ninho, e buscar uma originalidade que venha do pessoal ou da cultura do meio ao qual pertence o autor.

Ainda em 1996 Roberto Causo tratou em sua coluna na revista *Locust* da dificuldade que o horror brasileiro tem de libertar-se do pastiche e da sátira. Cita os pastiches lovecraftianos de Martinho e de Miguel Carqueija, mas também o horror cheio de clichês de José Mojica Marins, e o horror feito em cima de pastiches de filmes-B, em outro cineasta, Ivan Cardoso. É como se nos fosse impossível aceitar que o horror (ou a ficção científica, ou a fantasia) sejam objetos de investigação legítima. O pastiche e a sátira apenas enfatizam a nossa adesão de leitores ou espectadores do gênero, dificilmente construindo novas visões dentro dele.

Isso se daria também na antiga ficção científica brasileira, onde o cientista nunca era alguém a se levar a sério, e onde a ciência era estranha à realidade do país. As maravilhas da ficção científica eram vistas não em primeira mão, mas por um visor que não nos permite nada além de um testemunho passivo. A máquina do tempo que não transporta (e não transforma), ou a televisão que substitui a influência literária. E a influência literária estrangeira, tão forte que não conseguimos ultrapassá-la para abordar os seus temas. Ao invés, nos contentamos em abordar a *própria influência*.

Inclino-me a concordar, e lamento que o Movimento Antropofágico da Ficção Científica, lançado em 1988 nas páginas desta publicação, não tenha conseguido mudar esse quadro.

Compre, leia, colabore com os fanzines brasileiros de ficção científica!

• Astaroth•

Editor: Renato Rosatti. Irregular, formatinho, 4 páginas. Um dos zines de maior tiragem, é distribuído gratuitamente. Destaque para artigos, contos e ilustrações voltados para o horror.

Rua Imão Ivo Bernardo, 40 CEP 04772-070 São Paulo, SP.

• Borduna & Feitiçaria•

Editor: Roberto de Sousa Causo. Irregular, A4, 16 páginas. Primeiro fanzine brasileiro especificamente voltado à fantasia heróica. Contos, artigos, resenhas e ilustrações.

Rua André Dreifus, 109/163 São Paulo, SP 01252-901

• Diário do Fandom•

Editor: Roberto de Sousa Causo. Bimestral, A4, 8 páginas. Informativo sobre as novidades da ficção científica brasileira e internacional. Tem também resenhas sobre lançamentos na área de FC&F. Rua André Dreifus, 109/163 São Paulo, SP 01252-901

• Hiperespaço•

Editores: Cesar R.T. Silva & José Carlos Neves. Bimestral, formatinho, 16 a 20 páginas. O mais tradicional fanzine brasileiro de ficção científica. Também é o mais variado quanto a temas e ousado em sua diagramação. Contos, artigos, ilustrações, quadrinhos, modelismo, cinema, TV, vídeo, animação. Caixa Postal 375 CEP 09001-970 Santo André, SP.

• Informativo Perry Rhodan•

Editor: Alexandre Pereira dos Santos. Bimestral, formatinho, 12 a 16 páginas. Fanzine importante para os fãs da série alemã no Brasil, inspirou a criação do "Perry Rhodan Fã Clube do Brasil", do qual é agora seu órgão oficial. Muita informação, curiosidades, artigos, ilustrações. Rua André Marques, 209/09 CEP 97010-041 Santa Maria, RS.

• Juvenatrix •

Editor: Renato Rosatti. 3 a 4 edições por ano, formato ofício, 20 páginas. Um dos melhores zines em atividade em nosso fandom. Tem como prioridades artigos sobre cinema e contos de ficção científica e, principalmente, horror. Atualmente também tem publicado muitas histórias em quadrinhos. Rua Imão Ivo Bernardo, 40 CEP 04772-070 São Paulo, SP.

• Megalon•

Editor: Marcello Simão Branco. 5 edições por ano, formato ofício, 30 a 40 páginas. O mais importante e premiado fanzine brasileiro de ficção científica, vencedor de 6 Prêmios Nova em 8 anos de publicação. Prioriza a literatura (contos, artigos e notícias), mas também abre espaço para cinema, quadrinhos e ilustrações. Av. Clara Mantelli, 110 CEP 04771-180 São Paulo, SP.

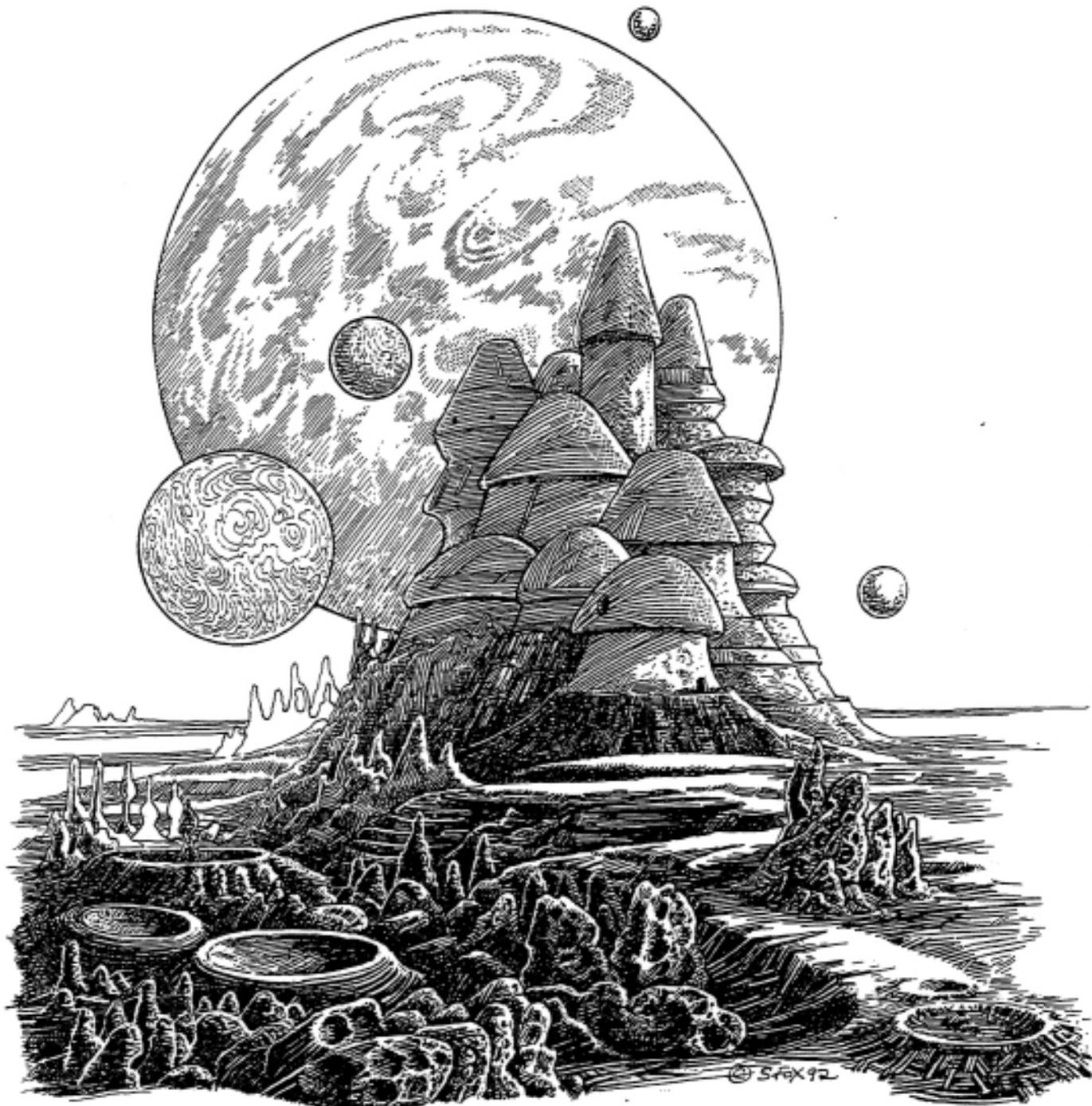
• Notícias... do Fim do Nada•

Editor: Ruby Felisbino Medeiros. Trimestral, formato ofício, 30 páginas. Volta-se mais à literatura, com contos, artigos e publicação de listas de livros e autores. Especialmente interessante para colecionadores, também é um importante pólo do fandom gaúcho. Rua Comendador Azevedo, 506 CEP 90220-150 Porto Alegre, RS.

• Papêra Uirandê•

Editor: Roberto de Sousa Causo. Irregular, ofício, 36 páginas. O retorno em grande estilo do mais crítico e polêmico zine de ficção científica do País. Artigos, resenhas e ensaios sobre o estado do gênero no Brasil e no Exterior. Agora aceita a publicação de contos. Rua André Dreifus, 109/163 - bloco 2 - São Paulo, SP - 01252-901.

SOMNIUM



CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Reuniões mensais, todos os últimos sábados de cada mês,
das 14 as 17 horas, na Rua José Paulino nº 7 (próximo ao Metrô Luz)

Correspondência:

Cx. Postal 2105, S. Paulo/SP - 01060-970 - Brasil

E Mail: clfc@dks.com.br